







A L A G O A S

MEMÓRIA DAS MÃOS

ALAGOAS  
*feita à mão*



## GRANDE PODER

O nosso Deus corrige o mundo pelo seu dominamento  
Sei o que a terra gira com o seu grande poder  
Grande poder com o seu grande poder

A terra deu, a terra dá, a terra cria  
A terra cria, a terra deu, a terra dá  
A terra voga, a terra fica, a terra há  
A terra acaba com toda má alegria  
A terra acaba com inseto que a terra cria  
Nascendo na terra, nessa terra há de viver  
Morrendo na terra, para essa terra é de comer  
Tudo que vive nesse mundo pra essa terra é alimento  
Deus corrige o mundo pelo seu dominamento  
Sei que a terra gira com o seu grande poder  
Grande poder com o seu grande poder

Porque no céu a gente vê uma estrelinha  
Aquela estrela começa a se mudar  
Aquela estrela começa a passear  
Tem uma mais acesa outra mais apagadinha  
Tem uma maior tem outra mais miudinha  
E às seis horas da manhã ela começa a se esconder  
Às seis horas da noite é que torna a aparecer  
Só é quando ela brilha em cima no firmamento  
É porque Deus corrige o mundo pelo seu dominamento

O homem planta um rebolinho de maniva  
Aquela maniva com dez dias tá inchada  
Começa nascer aquela folha orvalhada  
Ali vai se criando aquela obra positiva  
Muito esverdeada muito linda e muito viva  
Embaixo cria uma batata que engorda e faz crescer  
Aquilo dá farinha pra todo mundo comer  
Para toda criatura vai servir de alimento  
Deus corrige o mundo pelo seu dominamento

Ô meu amigo em você eu me confio  
Eu me confio que meus olhos correm n'águas  
Eu admiro uma piaba dentro d'água  
Ela faz a morada não sente calor nem frio  
Se o sol esquenta ela precura um sombrio  
Na toca de uma barqueira pro mode se esconder  
Arruma lodo começa a comer  
Quer dizer daquele lodo vai servir de alimento  
Nosso Deus corrige o mundo pelo seu dominamento  
A terra gira com o seu grande poder  
Grande poder com o seu grande poder

*Mestre Verdelinho*

Mario Francisco de Assis, mais conhecido como **Mestre Verdelinho**, conquistou Alagoas e o Brasil com suas rimas e o gingado do pandeiro. Obteve tanto êxito, que foi reconhecido pelo mestre Ariano Suassuna como um dos maiores poetas populares que ele havia conhecido.

LINHA DO TEMPO

14

33

ALAGOAS FAZ CULTURA  
COM AS PRÓPRIAS MÃOS

ARTE POPULAR,  
CONTEMPORÂNEA  
OU LIVRE EXPRESSÃO?

281

287

ARTE POPULAR COMO  
POLÍTICA PÚBLICA

REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS

298

MAPEAMENTO

41

A CIVILIZAÇÃO DA LINHA

41

REGIÃO METROPOLITANA

65

ZONA DA MATA

83

LITORAL NORTE

111

ILHA DO FERRO

127

LITORAL SUL

199

BAIXO SÃO FRANCISCO

219

AGRESTE

237

SERTÃO

253



## A ARTE QUE NASCE DO POVO



Este livro que chega às suas mãos traz a história de mãos alheias, quase todas anônimas, que criaram beleza ao longo de cinco séculos nestas terras que hoje se chamam Alagoas. A arte popular alagoana, que encanta brasileiros e estrangeiros, vai conquistando o lugar que merece pela riqueza temática, pelo apuro no fazer e pela delicadeza de formas, mesmo quando feita a partir de matéria-prima bruta. Em duas palavras, ela é sofisticada na sua simplicidade. Aqui está reunido o acervo cultural que resultou nesta forma única de fazer arte a partir do fio, da madeira, do barro, das fibras, daquilo que a natureza generosa fornece e a vida, através das gerações, ensinou a manipular.

As peças que hoje nos maravilham não nasceram como arte; tornaram-se arte quando se descobriu quanta beleza havia nelas. Foram criadas pela necessidade, como utensílios, painéis e vasos, colheres, remos, os fios tecidos para vestir e proteger, a rede para pescar e a rede para dormir, as armas primitivas de caça e guerra, tudo que a necessidade de sobreviver exigia da inteligência e da habilidade manual. Originalmente pelas hábeis mãos indígenas nativas, depois pelas mãos negras e caboclas, e mais tarde ganhando aqui e ali um pouco do elemento europeu. É dessa mestiçagem cultural, desse colorido humano que vem a arte popular alagoana. É o mesmo que dizer: deste caldo de cultura viemos nós.

Merece registro outro fato importante: a riqueza e a variedade do artesanato alagoano estão presentes, desde antes da Colônia, em todos os cantos do estado, diferente de outras partes do país, em que ele está limitado em polos geográficos. O valor deste livro, para além do registro de belas imagens, depoimentos e roteiros histórico-culturais, é demonstrar que a arte nascida do povo é uma forma importante de informação e formação.

A publicação também registra a trajetória e os resultados do Programa Alagoas Feita à Mão, lançado em 2015 e que chega em 2022 com mais de 16 mil artesãos cadastrados. Um programa estadual que nasceu com um planejamento estratégico próprio, que parte do reconhecimento da arte popular e seus representantes como um importante instrumento do desenvolvimento local. A iniciativa é focada na gestão de resultados e realiza visitas técnicas em todas as regiões do estado, onde mais de uma centena de placas de sinalização do programa foram instaladas em ateliês e associações, simbolizando que ali mora e trabalha uma artesã ou artesão, que ali está presente nossa Alagoas Feita à Mão.

O Governo de Alagoas se orgulha de entregar esta obra que representa a ancestralidade dos alagoanos, nossa cultura, e trilha um caminho promissor para a economia criativa.

*Renan Filho*  
*Governador do Estado de Alagoas*



## EM PRIMEIRA PESSOA

Quando conheci Alagoas, o olhar de quem nasceu no coração do Brasil foi surpreendido pela vastidão das paisagens marinhas, em tons de azul do litoral. A curiosidade aumentava na medida que os cenários se sucediam, como o verde dos canaviais que dominam a Zona da Mata, onde tive a oportunidade de morar. E quanto mais avançava, mais me surpreendia.

O Agreste invadiu minhas retinas com seus tons avermelhados, que tornam vivas as imagens descritas por Graciliano Ramos em sua literatura. Ao me deparar com o São Francisco, vi, como na profecia, o Sertão virar mar. O rio de águas doces desenhando cânions na geografia árida, transformando por completo a região.

Ao ser honrada com o posto de primeira-dama dos alagoanos, percebi que minha paixão havia fincado raízes. Eu queria conhecer mais a fundo a história deste lugar que também já era parte de mim, da minha jornada. A arte popular foi um caminho natural. A criatividade, a paleta de cores e o uso das matérias-primas locais já haviam me fascinado. Mas eu me perguntava: quem são essas pessoas? Quais histórias de vida são contadas através de manifestações artísticas tão diversas? Sei que toda narrativa carrega consigo uma memória, uma ancestralidade. Quando idealizamos o Programa Alagoas Feita à Mão, sabíamos que a cultura material e imaterial do nosso povo tinha um começo, uma trajetória, uma linha do tempo. E, no presente, vidas que carregam consigo muitas lutas, dificuldades, ensinamentos.

Lembro a primeira vez que visitei, na zona rural de Belo Monte, o Mestre Jasson. Foi uma longa jornada, percorrendo estradas de terra até chegar ao seu reino encantado, onde flores de mandacaru brotam em troncos de madeira. Animais e seres imaginários esculpido na madeira, ricamente adornados, ganham vida revelando o universo onírico da Caatinga alagoana.

O mesmo deslumbramento se deu quando estive na Ilha do Ferro, em Entremontes, em Capela, nos povoados quilombolas do Muquém e da Serra das Viúvas. Eu pude ouvir deles, do Litoral ao Sertão, a genuína voz alagoana, que mistura ingredientes, como doçura e bravura, numa receita que resulta em economia criativa, arte, cultura, história e enredos para muitos filmes, exposições e livros.

Foi viajando e conhecendo de perto esses personagens tão reais que tive a chance de apertar a mão dessas mulheres e desses homens que trazem a memória na palma das mãos. Nas próximas páginas, apresentamos um pequeno recorte dos últimos anos, certos de que o feito à mão trança, molda, esculpe e borda o futuro de Alagoas.

*Renata Calheiros*

*Primeira-dama de Alagoas e embaixadora do Programa Alagoas Feita à Mão*

# 1501

## "POR MAIS DISTANTE O ERRANTE NAVEGANTE QUEM JAMAIS TE ESQUECERIA?"

"As selvas amplas e densas, a terra fértil e amena, com colinas, montes e infinitos vales, rios em abundância e saudáveis fontes" faziam parte do cenário descrito, em 1501, pelo navegador Américo Vespúcio, durante viagem de reconhecimento do litoral brasileiro, avistado no ano anterior pela esquadra de Pedro Álvares Cabral. Longe de uma descoberta, as cartas que guiam a narrativa historiográfica sobre o Novo Mundo demonstram, portanto, que ele já existia.

No dia 4 de outubro daquele ano, Vespúcio e André Gonçalves (ou Gaspar de Lemos, para alguns autores) alcançaram a foz do Rio São Francisco, chamado Opará na língua tupi, demarcando o sul do que viria a ser, pouco tempo depois, a Capitania de Pernambuco. Mas, o contorno do rio já era a fronteira natural de uma terra com sinais muito próprios, desde sempre, por características que vão além dos atributos geográficos.

O historiador Craveiro Costa faz questão de assinalar, na sua *História de Alagoas*, que a Emancipação Política de 1817 não foi um capricho de D. João VI ou um prêmio pela lealdade dos habitantes do sul contra a Revolução Pernambucana, como pontuaram Cândido Mendes e Pereira da Costa. O que aconteceu desde as primeiras expedições exploratórias e posterior povoamento, inicialmente da faixa litorânea e depois dos sertões, já demarcava um território e um povo com hábitos e costumes próprios.

Segundo Thomaz Espíndola, autor de *A Geografia Alagoana*, livro publicado na segunda metade do século XIX, a figura topográfica da província "assemelha-se a um trapézio, ou antes a um triângulo trancado". O autor deixa claro que os limites em parte do norte, noroeste e leste-oeste ainda não se achavam bem definidos, por conflitos de jurisdição com a província de Pernambuco. Mas faz questão de destacar: "a constante umidade do clima e grau de calor são condições peculiares de sua fertilidade, que manifesta-se na riqueza de sua flora e na beleza dessas matas virgens de aspecto tropical".



Porto Real do Colégio, 2019

# 1556

**"QUEM ME DERA AO MENOS UMA VEZ  
QUE O MAIS SIMPLES FOSSE VISTO  
COMO O MAIS IMPORTANTE"**

Era nessa paisagem idílica, descrita pelo próprio Américo Vespúcio como o Paraíso na Terra, que viviam as populações nativas, em sua maioria de origem tupi, como os caetés, que dominavam as terras do sul de Pernambuco. Apesar das intensas lutas internas travadas com potiguaras e tupinambás, o povo originário predominante em Alagoas era hostil aos portugueses, que ansiavam por dominá-los para a servidão. Eles mantinham, entretanto, relações mais amigáveis com corsários que traficavam o pau-brasil nas primeiras décadas do século XVI, principalmente os franceses.

Conhecidos ao longo da história, contada pelos brancos, como um povo guerreiro e selvagem, os caetés são protagonistas do primeiro episódio formador do imaginário alagoano, o ritual antropofágico que teria ocorrido em 1556, entre as barras dos rios São Miguel e Coruripe.

Os escritos do Frei Vicente do Salvador dão conta do naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda, que conduzia, de volta a Lisboa, D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil. Além do sacerdote, cerca de 100 pessoas teriam sobrevivido ao infortúnio, mas foram surpreendidos pelos caetés quando se deslocavam para Olinda. "Saqueados, despedidos, atados fortemente, foram mortos e comidos, um a um", relata Craveiro Costa.

A notícia abalou os colonos e enfureceu os portugueses. Liderados por Jerônimo de Albuquerque, brancos e índios de tribos rivais empreenderam uma perseguição aos caetés que duraria cinco anos. Todas as aldeias e tabas entre o Rio São Francisco e o Cabo de Santo Agostinho foram dominadas pela fúria e pela vingança. "A tudo o fogo consumiu e a bala despovoou". Exaustos e famintos, os que sobreviveram ao genocídio foram condenados à escravidão perpétua, por ordens do rei.

Os fatos são assim narrados pela historiografia oficial, com uma fatura alegórica que ganhou interpretações no teatro, no cinema e na literatura, servindo até como marco temporal na assinatura do Manifesto Antropófago dos Modernistas Brasileiros, escrito por Oswald de Andrade. A forte resistência contra a dominação portuguesa selou o destino dos caetés, que, resistentes, não cediam à subordinação. São ecos de uma luta travada até os dias atuais, que opõe conceitos, como civilização e barbárie, colonialismo e servidão.



Penedo, 2018

# 1560 — 1611

**"COM AVENCAS NA CAATINGA  
ALECRINS NO CANAVIAL  
LICORES NA MORINGA  
UM VINHO TROPICAL"**

As primeiras décadas do século XVI foram marcadas pelo quase desinteresse da Coroa portuguesa no povoamento do novo território, empenhados que estavam na exploração do comércio de especiarias e metais preciosos com o Oriente. Mas, o crescente avanço de corsários europeus, ávidos pelo tráfico de pau-brasil, despertou a necessidade de fixação de colonos portugueses no Atlântico Sul.

Em relação a Alagoas, Dirceu Lindoso questiona: "Por que estamos aqui, nós que viemos de partes tão distantes e diversas?". Ele argumenta que não existem evidências históricas ou antropológicas capazes de explicar o fato de Penedo ter sido construída léguas acima da foz do São Francisco ou Porto Calvo afastada da foz do Rio Manguaba.

Segundo ele, desvendar os mistérios da ocupação espacial de Alagoas pode esclarecer melhor os objetivos da nossa colonização, que se concentrou nos onze grandes vales que cortam o território no sentido meridional: o Moxotó (que desde sempre foi limite com Pernambuco), o Capiá, o Ipanema, o Traipu, o Coruripe, o São Miguel, o Paraíba, o Mundaú, o Santo Antônio Grande, o Camaragibe e o Manguaba.

Ainda no século XVI, no antigo sul da Capitania de Pernambuco, teve início a distribuição das sesmarias pelos donatários e, com isso, os primeiros assentamentos que foram desenhando o que se tornou o território. Penedo entre 1560 e 1570; Porto Calvo (1590) e, nos primeiros anos do século XVII, Santa Luzia do Norte (1608) e Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (1611) foram os principais polos da expansão.

O processo colonizador, portanto, foi constituído por etapas definidas: apropriação das terras (com dominação ou extermínio das populações nativas); fixação dos colonos (que asseguravam a posse ante o ímpeto dos traficantes de pau-brasil) e perenização das estruturas já montadas, com ocupação mais constante e extensiva do território alagoano.

# 1630

**"BRIGAM ESPANHA E HOLANDA  
PELOS DIREITOS DO MAR"**

Entre os anos de 1580 e 1640, uma união dinástica juntou as coroas de Portugal e Espanha, com o controle dessa última, incluindo as respectivas colônias ultramarinas. Em 1630, após a fracassada invasão da Bahia, uma esquadra holandesa de 70 navios e 8.000 homens chegou a Pernambuco, cujo litoral não contava com defesa efetiva da metrópole ibérica.

A capitania era então a mais próspera do Brasil, com mais de 100 engenhos e 30 mil habitantes, sem contar os povos indígenas, sendo Alagoas já responsável por um terço da população. A aristocracia rural, baseada nas plantações extensivas de cana-de-açúcar, com exploração de mão de obra escrava, foi surpreendida pela supremacia bélica dos invasores. As forças de resistência não foram suficientes e, até 1654, ibéricos e batavos travaram intensas lutas pelo território.

Foi nesse contexto que surgiu um segundo episódio formador de imaginário alagoano. Porto Calvo, Camaragibe, Alagôa do Sul, Santa Luzia do Norte, São Miguel dos Campos e Penedo já eram importantes entrepostos econômicos e, por isso, alvo dos holandeses. Em pouco tempo, tornaram-se também refúgio de parte da população que deixava Olinda e Recife, já invadidas. O território ao sul se mantinha seguro do avanço inimigo, até a entrada em cena de Domingos Fernandes Calabar, que entrou para a história como "traidor" dos ibéricos.

O episódio, narrado pela historiografia portuguesa, tornou o alagoano uma figura mítica que rende discussões passionais até hoje. Em 1938, o historiador Romeu de Avelar foi o primeiro a contestar a tese da traição. No romance *Calabar*, ele afirma que o mestiço foi um insurreto, antecipando as lutas do Brasil por liberdade. Já no século XX, Chico Buarque e Ruy Guerra contaram sua versão no musical *Calabar, o Elogio da Traição*, que ajudou a atualizar o mito e sua questão essencial: herói ou traidor?

# 1696

**"ZUMBI, COMANDANTE GUERREIRO  
OGUNHÊ, FERREIRO-MOR, CAPITÃO  
DA CAPITANIA DA MINHA CABEÇA  
MANDAI ALFORRIA PRO MEU CORAÇÃO"**

Enquanto os brancos fugiam dos invasores na costa da Capitania de Pernambuco, os africanos escravizados, braços explorados nas extensas plantações de cana e nos engenhos que produziam o açúcar, buscavam refúgio na mata virgem, recuperando cenários da terra natal, sonhando com a liberdade. Surgiu, então, o terceiro mito fundador das Alagoas, a República dos Palmares.

Para muitos, o maior quilombo do mundo. Para a história, aquele que mais resistiu, entre 1632 e 1696. Durante 64 anos, cerca de 20 mil homens, mulheres e crianças viveram o único período de relativa autonomia ao longo de quase 400 anos de cativeiro, depois da maior diáspora negra no Atlântico Sul. A população dos mocambos reunia pretos, pardos e mestiços, mas não mais de 40 pessoas foram responsáveis pela fundação da República, "cujo ajuntamento teve começo durante os primeiros dias da invasão holandesa".

A principal cidadela, no alto da Serra da Barriga, era defendida por tripla paliçada, que resistiu a inúmeras investidas ao longo do tempo e só foi vencida com a contratação dos "paulistas", grupo bandeirante composto por milícia armada, chefiado por Domingos Jorge Velho.

Inúmeras versões cercam o fim de Zumbi, comandante guerreiro mais famoso do quilombo. Seu papel na luta por liberdade, no entanto, não é lenda. A partir da resistência dos povos escravizados de Alagoas e da fixação na terra de seus algozes bandeirantes, inúmeros núcleos de povoamento prosperaram, entre eles Atalaia e Imperatriz, atual União dos Palmares.



# 1706 — 1817

**"UM BARÃO ASSINALADO  
SEM BRASÃO, SEM GUME E FAMA  
CUMPRE APENAS O SEU FADO"**

O século XVIII principiou com uma capitania marcada por invasões e guerras. No caso do sul, os núcleos de povoamento se formaram naturalmente, com uma ocupação constante e extensiva, constituindo um movimento de perenização das vilas já existentes e seus entornos. Uma Carta Régia, datada de 1706 instituiu a Comarca das Alagoas, que só foi estabelecida de fato em 1712, com o fim da Guerra dos Mascates.

A economia da Capitania de Pernambuco passou por um período de retração e o início do Ciclo do Ouro nas Minas Gerais prejudicou a expansão açucareira. Em Alagoas, por volta de 1779, foi introduzida a cultura do algodão e se firmou a chamada navegação de cabotagem, que se deu entre portos coloniais, principalmente Salvador e Recife.

Pelo Jaraguá, o principal ancoradouro, eram comercializados vinhos, azeites, panos de lã e algodão, linhas, chapéus, ferragens e toda sorte de quinquilharias. A região foi ganhando cada vez mais relevância, fortalecendo Maceió, que um século depois se tornou a principal cidade da capitania e capital da província. O movimento portuário também incrementou os estaleiros, que eram beneficiados com madeira de qualidade da Mata Atlântica e mão de obra qualificada, que produzia barcos de todos os tamanhos na enseada da Pajuçara.

Esse avanço ao longo do século XVIII empoderou as oligarquias rurais do Litoral ao Sertão, que detinham força econômica, política e social, uma "aristocracia faustosa que a monarquia brasonava em baronatos e viscondados". Os mesmos grupos, com prestígio desde o período colonial, foram responsáveis pelos movimentos de emancipação política, que acabou ocorrendo em 1817, após o fim da chamada Revolução Pernambucana, de viés republicano.

# 1889

**"LIBERDADE! LIBERDADE!  
ABRE AS ASAS SOBRE NÓS!  
DAS LUTAS NA TEMPESTADE  
DÁ QUE OUÇAMOS TUA VOZ!"**

Foi no século XIX que Alagoas passou a contar com uma historiografia oficial. Apesar dos problemas típicos de uma província recém-emancipada, com certo grau de dependência em diversas frentes, houve considerável avanço ao longo das décadas. Com o fim dos monopólios europeus que garantiam exclusividade no comércio ultramarino, a exportação de açúcar, couro e coco prosperou, assim como a produção de tecidos, a partir do florescimento da indústria têxtil que emergiu na província com o aumento do cultivo de algodão.

A montagem de estruturas administrativas próprias para tomada de decisões internas levou ao desmembramento de diversas localidades, criando novos municípios. O processo de urbanização, iniciado ainda no século XVIII, intensificou-se, apesar de não haver detalhamento historiográfico específico. Vale ressaltar que, das oito vilas da Capitania de Pernambuco, até 1764, quatro pertenciam a Alagoas.

O desenvolvimento acelerado do sul pernambucano, que promoveu sua emancipação, não se fazia notar apenas na economia e na política local. Na segunda metade do século XIX, os marechais alagoanos Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto exerceram papéis protagonistas na proclamação e manutenção da República do Brasil, em 1889, sendo o primeiro e o segundo presidentes do país, respectivamente.



# 1912

**"NA NOITE AZIAGA, NA NOITE SEM FIM  
CABINDAS, MULATOS, QUIBUNDOS, CAFUZOS,  
AOS TOMBOS GEMENDO, CANTANDO, RODANDO.  
SENHOR DO BONFIM, SENHOR DO BONFIM!"**

Literalmente no centro do poder e das decisões da República, Alagoas entrou no século XX imerso nas contradições do país, que mesclava desenvolvimento e atraso, progresso e dependência, liberdade e desigualdade. Em 1912, o chamado Quebra de Xangô, expôs preconceito, intolerância religiosa e a luta pelo poder entre as oligarquias locais.

Numa ação de extrema violência, milícias armadas invadiram e destruíram os terreiros onde eram praticadas as religiões de matriz africana. A mesma terra que abrigou o maior quilombo das Américas perseguiu e silenciou o povo de santo. No livro *Xangô Rezado Baixo: Religião e Política na Primeira República*, o antropólogo Ulisses Neves Rafael retrata o fato levando em conta seu contexto histórico, as raízes etnográficas da perseguição, assim como o registro do silêncio das décadas seguintes com os tambores calados e as vozes emudecidas.

A herança material que ficou do lamentável episódio foi reunida na Coleção Perseverança, hoje sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Para o pesquisador Abelardo Duarte, "salvaram-se com isso os restos da mais importante coleção de peças e objetos daqueles cultos existentes no Brasil".

A tentativa de apagamento da memória, porém, se traduziu-se, ao longo do século XX, com a ausência de pesquisa e debate sobre o fato histórico, que só veio à tona nos últimos anos, graças ao esforço acadêmico que vem produzindo farto material sobre o período e seus personagens. É o caso de Tia Marcelina, considerada fundadora do candomblé em Alagoas, alvo da intolerância de 1912, hoje considerada guardiã e protetora do xangô alagoano, o "Xangô rezado alto".

# Séc. XXI

## "ALAGO(U) AS TERRAS DO MEU CORAÇÃO MOLHOU ENCHEU DE LÁGRIMAS"

As transformações políticas, econômicas e sociais, evidenciadas no século XX, foram deixando evidentes as nossas ambiguidades, mas também certo isolamento. Dirceu Lindoso, nos anos 1980, escreveu dois ensaios importantes para a interpretação da cultura alagoana. Os textos são retomados pela antropóloga Rachel Rocha, professora da Ufal, em seu livro *Solitários no Paraíso*, em que trata da produção cultural e das expressões de isolamento em Maceió.

Lindoso sintetiza sua visão a partir da metáfora de "ilha", referência simultânea de água e terra, "bem como pela representação da gente alagoana como uma gente anfíbia, construção já sugerida por Gilberto Freyre", no prefácio do livro *Banguê da Alagoas*, de Manuel Diégues Júnior.

Raquel Rocha propõe, em sua pesquisa, uma outra leitura para a imagem evocada da ilha, embora mantendo a metáfora como possível explicação da cultura alagoana. "Proponho que se atente prioritariamente para o caráter insular da metáfora, em detrimento de seus elementos de ambiguidade".

Ela defende que as imagens produzidas como representativas do lugar a partir de seus elementos naturais exprimem igualmente "as dificuldades de uma ancoragem simbólica sobre outras margens, da história, por exemplo, ou do que comumente entendemos como cultura popular".

Na introdução de seu livro, a pesquisadora deixa claro que não pretendia instituir uma "teoria do isolamento", mas provocar um novo olhar na compreensão de alguns aspectos da nossa realidade. "A atualização das reflexões sobre o ambiente social alagoano torna-se ferramenta interessante quando se identificam vácuos sobre temas e assuntos negligenciados pela história e só há pouco vêm sendo objetos de reflexão acadêmica".

As imagens de representação usadas nos dias de hoje, em pleno século XXI, ainda evocam o "paraíso" avistado pelos primeiros exploradores europeus no século XVI, onde o sol e o mar garantiam a visão idílica de uma terra "uniforme", sem outras dimensões. Por isso a importância da pesquisa e da divulgação de novos pontos de vista, tendo como base e interesse o próprio passado.

Valorizar e explorar todas as potencialidades, a exuberância de um território e de um povo que é diverso e criativo, parecem ser a saída das atuais e futuras gerações. Fazer da história e da cultura alagoanas um organismo vivo, em constante ebulição, que se alimenta de seus mitos fundadores para forjar muitos outros, plurais e contemporâneos.



Porto de Pedras, 2021



## ALAGOAS FAZ CULTURA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

As mãos que moldam o barro, trançam fios e fibras ou esculpem a madeira são as mesmas que cultivam a terra ou preparam o alimento. No território desenhado entre o Oceano Atlântico e o Rio São Francisco, múltiplas paisagens e gentes revelam fazeres ancestrais, anteriores à emergência histórica da chamada "cultura alagoana", que começa a ser descrita apenas no século XIX. São práticas que revelam um povo original e único, apesar das raízes em comum com outras regiões do Brasil, formado pelos confusos encontros entre indígenas, europeus e africanos.

Pequeno em extensão, o território tem uma enorme vocação para a arte e a cultura, seja pela configuração topográfica ou ocupação humana. Para Dirceu Lindoso, em sua *Interpretação da Província*, as "tradições se estruturam socialmente como valores e condutas, comportamentos e crenças sociais, que se elaboram por meio de uma constelação de signos e práticas", em um contexto histórico específico.

O autor sustenta que cultura "é uma realidade que o homem produz por meio de ideações e práticas sociais, numa composição especial de signos, símbolos, condutas e fazeres". É daí que surgem os traços distintivos de nossa criatividade individual e coletiva. Para Lindoso, é importante investigar como se dá o surgimento de uma imagem cultural autônoma, para além da região ao sul da Capitania de Pernambuco e como parte integrante do Brasil.

No século XVIII, portanto antes da emancipação política, havia indícios de um modo diferente de falar o então português corrente; de aglomerados populacionais com formas distintas de conduta social; de aglutinar elementos culturais diversos e de referências topográficas nítidas. "Essas características iniciais esboçam um espaço físico-social capaz de estabelecer a formação de uma imagem diferencial da imagem dominante pernambucana".

Dirceu Lindoso deixa clara, também, a dificuldade de tratar teoricamente uma cultura da qual somos o sujeito e o objeto. Mas propõe, como resposta a esse embate, o exercício da razão. Ele lembra que, para isso, não é preciso alcançar o mesmo grau de amargura de Tavares Bastos. Na obra *Cartas do Solitário*, o alagoano defendia que a "nossa miséria histórica é a nossa riqueza". Para Lindoso, "a criação de uma cultura é a criação de uma imagem. A imagem que se produz como resultado dos trabalhos de individualidades criativas e do trabalho social de um povo. Assim se fez a imagem das Alagoas, sua cultura mais que secular".



## DESENHO ANCESTRAL

No estudo *A Escrita no Chão: a Formação do Território de Alagoas por Meio de Fontes Coloniais*, a pesquisadora da Ufal Catarina Agudo Menezes demonstra, através de rico material cartográfico e textual, que essa fisionomia começou a ser desenhada ainda nos séculos XVI e XVII. A principal ferramenta utilizada pela autora foi o mapa que representa o Brasil Holandês, produzido pelo alemão Georg Marcgraf, em 1643.

Através do olhar estrangeiro, diversos elementos do território alagoano já se encontravam representados. Povoados, engenhos, currais, fortificações, casas e igrejas, além de um levantamento das lagoas e rios já conhecidos no período. "Uma breve comparação com mapas posteriores permite confirmar a qualidade com que o exemplar seiscentista foi confeccionado, pois fornece mais informações quanto à configuração costeira de Alagoas do que algumas cartas de períodos seguintes".

As pesquisas acadêmicas mais recentes têm atualizado a historiografia alagoana oficial, desenvolvida a partir do século XIX, e esclarecem fatos narrados pelos primeiros cronistas que visitaram o Brasil durante a exploração do "novo mundo". Os episódios fundadores do imaginário alagoano são revisitados, como o genocídio dos caetés; a fixação dos colonos portugueses após constantes invasões, principalmente francesas e holandesas; além da resistência africana no Quilombo dos Palmares, marco essencial na luta dos escravizados no Brasil.

É assim que os aspectos cotidianos das populações locais vão se revelando e compondo uma trama de textos e imagens que ajudam a explicar a diversidade cultural alagoana.

Os usos e costumes dos habitantes de Alagoas foram transformando experiência em acervo: os instrumentos de caça e pesca dos indígenas, que incluíam barcos rudimentares com os quais eles se deslocavam pelos rios e lagoas, além da cestaria trançada com fibras locais; os utensílios de barro dos mocambos quilombolas; o couro das vestimentas e dos laços usados pelos vaqueiros que domavam os sertões com seus rebanhos; os tecidos e fios que costuravam e bordavam vestimentas para casas-grandes e senzalas; até as engrenagens de ferro que movimentam os engenhos de cana-de-açúcar são exemplos materiais dos trabalhos feitos à mão, base essencial do labor artesanal e da arte popular que caracterizam e diferenciam Alagoas.

**“ A CRIAÇÃO DE UMA CULTURA É A CRIAÇÃO DE UMA IMAGEM. A IMAGEM QUE SE PRODUZ COMO RESULTADO DOS TRABALHOS DE INDIVIDUALIDADES CRIATIVAS E DO TRABALHO SOCIAL DE UM POVO.**

DIRCEU LINDOSO

## FEIRAS DO IMAGINÁRIO

Em suas incursões pelo Norte e pelo Nordeste, na busca ativa dos produtores da autêntica cultura brasileira, o escritor Mário de Andrade visitou Alagoas e registrou suas impressões. Na caderneta de anotações, o autor de *O Turista Aprendiz*, relatou um passeio dominical pela feira livre de Fernão Velho, em Maceió, descrita como um mercado de quinquilharias postas no chão. "Movimentada em seu comprar e vender de coisinhas mansas, cornimboques, cerâmicas recém-nascidas, frutas, e os guaiamuns do azul mais lindo que jamais não vi".

O olhar de poeta, folclorista e viajante permitiu a Mário de Andrade pontuar uma das expressões mais vivas do imaginário alagoano: a feira livre. Espaço de compra e venda, onde o ir e vir muda as feições das cidades interioranas, as feiras também foram eternizadas nas imagens de Pierre Fatumbi Verger, em sua experiência alagoana, descrita em livro pela museóloga Cármen Lúcia Dantas. "Pode-se dizer que o conjunto de suas fotos compõe um mosaico imagético de cenas muito bem articuladas, onde a rotina do lugar aparece em primeiro plano".

O trabalho documental do fotógrafo, durante uma viagem a Penedo em 1947, revela práticas e costumes dos ribeirinhos, como nos registros de objetos artesanais para uso doméstico ou para lida na roça e no rio. São peças em barro, palha, taboca e madeira que até hoje representam bem a região. As feiras livres movimentavam os portos de cidades e povoados ao longo do São Francisco, cuja vazão permitia a navegabilidade de embarcações de pequeno a grande porte.

Os objetos utilitários em barro e madeira; os tecidos, bicos e rendas de algodão; os arreios de couro; os candeeiros em folhas de flandres; os cestos trançados em fibras vegetais; as vassouras e as esteiras também eram encontrados em armazéns ou "barracões" por todo o território. A existência desses estabelecimentos remonta à fundação dos engenhos no século XVI, bem como à expansão do povoamento nos séculos seguintes, principalmente com a criação de gado.

A comercialização dos mais diversos itens permitia o acesso da população do interior aos produtos consumidos no litoral, onde a navegação de cabotagem facilitava a troca de mercadorias entre os portos de Jaraguá, Salvador e Recife. A importância do varejo local fica evidenciada na descrição da loja Sincera, em Palmeira dos Índios, herdada pelo escritor Graciliano Ramos, no ano de 1917, que, além de tecidos, "oferecia desde miudezas a roupas, calçados, chapéus, perfumarias, artigos farmacêuticos, brinquedos, secos e molhados e até uma pipa de cachaça".

## ARTESANATO E NARRATIVAS

O artesão local era o produtor de grande parte dos utensílios domésticos e acessórios do trabalho no campo. Foi assim que surgiu a tradição da arte feita à mão em Alagoas, como se registra até hoje, nos ateliês, mercados e feiras que encantam visitantes do mundo inteiro.

Os barcos dos estaleiros rudimentares; as redes de pesca; as casas de taipa; as rendas e bordados multicoloridos; os cestos; as gamelas; as cadeiras, mesas e bancos que nascem a partir de raízes e galhos; os animais, as pessoas e os seres imaginários que brotam da madeira e do barro.

São a criatividade e a técnica forjadas por mulheres e homens de origens diversas que moldam o território e sua cultura da mesma forma que os fatos históricos contam sua evolução ao longo dos séculos. "Esse amplo conjunto de situações e oportunidades deu início ao gradual, mas ininterrupto, processo de produção de narrativas e imagens de e sobre Alagoas", como revelam os pesquisadores Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha, no livro *Iconografia Alagoana*.

Eles defendem que "todos esses elementos que transitam da materialidade à imaterialidade das práticas culturais são passagens, são vias de acesso possíveis ao imaginário alagoano". São caminhos que permitem traçar uma ponte entre passado, presente e futuro, quando os atuais processos globais de aproximação pedem a afirmação do chamado "localismo cultural como condição essencial de troca e de diálogo, no mercado e fora dele".



## OLHAR CONTEMPORÂNEO

O atual estágio da arte popular em Alagoas é, portanto, fruto desse percurso histórico. Os artistas estão distribuídos por todas as regiões do estado com matérias-primas e contextos particulares, de acordo com suas trajetórias pessoais, heranças familiares ou pertencimento étnico e territorial. O professor, médico e folclorista Théo Brandão foi um dos primeiros pesquisadores a registrar as manifestações da cultura popular alagoana de forma sistemática, na primeira metade do século XX.

Em 1938, durante um encontro promovido pela Sociedade de Etnologia e Etnografia, no Rio de Janeiro, conheceu o potiguar Câmara Cascudo, importante interlocutor nas pesquisas sobre as raízes das tradições folclóricas nordestinas. A mesma entidade, em 1948, editou um dos primeiros livros a tratar das origens do bordado no nordeste brasileiro. Escrito pelo médico e antropólogo alagoano Arthur Ramos e sua esposa, Luísa Ramos, "A renda de bilros e sua aculturação no Brasil" é, até hoje, um clássico dos estudos da arte em rendas no país.

Em 1975, com um rico acervo catalogado, foi inaugurado o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, uma referência nos estudos de cultura popular no Brasil e no mundo, citado por especialistas, como Lélia Coelho Frota, como uma entidade de extrema qualidade para o estudo e a correta valorização da arte do povo". Ao longo do tempo, fizeram parte da equipe do museu, também responsáveis pela ampliação do seu acervo, nomes como Fernando Lôbo, Vera Lúcia Calheiros Mata, Cármen Lúcia Dantas e Celso Brandão, os dois últimos citados por grande parte dos entrevistados como responsáveis por suas descobertas como artistas.

O movimento de valorização da arte popular em Alagoas, portanto, ganhou força na segunda metade do século XX, principalmente nos anos 1970. Além dos nomes já mencionados, artistas plásticos, pesquisadores e designers, como Tânia de Maya Pedrosa, Zezito Guedes, Fernando Lopes, Jerônimo Miranda, Maria Amélia Vieira, Dalton Costa, Carmem Omena, Josemary Ferrari, Adriana Guimarães e Rodrigo Ambrosio, foram nominalmente lembrados pelos artistas populares alagoanos como importantes agentes de reconhecimento de seus trabalhos.

## TEMA INESGOTÁVEL

O antropólogo Gilberto Velho defendia que as culturas populares têm uma relação interativa com as elites, "vivem uma relação de oposição complementar". Sem respeitar a linha do tempo da produção local torna-se difícil entender o presente e praticamente impossível registrar o futuro.

Para Janete Costa, arquiteta e umas das pioneiras na pesquisa sobre arte popular no Brasil, para entender o significado de uma arte universal se faz necessário enxergar a criação popular como parte integrante de nós. "Reconhecer o seu valor é estabelecer laços, chamando cada um a olhar para si mesmo como parte de seu povo, entendendo que o novo nessa criação é também o velho que ela transforma, ao lhe dar continuidade".

As fronteiras são, portanto, fluidas e nesse contexto não cabe fazer distinções teóricas entre produções artísticas eruditas e populares. Os embates conceituais já são devidamente explorados por críticos e especialistas que tratam da delimitação ou não desses campos em artigos, livros e curadorias de mostras e exposições.

Também não há pretensão de esgotar o tema da arte popular alagoana, nem fazer seu percurso historiográfico definitivo ou compilar uma memória coletiva que, de tão rica e diversa, não caberia em apenas um volume.

O objetivo principal é destacar os artistas, exibir suas criações, revelar suas falas potentes e, acima de tudo, reafirmar o protagonismo daqueles que emprestam suas mãos para perpetuar um repertório plural e único que coloca Alagoas entre os territórios mais férteis da arte popular no mundo.



**"RECONHECER O SEU VALOR É ESTABELECEER LAÇOS, CHAMANDO CADA UM A OLHAR PARA SI MESMO COMO PARTE DE SEU POVO, ENTENDENDO QUE O NOVO NESSA CRIAÇÃO É TAMBÉM O VELHO QUE ELA TRANSFORMA, AO LHE DAR CONTINUIDADE.**

JANETE COSTA



O relato do parágrafo anterior está longe de ser um delírio, ao gosto modernista, que se ufana dos prodígios dos povos originários para reinventar o país. No caso do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba — nomenclatura técnica que identifica parte da região metropolitana de Maceió —, narrativas do século XVI comprovam que os indígenas caetés, nossos primeiros habitantes, eram exímios **pescadores de linha**. Os relatos são do cronista Gabriel Soares de Souza, que deixou importantes registros escritos das terras recém-conquistadas.

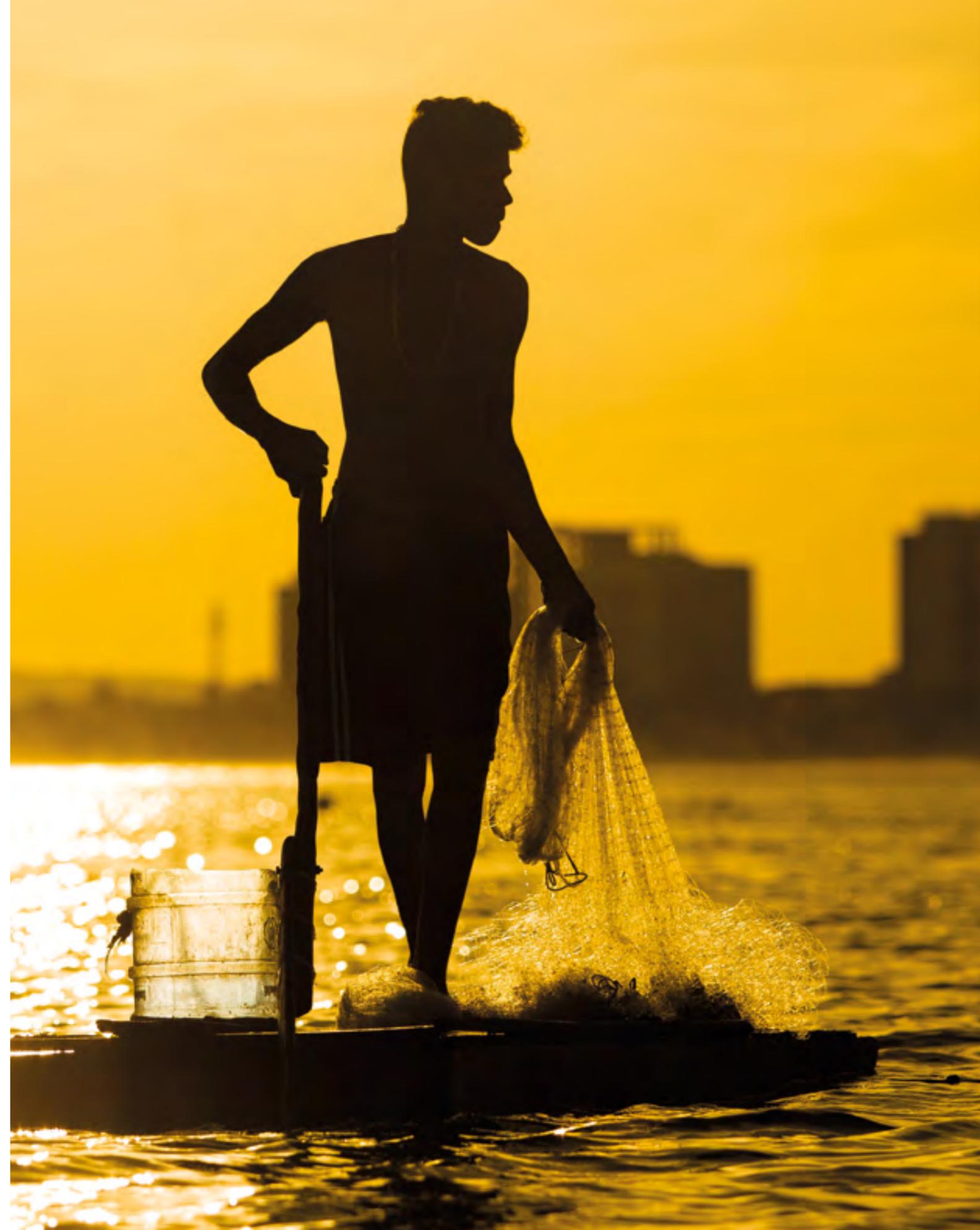
A matéria-prima usada pelos nativos era o tucum, uma palmeira coberta por espinhos cujas folhas forneciam uma fibra forte e comprida, que servia como **'linha' de pesca**, manejada com maestria segundo o cronista português. Assim sendo, "a centralidade da pesca na região potencializou o desenvolvimento de uma série de manualidades a ela associadas", pontuam Rachel Rocha e Bruno César Cavalcanti, em vasta pesquisa realizada pela Ufal que resultou em um documento formal visando a Indicação Geográfica (IG) do bordado filé, com vistas a uma Indicação de Procedência (IP) dessa atividade artesanal, característica do estado de Alagoas.

Ainda de acordo com os autores, "essa cultura pesqueira pode ser vista, de certa forma, como elemento de uma **civilização da linha** que foi se constituindo de maneira paralela, até mesmo subterrânea, guardando íntima relação com as possibilidades de subsistência das populações nativas, geralmente constituídas dos segmentos sociais mais empobrecidos da antiga sociedade colonial". Ricas em dados históricos, geográficos, ecológicos e artísticos, diversas obras, ao longo do tempo, destacam a importância do complexo lagunar na formação da cultura alagoana. O largo cultivo da cana-de-açúcar e posteriormente do coco, a fixação de colonos europeus (não só ibéricos, mas também franceses e holandeses) e principalmente a chegada dos povos africanos escravizados desenvolveram a região, que se tornou rota para interiorização do território nos séculos seguintes, mas sempre preservando suas características singulares.

” **A CENTRALIDADE DA PESCA NA REGIÃO  
POTENCIALIZOU O DESENVOLVIMENTO DE UMA SÉRIE  
DE MANUALIDADES A ELA ASSOCIADAS**

RACHEL ROCHA E BRUNO CÉSAR CAVALCANTI

"Essa civilização do fio, da linha, do tecer, foi mobilizadora de saberes e aperfeiçoadora de habilidades manuais, fez repercutir sobre os produtos — estivessem eles associados à pesca ou à produção do artesanato de bordados e rendas — os efeitos dessa evolução", conforme assinalam Rachel Rocha e Bruno César Cavalcanti. Para os autores, a técnica da rede de pescar associou-se, "por derivação e complementaridade" à 'rede' ou 'grade' que serve de suporte para bordar o filé. Esse vínculo material comprovado entre as manualidades típicas desse ambiente natural lagunar é fundamental para entender a importância do bordado para a cultura alagoana.



Antes de aportar em terras caetés e ganhar características próprias, o filé tem origem histórica controversa. Sua ancestralidade portuguesa pode estar relacionada à ocupação da Península Ibérica pelos mouros, já que redes bordadas eram conhecidas desde o tempo dos faraós no Antigo Egito, passando pelo Oriente Médio, onde se desenvolveu entre artesãos turcos. As trocas de produtos entre Oriente e Ocidente também podem explicar a entrada do 'filé' em terras portuguesas, italianas e francesas. Com a ocupação do território pelos europeus, o artesanato se difundiu através de conventos e escolas paroquiais, onde as mulheres aprendiam a costurar e a bordar.

Quanto à imagem dos seres anfíbios, evocada no começo do texto, trata-se de uma apropriação afetuosamente dos escritos de intelectuais, como Gilberto Freyre, Dirceu Lindoso, Octavio Brandão e Jorge de Lima, só para citar alguns. Destaque para Brandão, que, em 1919, lançou o clássico *Canaes e Lagoas*, retomando a crítica social e causando uma espécie de ruptura com a historiografia dominante na virada do século XIX e início do século XX. Considerado o primeiro ambientalista alagoano, defendia suas ideias com paixão e, segundo Dirceu Lindoso, começou a escrever sua obra mais famosa "entre os aratus e as ventanias de um dos esteros da lagoa Mundaú".

**"O FILÉ, PORTANTO, QUE É FEITO SOBRE UMA TRAMA DE FIOS, CHAMADA REDE OU GRADE, É UM BORDADO E NÃO UMA RENDA, ERRO DE TERMINOLOGIA AINDA RECORRENTE**

RACHEL ROCHA E BRUNO CÉSAR CAVALCANTI

## "ONDE HÁ REDE HÁ RENDA"

A expressão popular é usada em todo o nordeste brasileiro para associar a presença de trabalhos manuais, como rendas e bordados, em povoações onde há o predomínio da pesca como atividade de subsistência. O adágio é tão verdadeiro que foi dito por mais de uma artesã do Pontal da Barra durante as narrativas pessoais para explicar a origem do mais alagoano dos bordados.

Segundo Vera Felippi, autora do livro *Decifrando Rendas*, "o nome filé deriva do francês filet, que significa rede, técnica que existe desde o século XVI". A origem do nome nunca foi um problema para as populações nativas, a não ser quando vem à tona uma polêmica: trata-se de uma renda ou de um bordado?

A diferença entre a renda e o bordado é fundamentalmente a existência de um suporte, que pode ser um tecido ou uma trama, sobre o qual se dá o bordado. "O filé, portanto, que é feito sobre uma trama de fios, chamada rede ou grade, é um bordado e não uma renda, erro de terminologia ainda recorrente", afirmam Rachel Rocha e Bruno César Cavalcanti.

Em janeiro de 1978, o folclorista José Maria Tenório da Rocha publicou no *Jornal de Alagoas*, os principais 'pontos' usados pelas bordadeiras do filé. O inusitado dos nomes e a riqueza descritiva valem a citação integral de alguns: Jasmim assemelha-se à flor do mesmo nome; Tecido de cadeira ou Palhinha imita o traçado empregado nas 'cadeiras de palhinha'; Cheio preenche todo o espaço da malha; Bom Gosto, desenho em círculo aproveitando o cruzamento das malhas; Três Marias, a mesma técnica do ponto 'cheio', diferenciando-se por ser interligado a cada três malhas; Corrente, o ponto percorre apenas o espaço intermediário entre cada canto da malha; Matame, utilizado para acabamento ou arremate; Cerzido, ponto também utilizado para acabamento; Casa de Noca, o mais difícil dos motivos utilizados, já que se serve apenas do centro da malha para o apoio e não os cantos; e o Caracol, ponto cheio, sendo alternado, como um degrau.

Com o passar dos anos, muitos pontos foram surgindo e essa dinâmica ainda é observada nos dias de hoje, assim como o uso ostensivo da cor. Inicialmente, o filé era monocromático, principalmente branco ou em cores neutras, derivadas de pigmentos naturais. Com o advento da linha de algodão, impulsionado pelo florescimento da indústria têxtil em praticamente todas as povoações em torno do complexo lagunar, o bordado multicolorido passou a ser um dos principais diferenciais do filé produzido em Alagoas. A criatividade das artesãs permitiu, ao longo do tempo, a combinação de cores e, atualmente, as experimentações cromáticas chamam a atenção nas feiras, exposições e lojas, onde as peças são comercializadas.

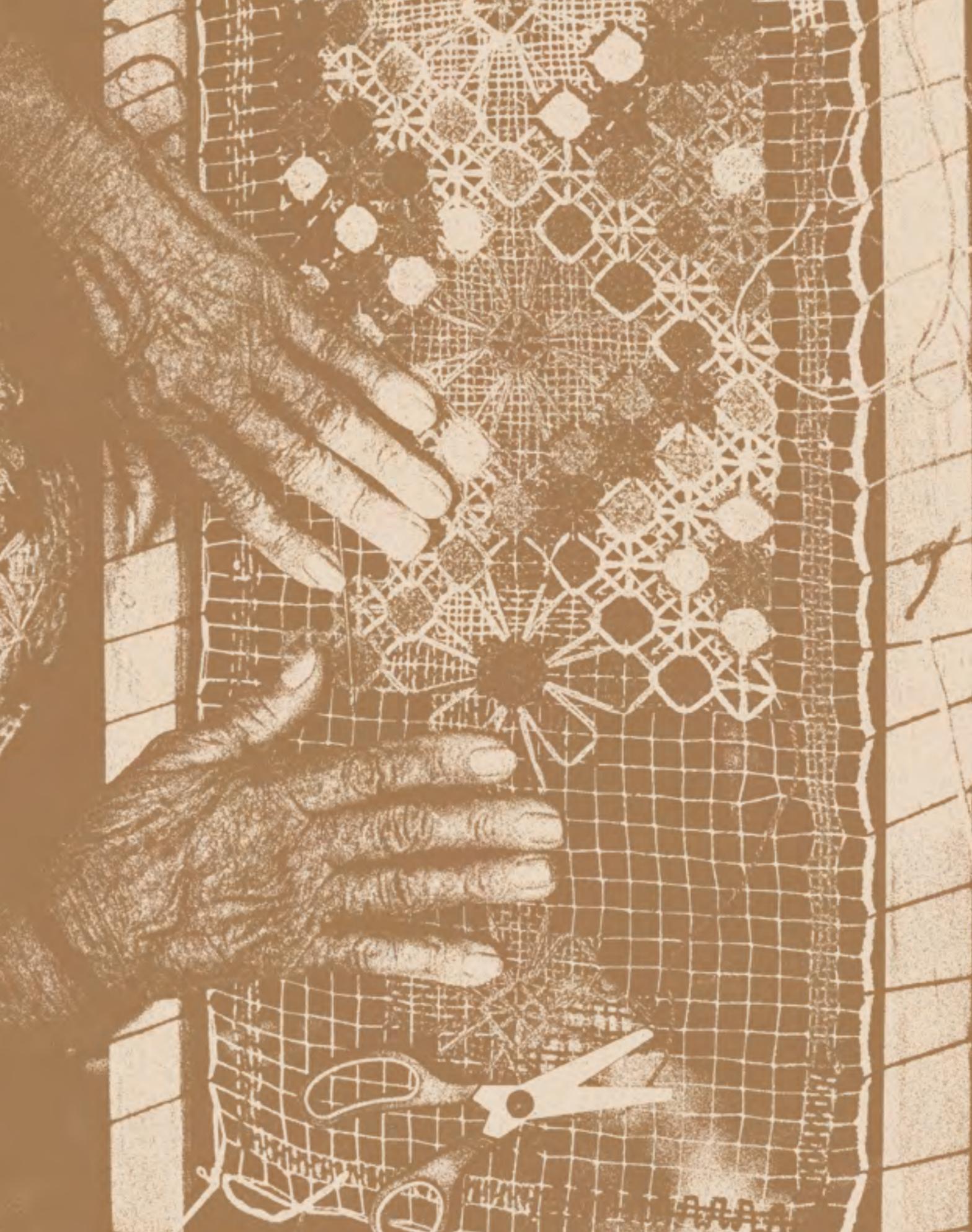




## BORDADO QUE CONTA HISTÓRIA

"— Ei, vem cá! Deixa eu te contar como tudo isso aqui começou. O filé é o mais alagoano dos bordados porque ele nasceu da mistura do que já se fazia aqui em outros tempos, com os índios, que eram pescadores. Eles usavam o tucum para fazer as redes, que depois, além de serem usadas para pescar, foram a base do filé, do bordado desenvolvido com a chegada dos escravos e dos brancos, franceses, portugueses e até holandeses. Foi tudo se misturando até se transformar nesse trabalho que a gente faz hoje em dia. Por isso digo que o filé pode até ser feito em outros estados do Nordeste. Mas o verdadeiro é nosso, é alagoano. Uma parte desse povo foi para Marechal, outra parte ficou aqui no Pontal e ainda tinha os que preferiram morar em Santa Luzia, Coqueiro Seco, mas tudo aqui em volta das duas lagoas. Eu aprendi a ler desde muito pequena, e foi pelo cordel, as histórias contadas pelos cordelistas. Por isso sei que quem fez o Brasil fomos nós, nordestinos. E Alagoas, então? Nós somos Caetés, povo guerreiro. Eu sou filha de um pai pescador e de uma mãe bordadeira, mas sempre tive as minhas professoras, como a Dona Benedita Codá, conhecida como Ditinha, que sempre nos contou tudo sobre como os europeus foram chegando aqui, botando os índios para correr e trazendo com eles os escravos. O artesanato que a gente faz conta essa história, por isso sempre digo que o Pontal da Barra é mais antigo que Maceió, e que foi aqui, a partir da fama do nosso artesanato e belezas naturais, que o turismo virou o que é hoje. Eu só não digo que virou a principal fonte de renda da gente porque falta mais apoio, para trazer mais pessoas até aqui. Eu ensinei minhas filhas e sobrinhas, do mesmo jeito que aprendi com mãe e tias. Mas todos os meus filhos estudaram e têm suas profissões. Eu tenho muito orgulho das nossas tradições, mas também sei de todas as dificuldades que enfrentamos a cada temporada".

**Dilma Oliveira Vianna**, 83 anos, é uma das mais conhecidas bordadeiras do Pontal da Barra, onde nasceu e se criou. Como tantas outras artesãs do lugar, já visitou diversas cidades do Brasil e até fora do país, como Chile e Argentina, representando o trabalho manual típico de Alagoas. Dona de uma memória privilegiada, conta a importância de preservação das técnicas tradicionais que levaram a uma Indicação de Procedência (IP) do bordado, que garantiu ao filé produzido na região das Lagoas Mundaú e Manguaba o registro de Identificação Geográfica (IG) pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi).



⋮

EU APRENDI A LER DESDE  
MUITO PEQUENA, E  
FOI PELO CORDEL, AS  
HISTÓRIAS CONTADAS  
PELOS CORDELISTAS. **POR  
ISSO SEI QUE QUEM  
FEZ O BRASIL FOMOS  
NÓS, NORDESTINOS. E  
ALAGOAS, ENTÃO? NÓS  
SOMOS CAETÉS, POVO  
GUERREIRO.**



## MULHER RENDEIRA COM ORGULHO

"Eu sou artesã desde os meus seis anos de idade, que foi quando comecei a aprender a fazer a rede, que é a base do nosso bordado. Aos 12 anos eu já era profissional, porque foi quando uma senhora, por nome de Dona Elita, me chamou para fazer um trabalho 'de meia', ou seja, um trabalho a quatro mãos, com um tear bem grande, que precisava ser dividido pela metade. Por isso fui aposentada como 'rendeira' e tenho muito orgulho disso, amo demais a minha profissão. Criei meus filhos bordando filé e trabalhando como marisqueira, tirando maçonim nas croas, como a maioria das mulheres daqui. Na verdade, sou nascida e criada no Pontal da Barra, filha de um pescador e de uma bordadeira, esse era e ainda é para muitos o destino de quem nasce na beira da lagoa. Antes, por exemplo, só as mulheres bordavam, os homens faziam o trabalho manual escondido, dentro de casa, com as portas fechadas. Era o preconceito, que diminuiu, mas ainda continua. Hoje em dia, alguns já ficam com seus teares na porta de casa e tem alguns excelentes no que fazem. Eu tive muita sorte ao longo da minha carreira. Graças ao filé, conheci muitas cidades pelo país, fui parar na Costa Rica, no Chile, na Argentina, sempre representando o artesanato e a cultura de Alagoas. E vou te contar uma coisa: fui a primeira bordadeira a fazer uma toalha redonda de filé e bordo também muitos outros trabalhos, como a renascença, o labirinto, que é muito típico das bordadeiras de Marechal Deodoro, o rendendê e o ponto cruz. Mas o forte do Pontal da Barra é o filé, foi ele que fez a fama do lugar. A base sempre foi a rede, que na verdade é a renda, que também dá origem ao material usado pelos pescadores. Com a rede feita, a gente parte para o bordado em si. Começa geralmente com o cerzido, que vai dar sustentação e aí vem todos os desenhos formados a partir dos pontos que são típicos do filé. É aí que entra a imaginação e o bom gosto de cada uma, a escolha das cores, suas combinações. Por isso nosso filé é tão colorido, rico e traz a história de vida de cada bordadeira; cada trabalho é único porque cada pessoa é única".

Aos 80 anos, a simpatia de **Ivnete Santos dos Anjos** contagia moradores e turistas do Pontal da Barra. Ao descrever sua trajetória no filé, deixa claro que sempre contou com a proteção divina para ter sucesso, já que tem anjos e santos no próprio nome. Depois de começar a bordar ainda menina, começou a vender suas peças em lojas improvisadas, geralmente na própria casa, cuja sala principal servia como espaço de exposição dos bordados. Diz não recordar do primeiro ponto comercial que montou, ainda nos anos 1960, mas lembra que foi perto de um dos poucos restaurantes de frutos do mar, abertos na beira da lagoa, atraindo a freguesia que frequentava o lugar.





## A PROFESSORA QUE VIROU ESCRITORA

"Eu tenho 81 anos de idade e posso dizer a você que nunca bordei uma peça de filé, mas sei, como poucos, avaliar a qualidade do nosso artesanato. Eu na verdade fui a professora aqui do bairro por muitas décadas e sempre trabalhei pela cultura popular, pelos folguedos, pelos trabalhos manuais, mas principalmente pela memória do Pontal da Barra. Eu nasci no Rio de Janeiro, perto da Cinelândia, nas imediações da Casa da Moeda. Meu pai era propagandista e, quando eu tinha 15 anos, ele trouxe a família para morar em Maceió. Fomos para a Rua Formosa e foi em Alagoas que me formei professora, fiz concursos para dar aulas e acabei conhecendo boa parte do estado, Santana do Ipanema, Palmeira dos Índios, Arapiraca. Foi por essa época também que casei, mas não estávamos preparados para ser um casal. O fato é que só fiquei 11 meses casada. Quando comecei a dar aulas aqui no Pontal da Barra, as estradas eram de areia e a maioria das casas eram cobertas de palha. Quem tinha casa com telha de barro era considerado 'rico'. Naquele tempo não havia TV, telefone, computador. Eu comecei a lecionar e a me envolver com a comunidade. Era um cenário lindo, coberto de dunas, a lagoa plena, dominando tudo, era um encantamento. No começo dos anos 60, eu coordenava uma quadrilha junina que chegou a ganhar alguns concursos fora daqui. Durante um dos ensaios, faltou um casal e o carteiro do bairro que estava na plateia disse que queria ajudar. Mas só dançaria se fosse comigo. Daí em diante nunca mais nos separamos. Tivemos três filhos e adotamos mais dois. O Pontal da Barra passou a ser a minha vida. Formei o primeiro bloco de Carnaval da comunidade, o Bloco da Machadinha; e também um folguedo muito popular no Nordeste, as baianas. Meu entusiasmo era tanto que até um acampamento cigano nós montamos para festejos e diversão de todos. Como professora, sempre convivi com as rendeiras, que sentavam em suas esteiras, na frente de casa, com o tear nas mãos fazendo seus bordados. Aprendi com elas todos os pontos, mas nunca fiz uma peça; minha filha sim, é uma exímia bordadeira".

Quando a professora **Lucy de Joazeiro Petrucio** resolveu lançar um livro com a história do Pontal da Barra, uniu suas duas principais habilidades: ensinar e escrever. Ela decidiu que o livro ia contar a vida dos personagens ainda vivos, que pudessem narrar suas próprias histórias. Ela queria traçar a trajetória das pessoas que conviviam com ela e não a memória dos mortos. Começou explicando, como boa professora, qual era o objetivo das entrevistas: falar do lugar através da vivência de cada um. Com isso, ela ficou sabendo mais sobre o voo do zeppelin que cruzou os céus de Maceió na primeira metade do século XX; as aventuras que envolviam a pesca de tubarões e até a confissão de homens que se dedicavam secretamente ao bordado filé para fugir do preconceito. O livro *Eu e o Pontal da Barra — suas lendas, sagas e lutas*, lançado em 2017, aguarda uma segunda edição.



⋮

**O PONTAL DA BARRA  
PASSOU A SER A MINHA  
VIDA. FORMEI O PRIMEIRO  
BLOCO DE CARNAVAL DA  
COMUNIDADE, O BLOCO DA  
MACHADINHA; E TAMBÉM  
UM FOLGUEDO MUITO  
POPULAR NO NORDESTE  
AS BAIANAS.**

**Lígia Minin de Lins** é filha da professora Lucy Petrúcio, mãe dedicada, bordadeira e presidente da Associação de Moradores do Pontal da Barra. Enquanto percorre as ruas do bairro, conversa com artesãos, pescadores, lojistas e moradores, dando informações sobre a atual situação do lugar, um dos principais destinos turísticos de Maceió. Hábil com as palavras, ela defende a preservação ambiental e a pesca artesanal, com a mesma desenvoltura que fala da importância da valorização do filé e da atividade comercial da região. Conhecedora da rica história do Pontal da Barra, Lígia concede entrevistas, comanda atividades comunitárias e borda suas peças como parte de uma rotina diária que inclui posicionamentos firmes e escuta atenta.



## BORDADEIRA E GUERREIRA

"Eu conheço os moradores do Pontal da Barra pelo nome, muitos até pelo apelido. Por isso, estar à frente da presidência da associação é representar cada um deles, principalmente porque sou nascida e criada aqui, bordadeira, lutadora pelas melhorias deste lugar. Faço isso porque sei de sua importância histórica e cultural para Maceió. Os primeiros registros que se têm notícia foram escritos entre os séculos XVIII e XIX. O padre Manoel José Cabral dava conta, em suas anotações, de 50 habitações cobertas de palha que abrigavam 80 habitantes. Imagine! Isso há 200 anos. Mas a gente sabe que isso aqui era terra dos caetés muito antes da chegada dos europeus e dos africanos. Hoje o Pontal tem mais de nove mil moradores, mais de 200 lojistas e artesãos, além de uma atividade turística e pesqueira que envolve indiretamente cerca de 20 mil pessoas. A gente sabe que o filé é o nosso principal produto. O registro do Identificação Geográfica compreende a região das duas lagoas, Mundaú e Manguaba, assim como as localidades que estão nos seus entornos. Isso foi fundamental para legitimar nossa atividade. É claro que os empreendedores que montam seus negócios aqui precisam ter um mix diversificado de produtos artesanais, mas o carro-chefe é o filé e será sempre. A atividade é secular, mas comercialmente ela se ampliou com nomes que já entraram para a história, como Dona Laura, Dona Mocinha e a mais famosa de todas, a Teka Rendeira, que se chamava Terezinha. Elas foram as primeiras a sair do Pontal da Barra para vender a produção das bordadeiras no porto de Maceió, onde chegavam os navios trazendo o pessoal de fora. Ela chegou a viajar para o Rio de Janeiro para divulgar e vender o filé de Alagoas. Tudo isso já foi muito pesquisado e divulgado, mas o que mais interessa é melhorar a vida das pessoas agora, valorizar os que trabalham e empreendem aqui e tornar o Pontal um lugar sempre melhor para trabalhar, viver e receber de braços abertos todos que nos visitam".



⋮

HOJE O PONTAL TEM MAIS DE NOVE MIL MORADORES, MAIS DE 200 LOJISTAS E ARTESÃOS, ALÉM DE UMA ATIVIDADE TURÍSTICA E PESQUEIRA QUE ENVOLVE INDIRETAMENTE CERCA DE 20 MIL PESSOAS. **A GENTE SABE QUE O FILÉ É O NOSSO PRINCIPAL PRODUTO.**





## MILITANTE DA ARTE

"Há quase 40 anos, eu luto pelo reconhecimento da arte popular em Alagoas e em defesa dos artistas, que precisam sempre de mais reconhecimento. O meu começo foi fazendo lembrancinhas para festas infantis, bailes de 15 anos, casamento, depois passei a desenvolver jogos e brinquedos pedagógicos, feitos a partir de sucata, que utilizava em cursos de capacitação de professores, em Arapiraca. Mas sou maceioense com muito orgulho, fui para o Agreste depois que casei. Para desenvolver melhor esse trabalho, cursei Pedagogia. Eu queria levar o ensino da arte para a sala de aula com metodologia de ensino. Esse tipo de coisa ajuda a dar visibilidade ao coletivo, aos artistas enquanto grupo. Antes de trabalhar com arte joguei basquete, fui da primeira seleção alagoana. Eram outros tempos. A arte me fez entender que o processo criativo envolve sentimento, que passa para as nossas peças. Tenho muito orgulho de dizer que sobrevivo da arte, foi isso que me ajudou a sustentar minha família e a criar meus filhos. Desde criança, eu gostava de observar as manifestações folclóricas de Alagoas, os folguedos apresentados por grandes ícones da cultura popular, como o professor Pedro Teixeira e a Mestra Áurea. Eu bebo dessas fontes, mas não faço igual. Os chapéus de guerreiro feitos pelos grupos têm características próprias para as apresentações. Os meus têm diferenciais que marcam a minha identidade como mestra artesã. Eu tenho uma afinidade enorme com as pessoas que simbolizam nosso folclore, Mestre Benon, Mestre Verdinho, Mestre Cicinho, Mestre Jurandir Bozo e vários outros nomes de uma nova geração que surge para manter viva a chama da cultura popular alagoana. Eu busco conviver com eles, colaborar. Nossa terra é riquíssima de manifestações artísticas. Guerreiro, pastoril, coco de roda, boi, Mané do Rosário, Nega da Costa, fandango. Sou inclusive madrinha de muitos grupos e acho importante essa troca. O uso da cor, das contas, dos vidrilhos e das fitas caracteriza meu trabalho. A técnica que desenvolvi é tudo na minha vida. Como mestra do Patrimônio Vivo, tenho a obrigação de repassar esse ofício, esse saber, por isso dou aulas no Centro de Belas Artes, vinculado à Secretaria de Cultura. Eu tive avó e mãe bordadeiras e aprendi com elas o valor dos trabalhos feitos à mão. Todo mundo admira as peças produzidas no nosso estado, mas o artesão precisa ser olhado e valorizado. Minha luta é por esse reconhecimento. O artista popular é quem faz a cultura de Alagoas".

Nascida e criada em Maceió, **Vânia Oliveira** tem um longo percurso na arte popular, que começou no trabalho manual para, em seguida, ganhar impulso com uma produção inspirada nos folguedos alagoanos. Foi assim que se tornou mestra artesã do Patrimônio Vivo de Alagoas, desde 2015. Comprometida com o repasse do saber, ela ministra aulas e oficinas com enfoques teórico e prático. Seu espírito de liderança nasceu na juventude, como jogadora de basquete. Desde então, gosta do trabalho em equipe e da luta por reconhecimento. Sua militância em defesa da arte e do artista popular a faz participar de diversas entidades, como a Federação Alagoana de Artesãos e a Confederação Nacional do Trabalhador Artesão.





⋮

**A ARTE ME FEZ ENTENDER  
QUE O PROCESSO  
CRIATIVO ENVOLVE  
SENTIMENTO, QUE PASSA  
PARA AS NOSSAS PEÇAS.  
TENHO MUITO ORGULHO  
DE DIZER QUE SOBREVIVO  
DA ARTE, FOI ISSO QUE  
ME AJUDOU A SUSTENTAR  
MINHA FAMÍLIA E A CRIAR  
MEUS FILHOS.**

## NA PONTA DOS DEDOS

**Arlindo Monteiro** nasceu em Pernambuco mas vive em Alagoas há 40 anos. Começou a desenhar ainda criança, embora tenha trabalhado como vendedor e fotógrafo antes de abraçar a arte em definitivo. Aplica a técnica do entalhe em diversos materiais, como madeira, pedra e argila, mas encontrou uma identidade única quando passou a usar palitos de fósforos que dão vida a peças cheias de detalhes. Instalado há mais de 30 anos no Mercado do Artesanato, em Maceió, ele produz uma arte inspirada em figuras do folclore alagoano, santos católicos e seres mitológicos, mas também cenas do cotidiano e personagens históricos. Cada pequena peça ou enredo ganha um suporte em madeira e cúpula de vidro, tubo de ensaio ou bola de cristal. Conhecido por sua habilidade, o artista já participou de exposições no Brasil e no exterior, mas ganhou projeção em todo o país quando suas peças ilustraram a abertura de uma novela da Rede Globo de Televisão, criada pelo designer Hans Donner.

"Eu comecei a trabalhar com madeira desde muito cedo. Nasci em Pernambuco, mas tenho coração e alma de Alagoas, onde vivo há 40 anos. Foi aqui que surgiu minha paixão pelo folclore, suas cores e singularidade. Também foi em Maceió que desenvolvi minha arte e marca registrada, a escultura em palitos de fósforo. Mas nem sempre foi assim. Eu costumava usar toras de madeira, como jaqueira e coqueiro, com três, quatro metros de altura. Minhas peças eram difíceis para o turista transportar. O despertar para as miniaturas veio depois de uma experiência difícil. Eu estava sem um centavo no bolso e soube, através de um amigo, que tinha dez troncos de coqueiros recém cortados, na orla. Sem ter como transportar, vim rolando com eles até o Mercado do Artesanato, as mãos ficaram cheias de bolha de sangue, foi um momento complicado. Nessa mesma noite, sonhei que esculpia a imagem de Jesus Cristo na cruz, em um palito de fósforo. Acordei com isso na cabeça e pensei que estava na hora de fazer uma coisa diferente. Eu tinha um pacote com dez caixas de fósforo e gastei quase todos os palitos, até chegar ao resultado que me agradou. Eu me emociono com isso até hoje. Esse primeiro trabalho foi comprado por um cliente que era médico, uma espécie de anjo materializado. Pelo menos foi o que pareceu. Até então, eu usava só uma faquinha. Ele foi que me deu o primeiro bisturi cirúrgico, que tem uma lâmina muito mais precisa para esse tipo de trabalho. Antes eu me cortava muito. Com o tempo, fui aprimorando a técnica e agora trabalho de forma segura e rápida. Tudo isso aconteceu na minha vida como uma benção. Talvez por isso a minha inspiração vem muito desse apelo místico. Além de elementos do nosso folclore, trabalho muitas imagens de santos, como Nossa Senhora, São Francisco, São Jorge e o Dragão, além de seres fantásticos, como as sereias. Mas o meu sonho mesmo é contar a história do Brasil em palitos de fósforos. Vai ser uma exposição com 200 globos de vidro, com 100 personagens cada, umas 20 mil peças. Sei que é um desafio enorme para alguém que só tem esse espaço da barraca para criar e vender meu trabalho, mas foi esse empenho e determinação que me fizeram conhecido no Brasil todo e em vários países do mundo. Foi esculpindo com a ponta dos dedos que me tornei o artista que sou hoje, é desse jeito que levo nossa cultura popular por onde ando".





⋮

**ANTES EU ME CORTAVA MUITO. COM O TEMPO, FUI APRIMORANDO A TÉCNICA E AGORA TRABALHO DE FORMA SEGURA E RÁPIDA. TUDO ISSO ACONTECEU NA MINHA VIDA COMO UMA BENÇÃO. TALVEZ POR ISSO A MINHA INSPIRAÇÃO VEM MUITO DESSE APELO MÍSTICO. ALÉM DE ELEMENTOS DO NOSSO FOLCLORE, TRABALHO MUITAS IMAGENS DE SANTOS, COMO NOSSA SENHORA, SÃO FRANCISCO, SÃO JORGE E O DRAGÃO, ALÉM DE SERES FANTÁSTICOS, COMO AS SEREIAS.**



## ENTRE LAÇOS E NÓS

"Eu aprendi a fazer singeleza com a minha avó, Luzinete Valentim de Lima, que é natural de Viçosa. Ela não conheceu a Dona Marinita, de Marechal Deodoro, mas foi numa reportagem sobre ela, em agosto de 2007, que ela começou a me ensinar. Diziam na TV que a singeleza podia chegar ao fim com a morte da artesã, que não tinha deixado muitas seguidoras nessa arte. Já a minha avó aprendeu com uma senhora em Viçosa, conhecida como Bá, e desde os 15 anos fazia a renda sem saber a importância que ela tinha, um Patrimônio Imaterial e Cultural de Alagoas. Ela me disse então que não queria morrer e levar com ela o que sabia, precisava me ensinar. Foi assim que a singeleza entrou na minha vida e é assim que ensino às pessoas que aparecem querendo aprender o ofício. O ponto é muito apreciado e tem grande demanda, mas falta mão de obra. Eu queria era não dormir, pra ter mais tempo de fazer singeleza. Além de Paripueira, onde temos a associação, tem gente fazendo em Água Branca e também em Marechal Deodoro, cada uma com seu modo de fazer a rede. Não tem muita variação de ponto, precisa aprender a pipoca, que são nós repetidos dentro de uma mesma laçada, é isso que a gente vai tecendo até formar o conjunto. No mais, o material é muito simples, tecido, linha, agulha e um bastão, que no nosso caso é metálico, que regula e segura as laçadas. O acabamento geralmente é feito com bainha aberta, o ponto ajour. Por isso tenho a maior paciência para ensinar. Singeleza precisa ser feita com amor, é isso que muda a peça, o acabamento. Precisa de alma, precisa ser feita por mãos e não por máquinas e isso não vai mudar. Eu vim morar em Paripueira em 2009. Comecei a bordar em tecido com a Dona Ivone e aprendi filé com a Petrucia, que também dava oficinas aqui na cidade. Em 2014, a Adriana Guimarães e a Josemary Ferrari chegaram por aqui através de uma pesquisa que estavam realizando e resolveram fazer um projeto com nosso grupo de mulheres rendeiras. Foi assim que nasceu a Associação de Rendeiras de Singeleza e Bordados de Paripueira, Artecer, que recebeu um prêmio da Universidade Solidária e com isso construiu esta sede, inaugurada em 2018. É aqui que a gente se reúne toda semana pra ensinar, aprender, produzir e comercializar nossas peças. É desse jeito que vamos tendo reconhecimento nacional e em muitos países do estrangeiro".

Nascida em Viçosa, **Jeane Valentim dos Santos** lidera um grupo de mulheres artesãs, integrantes da Associação de Rendeiras de Singeleza e Bordados de Paripueira, Artercer. Apesar de nunca ter encontrado a 'guardiã' do bordado Singeleza em Alagoas, Maria do Carmo Gomes da Silva, mais conhecida como Dona Marineta, de Marechal Deodoro, Jeane conta que a notícia de sua morte despertou o interesse da avó em repassar a antiga técnica, que ela conheceu na Zona da Mata de Alagoas. Jeane não só aprendeu, como passou a ensinar e, desse modo, encontrou as pesquisadoras Josemary Ferrari e Adriana Guimarães, que realizavam um mapeamento para registro e difusão do Singeleza, Patrimônio Imaterial de Alagoas. Hoje, a ação de empreendedorismo social reúne dezenas de bordadeiras em Paripueira e movimenta a economia criativa na comunidade.









**Irinéia Rosa Nunes da Silva** nasceu no povoado quilombola do Muquém, em União dos Palmares. Mãe de onze filhos, aprendeu a fazer cerâmica com a mãe, moldando panelas de barro e outros objetos utilitários. Suas famosas "cabeças" nasceram dos ex-votos que fazia sob encomenda para romeiros, pagadores de promessas. Eram pernas, braços, corações, modelados em barro maciço, sem queima. Seu segundo marido, Antonio Nunes, também artista, tirava o material do "barreiro", ajudava no acabamento e na queima das peças, dentre elas, *O Beijo*. Ela diz que seu trabalho é uma inspiração divina, mas lembra do incentivo que recebeu da folclorista Carmem Lúcia Omena. Em 2010, depois de uma enchente no Rio Mundaú destruir o povoado, as casas do Muquém foram reconstruídas em terreno mais seguro e a carreira de Dona Irinéia ganhou um novo impulso. Hoje a mestra artesã, Patrimônio Vivo da Cultura de Alagoas, é conhecida no Brasil e no mundo, com exposições e publicações dedicadas à sua obra.

## A ONÇA E O BEIJO

"Eu tive um primeiro casamento muito infeliz, que durou 11 anos. Nesse tempo, morei fora daqui. Vaguei pelo mundo com três filhos debaixo do braço e um marido louco, que foi até internado no hospício. Primeiro, a gente morou em São José da Laje, onde ele trabalhava na linha do trem. Mas a cheia do rio veio e levou tudo: gente, bicho e o emprego. Depois, meu marido decidiu viver pelas estradas, a gente ia e vinha de Juazeiro o tempo todo, a pé pelas estradas, com uma trouxa de roupa na cabeça, arrastando os filhos. Se arranchava em casebres caindo aos pedaços, embaixo de árvores. Eu não tenho vergonha de dizer: sobrevivia pedindo esmolas, passei por muita humilhação. Ele era muito bruto, vivia me batendo. Um dia, debaixo de um pé de juá na beira da estrada, apareceu uma onça de pelo avermelhado, pronta pra dar o bote. Era perto da meia-noite e a gente correu pra colocar lenha no fogo, pra deixar o bicho longe. Quando quase adormeci, uma coisa caiu da árvore em cima de mim. Mas depois vi que não era coisa. Era uma força. Era Deus, que não queria que eu pegasse no sono. Não dormi mais essa noite. Acabei vendo o dia clarear, com medo da onça. Depois disso, quando a gente chegou em Juazeiro, ele botou na cabeça que ia pra Canindé do Ceará, onde tem uma imagem de São Francisco. Era longe, 90 léguas do Juazeiro. Eu não fui. Eu tava no fundo do poço. Morava numa casa sem barro, só envarada com cobertura. Uma mulher viúva, com sete filhos, disse que ia me ajudar. Eu fui pra casa dela e depois de três meses arrumei dinheiro para voltar. Peguei um trem, porque tinha medo de encontrar meu marido na estrada. Cheguei em Colônia Leopoldina, na casa de um irmão e ele chegou por lá. Foi quando eu disse que não queria mais. Mandei ele sumir e voltei pro Muquém. Foi quando eu reencontrei o Antonio, que era meu primo e tinha ficado viúvo da minha sobrinha. Antes de morrer, ela dizia: 'tia, um dia a senhora ainda vai achar um homem bom'. E assim foi. A gente casou e foi feliz durante 42 anos, até que essa doença desgraçada [Covid-19] veio e levou ele. A gente nasce mas não sabe onde chega, só Deus. Mas Antonio foi um companheiro que só me trouxe sossego. Ele era muito beijoqueiro e, quando chegava gente aqui, só queria saber de me beijar. Foi assim que a gente fez a escultura do beijo. Antes eram só as cabeças de barro, depois veio essa do casal se beijando. Virou até estátua em Maceió e o povo pede muito".



...

**ANTONIO FOI UM  
COMPANHEIRO QUE SÓ  
ME TROUXE SOSSEGO.** ELE  
ERA MUITO BEIJOQUEIRO E,  
QUANDO CHEGAVA GENTE  
AQUI, SÓ QUERIA SABER DE  
ME BEIJAR. FOI ASSIM QUE  
A GENTE FEZ A ESCULTURA  
DO BEIJO.





## JOÃO E SUA ALDEIA UNIVERSAL

"Há pouco tempo, comecei a pesquisar sobre Arthur Ramos, médico aqui de Alagoas. Descobri que foi ele que mediu a cabeça dos cangaceiros de Lampião depois de mortos. Ele também pesquisou sobre o negro e o folclore. Eu comprei esse livro, falta chegar. É bom pra 'mim' descobrir coisas. Eu tava procurando alguns personagens do nosso folclore, do Guerreiro: o Sapo, o Zabelê, o Jaraguá, que andava vestido numa carcaça de boi. Foi quando descobri a importância de Arthur Ramos, que dava valor aos negros, isso é raro. Porque o povo diz: 'ninguém dá valor aos negros', mas muitas vezes é o próprio povo negro, é o povo pobre que precisa conhecer a sua própria história. O próprio folclore é esquecido. Sou nascido e criado em Capela, na beira do Rio Paraíba. Desde criança, mexia com barro, fazia boizinhos de brinquedo, não sei se bem-feitos ou malfeitos, mas fazia. Na rua, cada menino da turma fazia um bicho pra gente formar um zoológico. Na escola, eu desenhava muito as gravuras dos livros de história. Eu nunca deixei de fazer arte, rabiscava nas paredes, nos móveis, ainda hoje rabisco. Mas ganhava a vida como pintor de casa, servente de pedreiro, trabalhei no comércio também. Em 1987, quando deixei o emprego, comecei a me dedicar só à arte, que fazia nas horas vagas e já vendia no Mercado do Artesanato em Maceió, umas peças bem primitivas, com as carinhas quadradas. O começo foi bem difícil. Foi quando a prefeitura, através da dona Leda Gomes, arrumou um pequeno salário para que eu ensinasse aos interessados em trabalhar com barro. Um tempo depois, deixaram de pagar, mas eu continuei ensinando.

O Leonilson chegou ainda menino, a Sil é dessas primeiras turmas também. Eu tinha como base pregar a liberdade de criação. O que eles aprendiam era a técnica de trabalho, como usar o barro, como modelar a peça. Mas a concepção da peça cada um criava a sua. As pessoas aprendem a peça, mas desenvolvem o próprio traço. O que a gente fazia não tinha tanta visibilidade como hoje. Foi daí que as pessoas começaram a conhecer o trabalho da gente. Primeiro o Jerônimo Miranda levou uma peça minha pra Recife, um boi em alto relevo, depois ficou encomendando mais. Foi quando começou a clarear um pouquinho. Hoje em dia posso dizer que estou estabilizado, com muitas encomendas, vivo de arte e de um salário que recebo como Patrimônio Vivo. Eu gosto de arte, compro livros, gosto de conhecer. Antes de viver disso, já acompanhava a arte popular. Tenho em casa dois volumes de *Arte no Brasil*, que mostra peças do Mestre Vitalino e do Nino, um artista famoso de Juazeiro que trabalhava com madeira. Quem também chamou muito minha atenção foi o Mestre Dezinho do Piauí, que esculpia imagens em cedro. Eu não digo que sou um professor, mas a nossa escola veio para que cada um sobreviva daquilo que faz. O importante é passar o ensinamento para os outros, a técnica, o estilo. O nosso estado é rico em temas. Você pode trabalhar fazendo, por exemplo, as frutas de Alagoas. O folclore também é muito amplo, temos uma infinidade de coisas pra fazer, não precisa copiar de ninguém. Arte popular é fazer aquilo que está em volta. Uma vez, uma frase de um *marchand* me marcou muito, ele disse: 'pinte sua aldeia, que ela será universal', aí fui captando. A arte deve refletir aquilo que está em volta de você. Os tocadores de viola, os dançarinos do coco, tudo é nossa cultura. Quando comecei a trabalhar com arte, passei a ver tudo com outros olhos".



**João das Alagoas** é o nome artístico do alagoano João Carlos da Silva, mestre artesão do Patrimônio Vivo do estado. Professor de vários artistas populares que utilizam o barro como matéria-prima, ele está à frente de um ateliê com seu nome, verdadeira fábrica de sonhos feitos à mão, localizado em Capela, na Zona da Mata alagoana. Autodidata, entrou em contato com o barro na infância, quando produzia seus próprios brinquedos. Seu interesse por leitura e história o levou a conhecer a obra de grandes nomes da arte ocidental, como Leonardo da Vinci, Goya e Picasso, mas revela que sua grande inspiração foi o trabalho de artistas populares nordestinos. João das Alagoas tem como marca registrada as esculturas do bumba meu boi, adornadas com figuras do folclore alagoano e cenas do cotidiano nordestino em alto relevo. Suas obras foram expostas em diversos estados brasileiros e em outros países, sendo reconhecido por especialistas como um dos grandes expoentes da arte popular do Brasil.

⋮

**ARTE POPULAR É FAZER  
AQUILO QUE ESTÁ EM  
VOLTA.** UMA VEZ, UMA  
FRASE DE UM MARCHAND  
ME MARCOU MUITO, ELE  
DISSE: 'PINTE SUA ALDEIA,  
QUE ELA SERÁ UNIVERSAL',  
AÍ FUI CAPTANDO. A ARTE  
DEVE REFLETIR AQUILO  
QUE ESTÁ EM VOLTA DE  
VOCÊ.



## MEU LÁPIS ERA O CABO DA ENXADA

"Quando cheguei na escola do João pela primeira vez que vi, porque era uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida, aí eu já quis fazer, pegar, aprender, mesmo sabendo que talvez não desse em nada ou desse alguma coisa. Mas graças a Deus aconteceu que deu certo, até hoje, mais de 20 anos que eu vivo da arte e para a arte. Hoje sou uma mulher realizada, e digo que posso não ser tudo que quero ser, mas posso ser mulher, posso ser mãe, posso ser artista e posso ter meus conhecimentos como eu tenho. Então sou assim, realizada. Antes da arte, eu vivia do corte de cana, ao lado dos meus pais. Era difícil. A gente sempre morou no interior e, quando nascia e começava a falar, já tinha nosso lápis, que era a enxada. Minha mãe teve muitos filhos e o meu pai sempre dizia, era uma frase pronta dele: 'se não trabalhar, não come'. Então todos tinham que trabalhar, não só eu, mas todos os filhos dele, eram ensinados a lidar com o cabo da enxada, era isso que ele se dedicava a ensinar. A minha história de vida está contada nas minhas peças, mas sinto que ainda falta muito. Quando eu coloco crianças com livros nas mãos debaixo de uma árvore, de uma jaqueira, isso quer dizer o que penso como devia ser. Eu aprendi a ler e a escrever depois de adulta. Não sabia de nada. Também não sabia brincar, porque só trabalhava. Nas minhas peças, também mostro as brincadeiras infantis, as bonecas, as cirandas de roda, tudo que não pude ter. Foi por isso que saí da zona rural de Cajueiro, onde morava, para viver aqui em Capela com meu marido, o André, que sempre me apoiou muito. Foi quando tive a Cristina, minha primeira filha, que nasceu com muitos problemas de saúde. Foi pra dar um futuro melhor pra ela, para pagar seus remédios, que entrei na oficina de arte que acabou mudando o meu rumo, despertando a artista que sou hoje. Não foi fácil ser a única mulher no ateliê. Sofri muito com o preconceito, o machismo, as pessoas são maldosas. Mas eu superei tudo quando vi que as pessoas gostavam do meu trabalho; passei a ter reconhecimento, a vender minhas peças. Hoje meu nome já é bastante conhecido aqui e fora também. Tudo isso melhorou a vida da minha família. Tenho mais dois filhos, que estudaram, têm formação e podem ter um futuro melhor. Eles também sabem trabalhar com o barro e já fazem suas próprias peças. Mas não sei se vão seguir essa carreira. O importante é saber de onde vem nosso sustento, da arte no barro; foi isso que melhorou a nossa vida".





**Maria Luciene da Silva Siqueira** cortava cana no interior de Alagoas antes de se tornar a Sil de Capela, artista popular conhecida em todo o Brasil com suas esculturas de jaqueiras e cenas do cotidiano nordestino. Discípula do Mestre João das Alagoas, ela molda com o barro muito do que viveu na infância e na juventude, no pequeno município de Cajueiro, na Zona da Mata alagoana. Dona de um traço próprio, a escultora conta histórias através de suas peças, como o casamento na roça, as festas juninas, as brincadeiras de criança, além das manifestações do folclore. Mãe de três filhos, ela conta que sua grande motivação sempre foi garantir uma vida melhor para a família. Sil conquistou mais que isso, sendo considerada hoje um dos grandes nomes da arte popular de Alagoas.



## DESCENDÊNCIA DA ARTE

"A arte tá no nosso sangue, é o nosso destino. O meu pai, Manoel, herdou do meu avô, Liberalino, que já fazia imagens de santos e ex-votos de madeira. Ele começou, inclusive, escondido, com 13 pra 14 anos. Ela tinha medo que o pai brigasse com ele pelo uso das ferramentas, pra não 'cegar' a lâmina. Mas um dia meu avô deu um bote nele: "– tá desconfiado, rapaz?". No susto, ele derrubou tudo, os instrumentos e um coelho em madeira que vinha esculpindo. O meu avô deu apoio a ele e a partir desse dia ele não parou mais. Fazia peças de tudo quanto era jeito, mas sempre preferiu os animais que ele via no cinema, nos filmes do Tarzan. Ele aproveitava isso pra fazer umas presepedas, como a onça em tamanho natural que ele colocou uma corrente amarrada perto de casa. O bicho era tão parecido com um animal de verdade que um guarda da Sucam jurou que foi mordido por ela. Ele andava pelo interior numa bicicleta preta fazendo campanha de saúde pública, abriu a porteira e, desavisado, tomou o maior susto quando viu a 'onça'. Na correria, se cortou todo no arame farpado e jurou que tinha sido atacado. Assim era o meu pai. Além desse dom, a gente herdou também o 'sobrenome'. Ele virou Manoel da Marinheira porque todo mundo chamava minha avó, Maria Justina, de Dona Marinheira. E assim foi, todos nós viramos 'da Marinheira'. O povo dizia que meu avô era marinheiro alemão fugido da guerra, por isso o apelido. A arte em madeira acabou tornando meu pai muito conhecido e a gente que continuou o trabalho dele também. Ele teve 20 filhos, em dois casamentos, e pelo menos cinco são artistas. Tem outra coisa, ele ensinou muita gente. Quem for escultor de madeira aqui em Boca da Mata saiu do nosso quintal. Eu tenho muita satisfação em dizer que faço isso também. Mais de dez já passaram por aqui como aprendizes e alguns continuam comigo, ajudando e aprendendo. Nossa arte foi mais reconhecida depois que o pintor Fernando Lopes e o fotógrafo Celso Brandão descobriram as peças do meu pai; foi nesse tempo também que seu Jorge Tenório começou a coleção dele, com nossas obras, que hoje em dia virou um museu com o nome do meu pai. Depois disso, teve o boca a boca e muita gente veio conhecer, como os donos de hotéis de Maceió que vieram aqui e encomendaram peças. Eu gosto de pensar que a homenagem boa é aquela que a gente recebe em vida. Como no dia que inauguraram o leão gigante lá no Pontal da Barra. A primeira-dama preparou uma surpresa e me surpreendeu. Eu não sabia de nada e, quando vi, fiquei emocionado. A gente sabe que viver da nossa arte no Brasil é sofrido, mas nunca reclamei. Prefiro acreditar que com esforço e trabalho a gente consegue criar os filhos. O meu pai teve 20, por isso sempre precisou trabalhar na lavoura também. Eu cheguei a vender picolé, fruta, carroçava na feira. Mas aí comecei a aprender com meu pai. Ele ia rabiscando a madeira pra mim e eu cortando, e assim não parei mais. Sempre que vou numa feira, num evento fora daqui, aprendo com os outros artesãos, trocando conhecimento, aperfeiçoando a técnica. É isso que importa, no fim: ficar inspirado por tudo que a gente vê, por tudo que a gente passa a conhecer".



**André Barbosa Cavalcante** herdou do pai, Manoel da Marinheira, mais que o sobrenome artístico. A família de escultores de madeira que fez a fama de Boca da Mata em todo o Brasil e também em outros países nasceu com o avô de André, Liberalino, o "marinheiro" que teria aportado no interior de Alagoas em busca de refúgio. Ele era artesão, santeiro, influenciando o filho que, por sua vez, transmitiu a arte do entalhe a seus descendentes, Severino, Antônio, Maria Cícera, Manoel e André. O talento da família pode ser admirado no Museu Manoel da Marinheira, localizado numa propriedade privada no município e nos inúmeros espaços expositivos, galerias e lojas que disputam as peças com a assinatura "Marinheira".



⋮

COMECEI A APRENDER  
COM MEU PAI. ELE IA  
RABISCANDO A MADEIRA  
PRA MIM E EU CORTANDO,  
E ASSIM NÃO PAREI MAIS.  
SEMPRE QUE VOU NUMA  
FEIRA, NUM EVENTO  
FORA DAQUI, APRENDO  
COM OS OUTROS  
ARTESÃOS, TROCANDO  
CONHECIMENTO,  
APERFEIÇOANDO A  
TÉCNICA. **É ISSO QUE  
IMPORTA, NO FIM: FICAR  
INSPIRADO POR TUDO  
QUE A GENTE VÊ, POR  
TUDO QUE A GENTE  
PASSA A CONHECER.**

## RETALHOS

"Eu amo o artesanato. Isso aqui é a minha vida e penso que Deus não poderia ter me dado outro dom. Por isso não quero que essa arte acabe em mim, quero deixar para as próximas gerações, do mesmo jeito que aprendi com uma senhora que já tinha 90 anos. Na verdade, eu sempre fui costureira. Em 2004, eu trabalhava na prefeitura daqui de Boca da Mata, quando a secretária de Assistência, da época, ganhou uma peça de *patchwork* manual. Quem criou e desenvolveu foi uma senhora chamada Gisele Dâmaso, que foi então convidada a dar um curso para um grupo de mulheres aqui da cidade. Ela concordou, desde que fosse na casa dela. Foi assim que teve início tudo, dez mulheres foram capacitadas e receberam a primeira leva de material. Trabalhávamos em um espaço alugado pela prefeitura e, dessa forma, nasceu uma associação, que também passou a contar com o apoio do Sebrae e do Governo do Estado. Uma ensinava às outras e, dessa forma, chegamos a ter 60 associadas. Isso durou cerca de oito anos, com tudo formalizado. Eu era presidente da associação e, com o tempo, fomos ganhando clientes e a confiança dos lojistas, principalmente com a participação em feiras e exposições. Mas aconteceram muitas mudanças políticas e, do jeito que estava, a coisa não foi pra frente. Eu então comecei tudo de novo, praticamente do zero. Capacitei mais dez mulheres, em outros povoados. Dessa vez, formamos um grupo produtivo e a artesã ganha conforme as peças produzidas. Ao longo desse tempo, vi muitas histórias de mulheres que realizaram seus sonhos a partir do próprio trabalho, muitas superaram problemas de saúde e estados de depressão. A minha trajetória de vida é um exemplo de todas essas conquistas. Desde os 11 anos de idade eu costuro. A minha sobrevivência veio do tecido, dos retalhos, da combinação de estampas e cores. Eu criei minha família com o meu ofício, por isso digo que este trabalho não é só uma paixão, é a minha vida. Eu chamo o que nós fazemos de bordado. Trabalhar com esses cortes milimétricos de algodão, arrematar com a bainha aberta ou o caseado e formar as mais diversas peças a partir desse desenho básico foram uma grande conquista. Há quem diga que existe algo semelhante na Bahia; muita gente diz que o nosso artesanato remete à infância. E tem isso, sim, de memória, de histórias de vida, mas a nossa técnica, a forma que a gente faz, eu só vi aqui. Hoje em dia, 37 mulheres, ou seja, 37 famílias tiram daqui o seu sustento. Já chegamos a produzir 700 peças por mês e temos uma média de 500, entre caminhos de mesa, jogos americanos, capas de almofada, bolsas. Tudo que a imaginação mandar e a criatividade permitir a gente faz".



Ela começou sua vida de artesã como coordenadora da Casa da Mãezinha, uma ação de empreendedorismo social que incentivou a produção de peças feitas com retalhos de tecido, usando a técnica do *patchwork* manual. Atualmente, à frente de um grupo de produção em Boca da Mata, **Edneuz Teixeira** desenvolve coleções inteiras com seus pequenos recortes de algodão colorido, que se tornaram marca registrada da arte em tecido, feita à mão, de Alagoas.

...

**EU CHAMO O QUE NÓS  
FAZEMOS DE BORDADO.**  
TRABALHAR COM ESSES  
CORTES MILIMÉTRICOS DE  
ALGODÃO, ARREMATAR  
COM A BAINHA ABERTA OU  
O CASEADO E FORMAR AS  
MAIS DIVERSAS PEÇAS A  
PARTIR DESSE DESENHO  
BÁSICO FORAM UMA  
GRANDE CONQUISTA.





## LUTA PELA TERRA

"Aprender como trabalhar a fibra da bananeira foi uma descoberta muito grande aqui no assentamento. A gente tava tendo acesso a cursos de artesanato com a Irmã Miriam, da Cooperagro e da prefeitura daqui na zona rural, no assentamento, mas fazer o bordado Filé com a bananeira foi uma coisa nova, diferente. A gente nem conhecia a técnica do Filé tradicional e quando viu já tava usando a fibra para fazer este trabalho. Além do assentamento Água Fria, o Junco, o Massangana e o Itabaiana também receberam as oficinas de capacitação do Sebrae. Isso já tem uns 12 anos. No começo, tudo era muito difícil, numa casa de taipa, que foi feita em mutirão pela própria comunidade, que cortou os caibros, tapou com barro. Tinha que ter uma sede para aprovar o estatuto da associação, conforme disse a promotoria. Aqui tudo tem que passar pela liberação da maioria dos assentados, em ata, tudo direitinho. Essa sede agora é muito boa, muito bonita e equipada com tudo, mas o sonho do projeto começou tem uns quatro anos. A gente teve o apoio do Incra, do Governo do Estado, do Sebrae, e por obra do destino e vontade de Deus a gente conseguiu terminar durante a pandemia. Ela hoje tá aberta para qualquer assentado, desde que cumpra as regras. O nosso trabalho com a fibra natural é único, a gente mesmo retira e beneficia a matéria-prima. Primeiro, separa a palha do tronco, que só é tirado depois que o cacho de banana tá vingado. Em seguida, a gente coloca pra secar e só depois leva pro tear de madeira pra bordar em vários pontos diferentes, dependendo da peça. Trabalhar em grupo pode ser complicado, porque cada um tem um pensamento, mas a gente procura sempre viver em harmonia. Quando tem encomenda, demanda mesmo, a gente acaba recebendo um trocado bom; tem tempo que a gente nem dá conta. Isso é muito importante, porque se não tivesse ia ser difícil pra muitas de nós. O trabalho da roça hoje não é suficiente pra se viver. O objetivo da associação é ensinar a técnica pra que outras mulheres, inclusive as mais jovens, se juntem a nós. Com muito suor e trabalho, vem uma renda que torna a mulher mais independente. Eu tenho um orgulho danado do que a gente faz".



A **Associação Mulheres de Fibra**, localizada no assentamento Água Fria, zona rural de Maragogi, produz peças a partir da fibra natural extraída da bananeira. Com pontos e técnicas inspiradas no Filé, renda típica de Alagoas, as peças estão atraindo cada vez mais o interesse de compradores, interessados nos produtos e nas histórias por trás deles. Como relata a presidente da entidade, **Amara Lúcia Silva de Oliveira**, a renda com a comercialização do artesanato gera autonomia e independência financeira para muitas mulheres que antes dependiam da agricultura para a subsistência, sem outras possibilidades de remuneração. As bolsas, passadeiras, cachepôs, porta-copos e peças do vestuário representam a luta dessas mulheres que resistem e constroem uma vida diferente no interior de Alagoas. base para as peças.

## MUITO ALÉM DO COCO

"Eu comecei no artesanato há mais de 20 anos, participando de um curso de pintura em tecido. Mas comecei a trabalhar com o talo seco do coqueiro depois de conhecer uma senhora no povoado Lages, conhecida como Dona Véia. Era ela quem dominava a técnica e ensinava como beneficiar a matéria-prima, que aqui a gente chama de carrambacho. Há 14 anos eu trabalho fazendo minhas peças do talo do coco, que a gente coloca pra secar depois que lima ele da folha. Para tecer a trama, a gente usa um tear manual de madeira, que até hoje eu só vi por aqui mesmo, além de linha e arame. No começo, tudo era muito difícil. As coisas só começaram a mudar depois que a gente recebeu uma consultoria do Sebrae. Com isso, a gente conseguiu um resultado melhor dessa tradição aqui do Litoral Norte, que começou com a Dona Véia e a Dona Maria da Palha. No começo, a gente vendeu muito aos hotéis, pousadas e restaurantes daqui da região e isso ajudou muito a divulgar o trabalho. Hoje em dia, trabalhamos muito sob encomenda ou aqui mesmo na loja. A gente forma um grupo produtivo com mais de dez associadas, mas esse número varia muito, porque a gente vem buscando incluir gente mais jovem. A matéria-prima é muito abundante aqui na região e a gente precisa aproveitar muito isso pra ter trabalho pra todo mundo. Hoje, vendo muitos produtos aqui na loja, de outros artistas, de vários lugares. Mas as luminárias, arandelas, cachepôs, caminhos de mesa e jogos americanos do talo do coqueiro continuam sendo nossos atrativos principais".



**Laudinete Maria dos Santos**, nascida e criada em Porto de Pedras, utiliza o talo extraído da palha do coqueiro para fazer peças utilitárias e decorativas, comercializadas em loja própria, a Belas Artes Artesanato. A colheita da matéria-prima é realizada por um grupo produtivo formado pelos irmãos da artesã, Lourinete, Lucinete, Lindinete, Ligiete, Maria José e Geová, que extraem do centro das folhas os talos, postos para secar e preparados para tecer. O tear de origem indígena é totalmente manual, basicamente um quadrado de madeira sustentado por cavaletes. A fibra é tecida com linhas de algodão, formando uma 'esteira', que serve como base para as peças.



## LEGADO DE MARIA DA PALHA

"Eu aprendi tudo que eu sei com a minha mãe, Maria da Palha, que já usava tear grande pra fazer esteira de periperi, uma fibra da várzea. O tear menor serve para fazer as peças pequenas com o talo do coqueiro e foi adaptado pelo meu avô. A gente sempre viveu do artesanato, era o principal meio de vida da minha avó, uma prática que sempre ensinou aos filhos. Eu trabalho com fibra de ouricuri, coqueiro e dendezeiro. Esse material é como um diamante bruto, que precisa ser lapidado pra virar arte".

**Akeline dos Santos** é filha da Dona Maria da Palha, uma das artesãs pioneiras na arte de tecer com o talo extraído do coqueiral de Porto de Pedras. Além das peças decorativas e utilitárias que produz com o coco, ela também usa a palha de palmeiras, como o ouricuri e o dendê.







**ILHA DO FERRO** Sertão é a "ausência de limites". Um território sem fronteiras definidas, "para lá do agreste, onde a terra se eleva e se torna mais árida, o clima mais seco, onde predominam a vegetação rasteira e os cactos". O Sertão também pode ser encarado como metáfora, área de interação entre diferentes culturas, terreno fértil para o imaginário, para a literatura, para as artes. Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, com suas versões realistas e mágicas, das *Vidas Secas* e das *Veredas*. Ariano Suassuna e seu Movimento Armorial, fundado nas raízes da tradição nordestina. Músicos, cordelistas, artesãos.

A Ilha do Ferro, situada a 18 km do centro urbano do município de Pão de Açúcar, não é uma ilha como o nome indica. A história do povoado é semelhante a de inúmeros outros que encontramos às margens do Rio São Francisco, entre Alagoas e Sergipe. O que torna diferente o lugar é a sua gente. Desde cedo, aprenderam que o Sertão não podia ser domado, com seus ciclos de seca e fartura. O rio, ao longo dos anos, viu minguar o ir e vir dos barcos e canoas que movimentavam os portos ribeirinhos.

O Sertão do São Francisco, visto como "uma força disruptiva e potencialmente perigosa", foi cenário para as batalhas do cangaço, mas também sempre representou refúgio. Não era só um marco geográfico, mas sim "um estado de espírito". A ascensão e a queda de grupos regionais hegemônicos nunca foram capazes de abalar o que o sertanejo tem de mais genuíno, uma inabalável força, essencial à sobrevivência.

A ilha que não é uma ilha tem esse nome, segundo os moradores mais antigos, porque a terra pertencia a uma família cujo sobrenome era Ferro. Em frente ao núcleo das primeiras habitações, havia no meio do então caudaloso Rio São Francisco uma ilha. O banco de terra existe até hoje e, por se tornar cemitério habitual de recém-nascidos, é mais conhecido como Ilha dos Anjos. Há inúmeras versões para explicar como um povoado ribeirinho tornou-se ilha. Essa, no entanto, é a mais aceita.

## HISTÓRIAS E LENDAS

Suas histórias incluem o naufrágio de um vapor, o Moxotó, as grandes lanchas que faziam o transporte de passageiros, como a Tupã, e o deslumbramento colorido das canoas de tolda, típicas embarcações do Baixo São Francisco. Esse passado naval explica o grande número de artesãos que começaram a vida nos muitos estaleiros ao longo dos povoados ribeirinhos. Muitos também eram os construtores das armações de madeira, estruturas depois 'tapadas' com barro, originando as casas de taipa, cobertas originalmente com palha.

A Ilha do Ferro também está cercada de lendas. Histórias do cangaço, como as investidas de Lampião e Maria Bonita, as visitas de Corisco, as fugas dos moradores entre os povoados mais seguros. É o que conta Bernadete Rosália Teixeira, a Dona Morena, nascida em 1926. Parteira, benzedeira, bonequeira e contadora de histórias, ela diz que muitas mães corriam com seus filhos de colo para lugares mais seguros durante noites de terror que marcaram a luta entre os cangaceiros e forças policiais de então. Mestre da tradição oral, ela representa parte do legado da Ilha e da própria cultura do lugar.

As histórias contadas por outro morador, que também se tornou um símbolo do renascimento artístico da Ilha do Ferro, ajudaram a forjar um imaginário mágico em torno dos moradores. "Minha arte tem uma inteligência que só os artistas da natureza podem compreender", era assim que Fernando Rodrigues dos Santos, autodidata, costumava se apresentar a quem visitava seu ateliê, denominado 'Boca do Vento', atrás de casa, com vista para o São Francisco.

Seu Fernando era pescador, agricultor, caçador, poeta e um grande divulgador da arte que antes se escondia na Ilha do Ferro. Não sabia ler, mal escrevia o próprio nome, mas deixou cadernos com seus pensamentos e memórias ditados em voz alta e transcritos por pessoas com quem conversava. Entre os anos de 1967 e 1981, começou a trabalhar com a madeira.

Primeiro fazendo tamancos como o pai, que eram vendidos "a 3 contos o par". Depois cadeiras, bancos, pequenas mesas, em estilo rústico, usando madeira morta, galhos, raízes, troncos. Em quase toda peça, inscrições, frases, palavras soltas. O mesmo tipo de poesia de sua vasta tradição oral.

**" MINHA ARTE TEM UMA INTELIGÊNCIA  
QUE SÓ OS ARTISTAS DA NATUREZA  
PODEM COMPREENDER**

FERNANDO RODRIGUES



## TERRITÓRIO DA IMAGINAÇÃO

Hoje, dezenas de artistas populares povoam a Ilha do Ferro, trabalhando principalmente com o entalhe em madeira e com o bordado Boa Noite, cuja história remonta aos anos 1940, também contada nos escritos do Seu Fernando. Na frente de suas casas, em ateliês improvisados, nas praças, na beira do rio, homens e mulheres continuam a fazer história com as próprias mãos, transformando o lugar em território da imaginação, onde a criatividade se mistura com o fazer cotidiano, transformando vida e arte em vivência única.

Além do mobiliário singular, com suas formas que respeitam a sinuosidade dos galhos, raízes e troncos, emergem dos trabalhos manuais, figuras da fauna e da flora do Sertão, barcos, canoas, homens e mulheres, seres híbridos e mitológicos. São peças orgânicas que, além do apelo realista, trafegam pelo fantástico, pelo bestiário criado na cultura popular, pelas manifestações de um folclore vivo, que se materializa e se reinventa em cada pedaço de madeira encontrado na natureza. É essa diversidade em formas, cores e texturas que faz da Ilha do Ferro um enclave único nos domínios da arte popular de Alagoas.





## CELSO E A ILHA EM PRETO E BRANCO

Do que é feito o tempo?

É possível através da definição de um espaço desenhar uma narrativa própria, constituída por imagens-alma, imagens-fantasia, imaginação? As nove fotos em preto e branco feitas na Ilha do Ferro pelo fotógrafo alagoano Celso Brandão, e que formam este pequeno ensaio amoroso, contam a trajetória do artista e seu encontro com um lugar, que frequenta desde os anos 1980.

“Produzindo um olhar sobre o olhar”, como já foi dito em seu livro dedicado ao povoado ribeirinho, Celso nos apresenta um recorte único de um pedaço de Alagoas que parece resumir um traçado histórico inteiro. Natureza, figuras humanas, cenas cotidianas, ruas e seu casario convidam a andar e a voar no mágico Sertão do São Francisco.

Foi ali que, após registrar a técnica do bordado Boa Noite, ele conheceu Fernando Rodrigues em seu bar Redondo, construído pelo próprio artesão que se tornaria uma lenda por seu trabalho em madeira.

“O pai de Fernando tinha uma fábrica de tamancos. Com ele, aprendeu o ofício e criou, inclusive, seu próprio modelo de tamanco feminino. Em uma visita a um primo no Rio de Janeiro, ele conheceu uma coleção de arte na extinta TV Manchete e algumas esculturas de madeira. Voltou para Alagoas dizendo que conseguia fazer algo similar e assim fez.”

Celso Brandão conta essas histórias como quem revive a aventura. Foi assim que ele enxergou aquele lugar encantado. Foi assim que ele deixou de se preocupar do que é feito o tempo. Tudo que é vivido em plenitude se torna, de pronto, memória.









## BELEZA RIMA COM NATUREZA

"Meu ateliê fica aqui, debaixo de uma árvore. Na verdade, a arte é a madeira, o artista só empresta a ela o seu talento. Na verdade, muitos se descobrem artistas diante da necessidade e pelo acaso do tempo. Eu, quando criança, aos oito, dez anos, já fazia os meus próprios brinquedos. Eu sou filho de Pão de Açúcar, mas meu pai rodou muito com a família pelo Nordeste. Comecei a vida trabalhando na agricultura e na pesca artesanal. Também fui fotógrafo. Há 20 anos encontrei Seu Fernando, de quem fui amigo, e comecei com o serrote e o enxó, fazendo minhas primeiras peças, que ele mesmo comprou. Foi quando teve uma exposição dos hoteleiros, em Maceió, onde foram vendidas todas as minhas peças que estavam expostas e aí a arte passou a ser a minha principal atividade. Um colecionador de Maceió, que também comercializa, o Jerônimo Miranda, também comprou muitas peças minhas. Aí eu dei sequência ao que tinha começado, mas sempre criando coisas, porque, se não inventar o novo, acaba caindo na mesmice, vira uma coisa só. Deixa de ser arte pra virar artesanato. Eu faço figuras com uma expressão própria; há quem diga que parecem antigos sacerdotes, mas também tem muitas criaturas que só têm na minha imaginação. Uma outra coisa é respeitar a natureza. Eu só trabalho com troncos de árvores já mortas, que vou encontrando ou compro de quem acha: mulungu, craibeira, mororó, imburana-de-cheiro, pau-ferro, aroeira, braúna. São muitas. Por isso a gente precisa devolver à natureza o que ela dá, reflorestar, plantar pra que tenha sempre. E eu dou muito valor a essas coisas. Agora mesmo adquiri, na Serra do Meirús, uma casa de farinha quase inteira, muito antiga, com mais de 100 anos. Tem a prensa, o caititu, o parafuso, a roda. O projeto agora é remontar essa casa de farinha na Ilha do Ferro e botar pra funcionar de novo. Minha maior preocupação agora é com a juventude. Muitos só querem saber de celular, internet, futebol, não querem saber de arte. Se a gente não pensar num futuro pra esses jovens, em poucos anos acaba a arte na madeira, o bordado... tudo isso vai perder a essência, virar uma indústria. É por isso que defendo a preservação disso aqui tudo".



**Petrônio Farias**, 54 anos, nascido e criado na Ilha do Ferro, passa mais tempo, atualmente, no Sítio Estrêlo, onde mantém seu ateliê sob uma árvore. Comunicativo, ele conta que vive sonhando com as peças, com as novas formas que esculpe diariamente na madeira. Em 2014, ele foi homenageado com o prêmio Théo Brandão de Artista Artesão do Ano e segue produzindo e comercializando sua obra, conhecida em todo o Brasil e em países, como Itália, França e Alemanha.

## DOM DE FAMÍLIA

"A arte é um dom que a gente tem, uma herança de família. Meu irmão começou primeiro que eu, mas meu pai era mestre de casas de taipa, fazia curral, carro de boi. Meu avô construía canoas de tolda, que navegavam aqui no Rio São Francisco. Minha família era assim. Meu pai era um agricultor, ferreiro, carpinteiro que também era sanfoneiro e poeta. Eu trabalhava com meu pai na roça, com plantação e lidando com o gado. Com a madeira, comecei entre 1981 e 1982, mas para ganhar dinheiro com a arte faz pouco tempo. Tem uns 20 anos que vendi as primeiras peças para um hoteleiro, o Nilo, da Pousada do Toque, em São Miguel dos Milagres. Começou assim. Hoje em dia, a gente vende muito pela internet, aparece na televisão. Eu mesmo tive 58 peças expostas numa novela da Rede Globo. Uma das melhores coisas da arte é o encontro com outros artistas, o convívio nas viagens, durante feiras e exposições. Já fui a Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília. A gente ganha muito conhecimento e experiência com isso. Mas o que me alegra mesmo é quando encontro um pedaço de madeira que vai dar uma peça bonita. A arte já vem da natureza quase pronta, às vezes é que precisa mexer um pouquinho para dar um melhor resultado.

Um dos mais reconhecidos artistas da Ilha do Ferro, **Aberaldo Sandes Costa Lima** tem 60 anos e muita história para contar. Um dos pioneiros no ofício que ajudou a fazer a fama do vilarejo ribeirinho, Aberaldo participa com frequência de feiras e eventos nacionais, onde tem a oportunidade de trocar impressões e experiências com outros artistas. Com obras espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, o alagoano ganhou projeção nacional recentemente, quando suas peças foram expostas numa telenovela da Rede Globo.

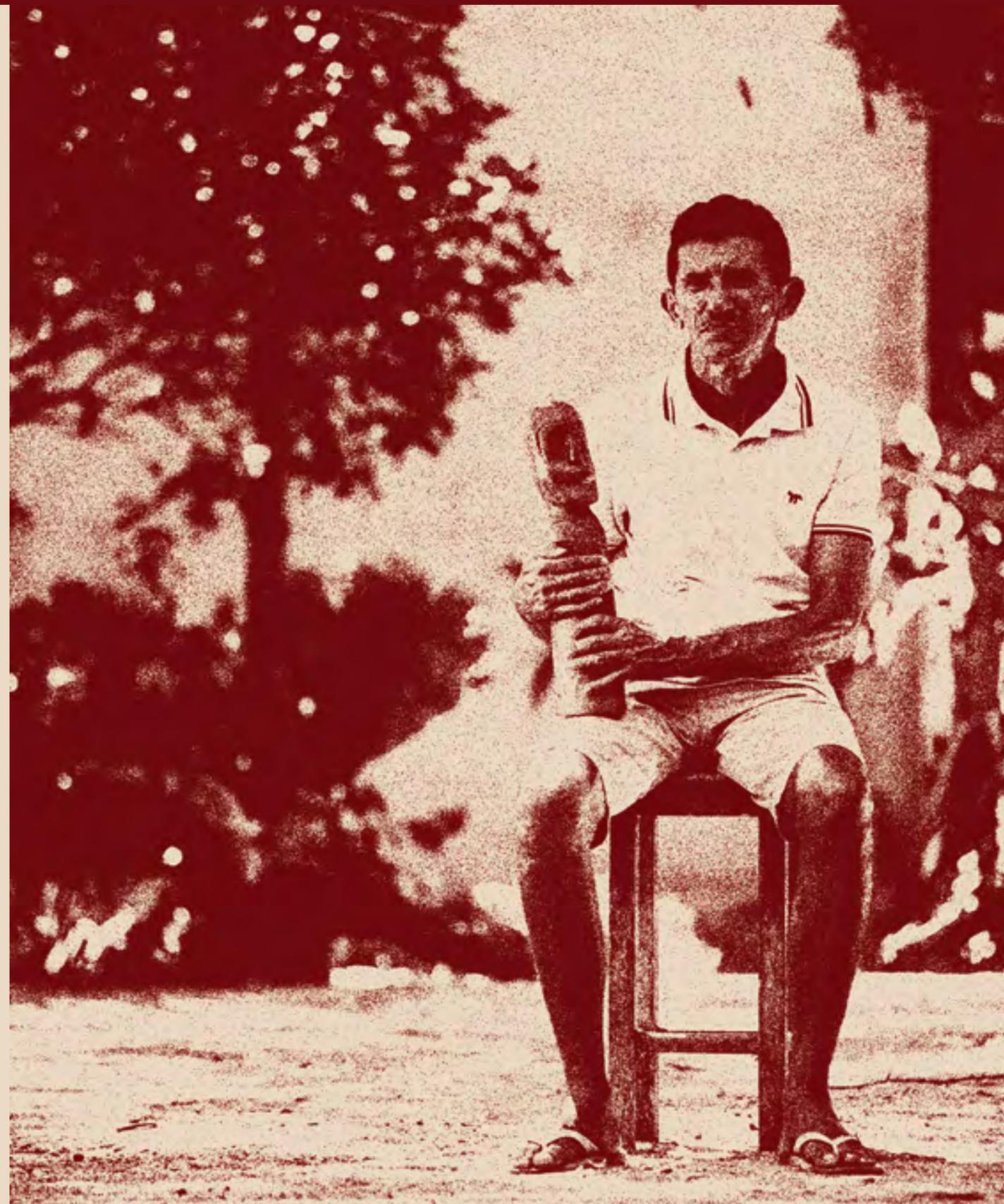




Lembro que no começo minhas figuras eram uma representação de um homem corcunda, que parecia o Frei Damiano, um religioso franciscano que vivia peregrinando pelo Nordeste. Isso deixou uma marca, uma assinatura do meu trabalho. Eu tinha uma relação muito boa com Seu Fernando, era um grande amigo. Mas nunca trabalhei com ele. O Rio São Francisco sempre teve grande importância pro povoado. Pena que a gente só vê a metade dele hoje em dia. Antigamente ele trazia muita coisa boa para todos nós. Muitos troncos trabalhados pelos artistas daqui desciam pelo rio. A gente sabia os dias da semana pelo movimento dos barcos. Eles subiam e desciam entre Penedo e Piranhas, para a feira. Tinha também uma estação de trem em Piranhas, que era muito importante para os ribeirinhos. Nessa época, Pão de Açúcar plantava muito arroz. As trocas de alimentos entre as cidades era toda feita pelo rio. Existiam duas lagoas grandes, mas sem muita água, boas para o plantio de arroz; da Marituba até aqui era tudo arrozal. Mas a gente continua tendo uma bondade: desde que me entendo por gente, não vejo ninguém pedindo esmola, morando na rua ou passando necessidade. Todo mundo se ajuda. Eu tenho 60 anos e posso dizer que tudo mudou muito. Chega dá uma tristeza. Pra ter uma ideia, aqui na frente tem uma ilha, que o povo chama de Ilha dos Anjos, porque enterravam muitos recém-nascidos por lá. No passado, quando o rio não era só isso, essa ilha ficava bem no meio, com grande movimento de embarcações de um lado e do outro. Transposição, hidrelétricas, barragem... prenderam o rio. Eles dizem que o interesse deles é gerar energia, mas querem é ganhar dinheiro, não pensam na população, nos ribeirinhos, nas pessoas que moram no Baixo São Francisco. Aqui já navegou um navio da Marinha, de grande porte. Mas se depender dos políticos, o futuro é zero. Agora parte da juventude só quer saber de celular e internet, esqueceu do mundo".

...

LEMBRO QUE NO COMEÇO  
MINHAS FIGURAS ERAM  
UMA REPRESENTAÇÃO DE  
UM HOMEM CORCUNDA,  
QUE PARECIA O FREI  
DAMIÃO, UM RELIGIOSO  
FRANCISCANO QUE  
VIVIA PEREGRINANDO  
PELO NORDESTE. ISSO  
DEIXOU UMA MARCA,  
UMA ASSINATURA DO MEU  
TRABALHO. **EU TINHA UMA  
RELAÇÃO MUITO BOA  
COM SEU FERNANDO, ERA  
UM GRANDE AMIGO. MAS  
NUNCA TRABALHEI COM  
ELE.**



## SEGREDOS DA BOCA DO VENTO

"Eu pescava à noite e trabalhava na roça de dia. O meu sogro foi muito bom pra mim, eu aprendi muito com ele. Hoje eu ensino a todos que desejam aprender; só aqui no Boca do Vento tem hoje oito pessoas trabalhando com arte. Tem esse nome porque é o lugar mais ventilado da Ilha do Ferro. Eu faço muita coisa, mas minhas peças preferidas são as cadeiras. Faço bancos, pássaros, figuras. Mas as cadeiras começaram tudo. Um dia, voltando da roça, fui desafiado pelo Seu Fernando a fazer a primeira peça. Eu disse que sabia fazer e ele na hora respondeu: '— Sabe nada'. Eu fazia escondido dele e quando acabei ele disse: '— Eita cadeira feia'. Pra logo depois emendar: '— Quer trocar por galinhas?'. A gente acaba rindo com aquelas disputas. Eu fiz essa primeira cadeira com a raiz de um pau que achei no meio do mato, margeando um riacho. Eu acabei dando a cadeira a ele. Hoje em dia, eu trabalho todos os dias, mas no domingo só até o meio-dia. Quando não estou aqui no ateliê entre os instrumentos de trabalho, sinto muita falta. Eu vivo aqui, rodeado pelos troncos, galhos, raízes. Muita coisa já vem quase pronta da natureza. A gente olha o formato e já enxerga a peça. Tem coisa que só precisa de acabamento, colocar os pés, por exemplo. E tem figura que a gente entalha já com o sentido que vê na madeira morta, no galho retorcido. O que precisa ter cuidado é pra isso tudo não acabar. A raiz, por exemplo, a gente só trabalha com as que já estão mortas. Não pode arrancar o pau pela raiz na mata, na natureza. Por isso tem que plantar, replantar. Tem muita gente jovem que vai continuar fazendo arte com madeira por aqui e pra isso acontecer não pode acabar com tudo que tá na natureza".

Genro do Mestre Fernando Rodrigues, **Valmir Lessa Lima** é hoje um dos mais experientes artistas populares da Ilha do Ferro. Ele lidera o grupo que trabalha e comercializa suas peças no Ateliê Boca do Vento, o mesmo que abrigou a arte do sogro, dentre eles, primos, sobrinhos e a filha, Camille Lessa, única mulher artesã da madeira. Valmir é conhecido por galeristas e colecionadores de todo o Brasil pelas cadeiras e bancos feitos a partir de raízes e galhos retorcidos, marca característica da arte em madeira do povoado.







## DOIS IRMÃOS

"Sou natural do Boqueirão, município de Pão de Açúcar. Comecei cortando cana em usinas de Penedo e Teotônio Vilela, mas desde cedo tive contato com trabalho em madeira, ainda na roça, fazendo barquinhos para brincar. Criança, via muito o Seu Fernando trabalhar, andava com ele pelo mato procurando matéria-prima. Me dava muito bem com ele e aprendi muito também. Depois de um tempo, sem opção de emprego e com problemas de saúde por conta do trabalho braçal, me lembrei das dicas do Seu Fernando e comecei a trabalhar com arte em madeira. Posso dizer que eu e meu irmão somos discípulos dele, assim como outros jovens daqui que conviveram com ele. A gente não usa madeira verde de jeito nenhum, só trabalha com troncos e galhos de madeira morta, tem que ter esse respeito. Precisa tomar cuidado com a natureza, porque não dura pra sempre. Apesar dos jovens de hoje estarem estragados pelos jogos eletrônicos e pela internet, a gente precisa saber que eles vêm depois da gente, né? É preciso pensar em quem vai continuar o trabalho por aqui".

Os irmãos **Domingos Sávio Santos** e **Cícero Alves dos Santos** são mais conhecidos na Ilha do Ferro como **Salvinho** e **Cicinho**. Eles fazem parte da nova geração de artistas do povoado e suas esculturas que misturam homens e pássaros estão alcançando grande sucesso entre colecionadores e galeristas de todo o Brasil. Simpáticos e acessíveis, eles mantêm o ateliê que dividem sempre de portas abertas para quem deseja conhecer ou aprender mais sobre a arte do entalhe e pintura em madeira.



...

DESDE CEDO TIVE CONTATO COM TRABALHO EM MADEIRA, AINDA NA ROÇA, FAZENDO BARQUINHOS PARA BRINCAR. **CRIANÇA, VIA MUITO O SEU FERNANDO TRABALHAR, ANDAVA COM ELE PELO MATO PROCURANDO MATÉRIA-PRIMA.**

## INSPIRAÇÃO VEM DO QUE VEJO

"Eu só comecei a trabalhar com arte em 2014. Antes disso, eu trabalhava na roça, como meu pai e meus irmãos. Depois, passei um tempo como funcionário da prefeitura. Mas tudo chega na hora certa. Logo quando comecei, a Maria Amélia comprou uma das primeiras peças. Daí em diante, foi rápido como um foguete. Quando comecei a trabalhar com arte, busquei trabalhar com temas que agradassem ao público feminino, porque são as mulheres que mais se interessam. Mas para trabalhar com madeira não é só chegar, querer. É preciso ver o caminho por onde vai começar. Hoje em dia, penso que isso foi a melhor coisa que já fiz na vida. Mas também posso dizer que não sou de seguir ninguém. Minha inspiração vem do que vejo. Minha cabeça fica num zum-zum danado quando aparece uma coisa bonita na televisão. Minha cabeça fica trabalhando feito um computador. Usar a minha imaginação e gostar do que faço é o maior segredo. Eu trabalho 8h, 10h, 12h por dia e não sinto. Tem gente que diz que eu trabalho rápido, falam que meu dia tem 30 horas. Mas se eu pudesse não parava nunca, não descansava tempo nenhum. E trabalho com todo tipo de madeira, mulungu, imburana, pereiro, craibeira, cedro, jaqueira. Mas não conheço muito da arte popular do resto de Alagoas; só participei de uma única feira dos municípios, em 2019. Eu penso que entrei na arte como uma pessoa abençoada. Nesse caminho, conheci o Véio, artista de Sergipe. Ele já teve aqui em minha casa 12 vezes em um ano. É mesmo que ser um pai pra mim, abrindo caminhos, me trazendo madeira. Hoje entendo como viver da arte, tenho comércio, tenho a quem vender. Minha arte já foi pro Brasil inteiro, Piranhas, Maceió, São Paulo, Belo Horizonte e até pro estrangeiro, como a Bélgica. O certo é que fazer arte pra mim não tem preço, é muito importante".





...

MINHA INSPIRAÇÃO VEM DO QUE VEJO. MINHA CABEÇA FICA NUM ZUM-ZUM DANADO QUANDO APARECE UMA COISA BONITA NA TELEVISÃO. **MINHA CABEÇA FICA TRABALHANDO FEITO UM COMPUTADOR. USAR A MINHA IMAGINAÇÃO E GOSTAR DO QUE FAÇO É O MAIOR SEGREDO.**

**Edvan Alves Lima, o Vavan**, 61 anos, entrou no universo da arte popular a partir das vivências como morador da Ilha do Ferro, mas nem sempre foi assim. Antes, ele trabalhou na roça, na olaria com o pai e transportando alunos que seguiam de barco para a escola, em Pão de Açúcar. Mas sua vocação já estava inscrita na madeira, onde ele começou fazendo pequenas canoas e barcos para brincar nas águas do São Francisco. Hoje é dos artistas que mais produzem no povoado, dono de um ateliê bem cuidado, repleto de peças e pedidos com encomendas que chegam de todo o país.



"Arte a fazer arte observando meu pai, copiando. Reinava com os instrumentos de trabalho dele que ficavam parados. Os bailarinos que faço em madeira e com os quais fiquei conhecido eram, no início, jogadores de futebol, na posição de chute, com uma bola no pé. Até que alguém pediu que eu tirasse a bola e eles foram se transformando em bailarinos. Antes de trabalhar só com arte, fui trabalhar com alfabetização no Maranhão, um trabalho muito bom para o meu aprendizado, mas muito difícil. Era um programa ligado ao MST e, quando estava finalizando, resolvi fazer uma peça para cada colega de jornada, para ficar como recordação. Daí para frente, não parei mais. Meu trabalho hoje chega em todo o Brasil e países como Holanda, Itália e Estados Unidos. Toda a minha renda hoje vem da comercialização dessas peças. As encomendas são muitas e isso é bom, mas não resta muito tempo para pesquisas, para que possa fazer outras coisas. Uso muito a pereira, a imburana e o mulungu, porque são madeiras que possibilitam fazer várias coisas, de bonecos mais figurativos a peças imaginárias e pra isso me inspiro muito no trabalho do meu pai. Não acredito muito nessa coisa de "imitadores", as pessoas precisam iniciar de alguma forma e todo mundo que começa se espelha em alguém, no meu caso, tinha o meu pai. Mas cada um apresenta seu traço. Comecei a pensar nisso de uns dois anos pra cá. Percebi que cabe ao artista buscar seu próprio estilo com o passar do tempo. Por isso tenho me interessado em fazer oficinas, trabalhar com quem está começando. Existe, inclusive, a possibilidade de fazer isso em todo o Brasil. Eu também tenho outro projeto, que nasceu como um sonho. O Projeto Mudaz pretendia plantar 50 árvores a cada quatro meses, mas hoje estamos querendo fazer algo maior, uma estufa grande que permita plantar 5 mil mudas por ano, envolvendo toda a comunidade".





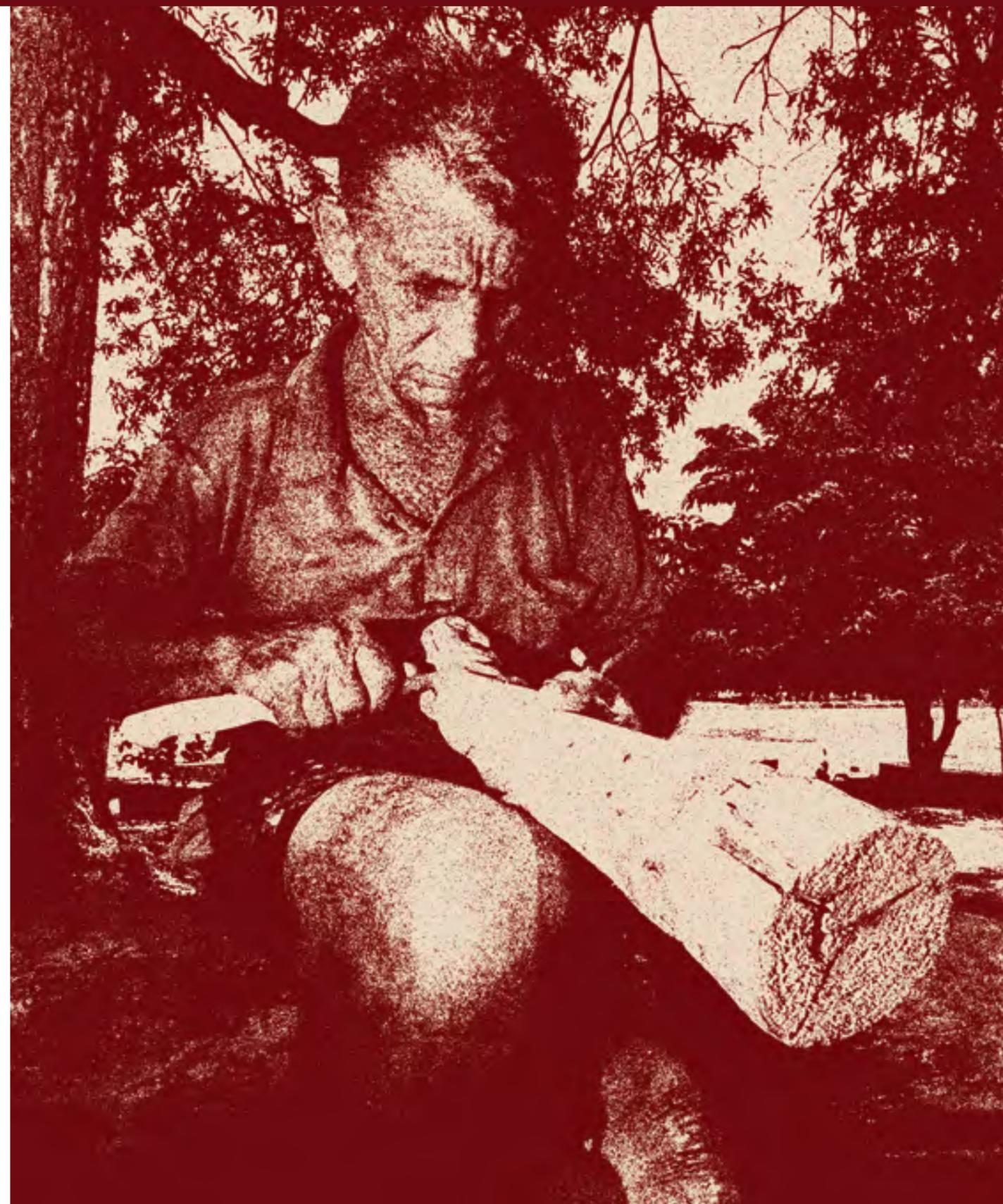


Com apenas 25 anos e muita experiência como ativista e educador, **Yang da Paz Farias** é um dos mais jovens artistas da Ilha do Ferro. Com características próprias e muito apreciadas por colecionadores e lojistas, ele é filho de Petrônio Farias, de quem herdou o talento e o amor pela natureza. Idealista, pretende transformar a região a partir de um grande projeto de reflorestamento envolvendo a comunidade. Segundo ele, é "preciso plantar para ter sempre o que colher".

## HOMEM-PÁSSARO

"Sou nascido e criado aqui na Ilha do Ferro e desde criança fazia meus próprios barquinhos de madeira pra brincar no Rio São Francisco. Depois, jovem, fui trabalhar na construção de embarcações grandes com o Mestre Aurélio, em Pão de Açúcar. Aprendi a lixar, usar o enxó, o machado, a grosa e o serrote, mas nenhum equipamento elétrico, que naquele tempo não tinha. Há 17 anos, eu sofri um acidente de carro e fiquei de muletas, com dificuldade de caminhar, até hoje não aguento. Mas sempre trabalhando a madeira, fazendo a minha arte. Faço tudo da minha cabeça, observando a natureza, principalmente os pássaros. Já viu que cada um é diferente do outro? Aqui, antigamente, tinha era muito passarinho no mato, uma cantoria. Passarinho já nasce vendo, ouvindo, mas estão acabando com tudo, igual ao que aconteceu com os peixes. Era tanto peixe nesse São Francisco que voavam das águas para dentro das canoas. Quando a gente trabalha com madeira, aprende que cada uma dá uma cor diferente, a baraúna, a aroeira, o umbuzeiro, a imburana. É como as cores dos passarinhos. Eu hoje sei de tudo de memória, diferente do povo que pesquisa no celular. Eu sei como é, de cabeça, a sabiá, a pata-choca, a rolinha, que tem quem chame de fogo-pagou, o chofreu, que é um passarinho muito bonito, preto, branco e laranja. Eu faço ele com todos os detalhes das penas. Tem ainda o canarinho da terra, o canário-amarelo, pintassilgos, siriema, juruti, tesourão, teiú, que é bem escuro com pintas brancas. Mas o povo sai matando os passarinhos pra comer, acabando com a natureza. Eu prefiro transformar todos eles em arte".

Aos 75 anos, **Eraldo Dias Lima** é um dos artesãos mais antigos da Ilha do Ferro. Com uma vida dedicada à carpintaria de barcos artesanais, ele fala da natureza com grande intimidade, principalmente dos pássaros do Sertão. Sabe o nome e o canto de todos os passarinhos que já viu e outros tantos que visitam sua imaginação. Hoje em dia, com dificuldades para caminhar em consequência de um acidente, ele conta com suas criações, esculpidas na madeira, para alçar outros voos, para contar outras histórias através da arte.





...

QUANDO A GENTE  
TRABALHA COM MADEIRA,  
APRENDE QUE CADA UMA  
DÁ UMA COR DIFERENTE,  
A BARAÚNA, A AROEIRA, O  
UMBUZEIRO, A IMBURANA.  
**É COMO AS CORES DOS  
PASSARINHOS.**



## LUGAR NO MUNDO

"Eu faço de tudo. Já fui pedreiro, mestre de obras, coveiro, mas prefiro dizer delegado, porque no lugar que eu prendia ninguém mais saía. Mas depois de 30 anos trabalhando nisso, fui botado pra fora. Hoje acho verdade quando dizem que, quando alguém fecha a porta na sua cara, Deus abre outras duas ou três. Depois que fiquei sem emprego, me dediquei totalmente à arte, coisa que já fazia havia mais de 20 anos. Aprendi muito com o finado Non, com o Seu Fernando, com quem saía para pegar madeira morta nas matas. Ele foi muito amigo, um conselheiro. Eu fui aprendendo a olhar um pau e a enxergar nele um bicho: cobra, lagarto, pássaro, cachorro, onça. Andei muito pelo Rio São Francisco, por muitos povoados, cidades. Uma vez na terra dos índios xocó, perto das Ilhas de São Pedro, avistei uma onça e aquilo nunca mais saiu da cabeça. O meu pai era barqueiro, dono do Estrela d'Alva, que era grande, de dois andares, o maior que teve por aqui. Na minha arte, gosto de fazer coisas diferentes, que o povo acha até estranhas. Gosto de usar muita cor, cabeças de boi cheias de flor, cobra de tudo que é jeito, pegando o jeito do galho. Muita gente compra minhas peças, do Brasil todo, do mundo todo. Uma das primeiras que acreditaram no meu trabalho foi dona Tânia Maya Pedrosa, de Maceió. Mas já apareci na televisão, na Fátima Bernardes. Eu sou nascido e criado aqui na Ilha do Ferro e, pra mim, aqui é o melhor lugar deste mundo. Mas é bom ser reconhecido. Eu quero crescer cada vez mais, fazer minhas peças num ateliê. Agora mesmo, comprei este pedaço de terreno aqui, na frente de casa, para aumentar esta área aqui. Vai ser o local de trabalho e também espaço pra vendas. A ilha hoje é muito visitada, tem muitos turistas. E a gente organizado recebe melhor, vende mais. É isso que eu quero. Viver do meu artesanato, levar minha arte pra tudo que for lugar".



Poucos na Ilha do Ferro sabem o verdadeiro nome do conhecido **Zé Crente**. Aos 60 anos, **José Alvacir Dias de Melo** vive cercado por animais de estimação, no pátio lateral de sua casa, contando histórias e esculpindo a madeira. Seus bichos reais e imaginários brotam multicoloridos de raízes, troncos e galhos das árvores da região. Zé Crente já fez de tudo um pouco; além de mestre de obras e agricultor, foi o coveiro oficial da Ilha por muitos anos, o que desperta a curiosidade dos muitos turistas e lojistas que visitam seu ateliê improvisado, um dos mais concorridos do povoado.



## MEMÓRIA DOS BARCOS

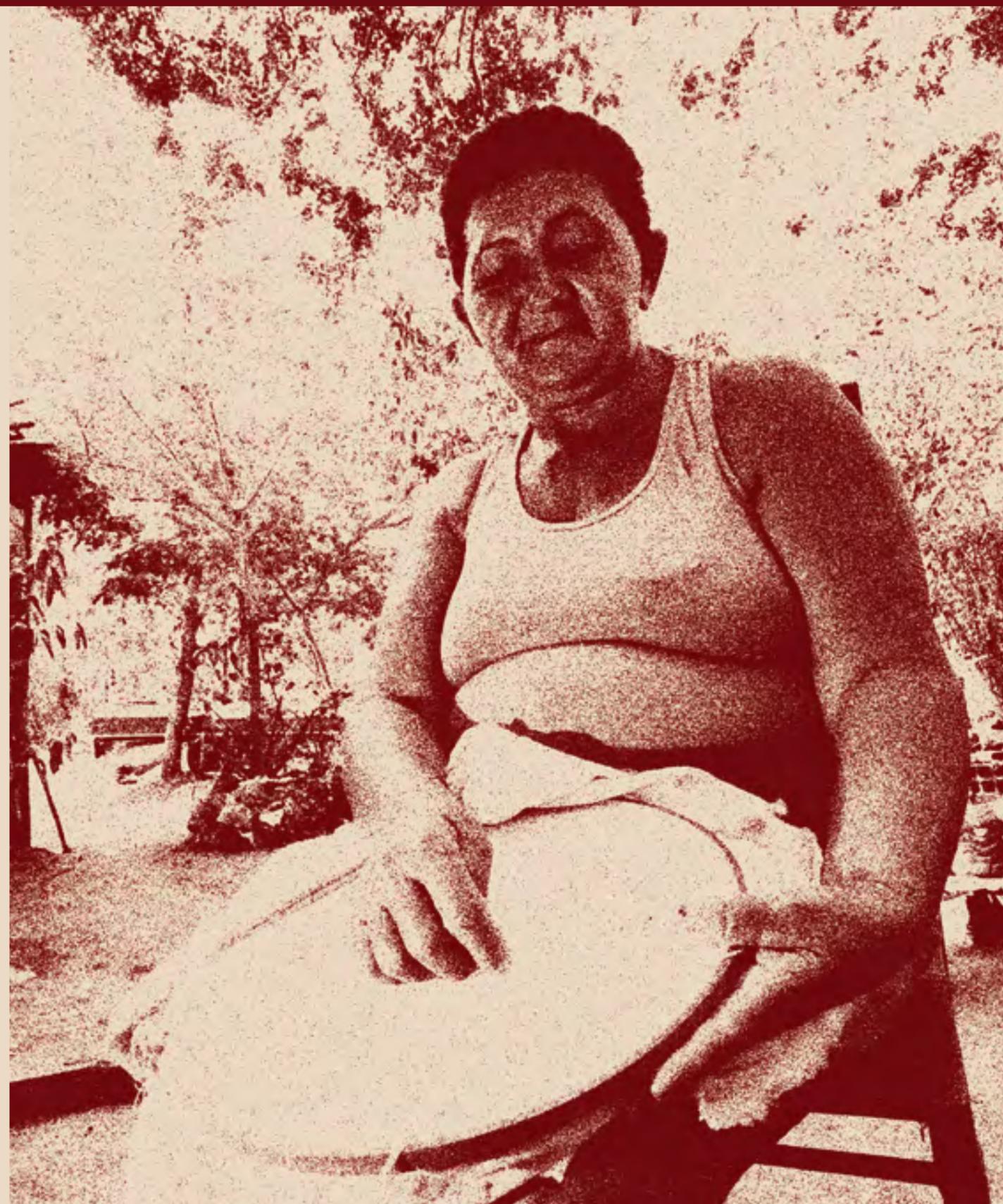
"Eu comecei fazendo bancos, escrevendo na madeira, que era inspirado no trabalho do Seu Fernando, com quem convivi muito, até a morte dele. Fui no hospital em Maceió, depois quando ele veio pra Pão de Açúcar, sempre perto, homenageando a pessoa que fez a Ilha do Ferro ficar conhecida. Aqui nesta região do Sertão, os temas são muito parecidos, o cangaço e Lampião, o Rio São Francisco e seus barcos, o bordado Boa Noite e tudo que rodeia aqui o nosso povoado. Eu sempre dei muito valor a tudo isso e comecei a trabalhar como guia turístico, com o barco pelo rio, subindo e descendo. Nisso, vi pelas margens, em todo canto, muitos barcos sem nenhuma atividade, velhos mesmo e tive a ideia de usar as tábuas e o resto todo nas minhas peças. Uma reciclagem mesmo, já que era tudo madeira boa, cedro, pequi, louro-canela, angiquinho; são embarcações centenárias. Eu desmancho, trago prá cá e refaço. A gente encontra barcos muito bem-feitos nas duas margens, de Piranhas a Piaçabuçu, até dos índios que vivem na beira do São Francisco. Já usei mais de 30 barcos, sempre usando nas peças que faço. Com isso, dou outra chance pra o que já teve vida. Essa placa aqui era de um barco chamado Corisco, que vai ser o nome da minha futura pousada. O povo diz que meu bisavô deu guarida a Corisco, que era do bando de Lampião. Dizem que minha avó nasceu dele. Eu seria bisneto de Corisco, é o que dizem. Mas não tenho certeza. O certo é que minha avó se parecia muito com ele".

Um dos guias mais disputados da margem alagoana do Rio São Francisco, **André Fontes Torres**, o **Dedé**, percorre com seu barco grande parte dos povoados da região. Os turistas atendidos por ele, além de conhecerem as histórias de cada lugar, são testemunhas de sua busca por canoas e barcos antigos que viram matéria-prima de sua arte. Aproveitando madeira de embarcações antigas, ele constrói peças de mobiliário, esculturas e outros objetos que refletem cores e formas de outros tempos.



## COSTURANDO BOA NOITE

"Eu trabalho com o Boa Noite desde os 10 anos de idade. Aprendi com minha mãe, Maria Rosa, que já aprendeu com a mãe dela. Desde aquele tempo, ganhava meu dinheirinho, porque naquele tempo não existia celular e as meninas sentavam pra costurar, fazer artesanato, hoje é que não dão mais valor. Ela vendia as peças a uma senhora que morava em Maceió, Dona Naná. Quando surgiu aqui a cooperativa, eu comecei a trabalhar com o grupo, desde a fundação. A gente se juntava na praça e ficava costurando até as 11 da noite; era uma produção grande. Aqui, a gente não diz bordar, diz costurar. A gente pega o tecido, desfia primeiro, sem desenhar, sem nada, depois coloca no bastidor e começa a costurar a florzinha do Boa Noite. Tudo da nossa cabeça. Antes, não usava bastidor, era uma grade de madeira, como do Filé, só que menor. O linho é o melhor tecido, por conta de ter outra 'queda', também dura mais. Já no lençol a gente usa muito o algodão. Para dar acabamento, faz a bainha aberta ou perfila a borda que costura e em seguida corta com cuidado. Mas a gente não usa a máquina em momento algum, é tudo feito à mão. Eu também sei fazer o ponto cruz, o rendendê, mas o ponto aqui da gente, da Ilha do Ferro, é o Boa Noite. Agora, tudo fica ameaçado. Aqui, de primeiro, tinha muita cultura popular, o pastoril, que era muito lindo, mas hoje as moças não querem mais saber. É como a navegação que existia de porto a porto e movimentava muito. Hoje, isso tá acabando porque o rio tá secando. A gente precisa cuidar pra não deixar morrer o que a gente ainda tem hoje na Ilha do Ferro".



As histórias contadas por **Gilvânia Teixeira Dias Lima**, a conhecida **Dona Vana**, resumem parte da trajetória dos habitantes da Ilha do Ferro. Nascida e criada no povoado, ela aprendeu com a mãe e com a avó, os segredos que envolvem a 'costura' do Boa Noite, o tradicional bordado que ajuda a dar fama internacional ao vilarejo. Um sucesso que também se reflete na vocação empreendedora de Dona Vana que, além de bordadeira e exímia cozinheira, é dona de uma das primeiras pousadas da Ilha, que já foi pauta de importantes jornais, sites e programas de televisão.





## OUTRA VIDA

"Já vaguei muito pelo mundo, vivia pingando entre Alagoas quase toda, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo... já fui pedreiro, carpinteiro, tudo que precisava na construção civil, tudo que era preciso pra sobreviver. Mas sou nascido e criado aqui em Pão de Açúcar mesmo. Moro aqui no assentamento Alemar e já faz uns seis anos que me dedico a fazer mobiliário e escultura. Uso imburana, craibeira, mulungu, pau-ferro, mas tá ficando muito difícil achar no mato, como antigamente. Por isso é preciso preservar, pra ter sempre, pra que os filhos possam alcançar. Eu tenho um filho de 12 anos que trabalha com a madeira já. Pra mim, viver de arte fez e faz a diferença. É uma coisa que conquistei e não quero abandonar nunca".

A vida de **Girleno Alves Amorim**, mais conhecido como **Leno**, se confunde com a de tantos nordestinos que foram obrigados a sair de sua terra na busca por sobrevivência em outras regiões do país. De volta ao interior de Alagoas, ele hoje vive da arte popular, que passou a caracterizar a zona rural de Pão de Açúcar, graças ao sucesso dos artesãos da Ilha do Ferro. Os animais esculpidos na madeira, pintados à mão e o mobiliário rústico acabaram fazendo sucesso entre especialistas e colecionadores. Hoje, as peças de Leno podem ser encontradas em galerias e lojas de todo o Brasil.





## AS BONECAS DE DONA MORENA

"Desde muito pequena gostava de brincar com boneca. Meu pai ia pra rua e comprava na feira pra gente. Depois comecei a consertar; quando rasgava, pegava pano, linha, agulha, minha mãe me dava uns 'croques', meu pai dizia que comprava outra, mas eu não ligava, e assim fui, consertei muitas e comecei a fazer pra mim e pros outros. Eu também costurava o Boa Noite na minha Ilha do Ferro. Era parteira lá, muita gente nasceu assim, comigo aparando. O nome desta daqui é Clotildes. É vaidosa, ela. Uma mulher de Aracaju encomendou e não veio buscar. Acho isso feio, manda fazer e não vem buscar, manda dizer que não sabe quando vem cá. Eu, hoje em dia, tô meio surda. Mas sei muitas histórias de cabeça. E também invento histórias para as bonecas. Esta daqui tem o braço quebrado porque brigou com o marido. Esta daqui eu já não vendo, porque ela é doente das pernas e o povo vai achar que é aleijada. Mas ela é boêmia, gosta de um enfeite, é vaidosa, tem umas mais vaidosas que outras. O povo diz que o cão sabe o dia e a hora de tudo, eu tô que nem o cão, que Deus me perdoe. Minha mãe era que fazia o credo em cruz várias vezes no dia pra afastar o cão de dentro de casa. Naquele tempo se fugia muito do bando de Lampião, que invadia tudo que era povoado. O povo corria, subia as serras com os recém-nascidos nos braços. Acho que era por isso que se vivia com medo, rezando, contando as histórias".

Ela já foi tema de reportagens, trabalhos acadêmicos, exposições, mas o que mais orgulha **Dona Morena Teixeira**, 95 anos, é o fato de ter sido uma das parteiras mais importantes da Ilha do Ferro. Com uma memória privilegiada, ela lembra nomes, datas e muitos 'causos' que conta aos visitantes, ávidos por conhecer um pouco mais a vida no Sertão de Alagoas no último século. Histórias do cangaço, da vida ribeirinha e dos habitantes que ajudaram a povoar a região. Como artista popular, Dona Morena é conhecida por suas bonecas de pano, com nomes e personalidades próprias. Feitas a partir de retalhos, elas ajudam a colorir o rico imaginário da Ilha.



⋮

**SEI MUITAS HISTÓRIAS DE CABEÇA. E TAMBÉM INVENTO HISTÓRIAS PARA AS BONECAS.** ESTA DAQUI TEM O BRAÇO QUEBRADO PORQUE BRIGOU COM O MARIDO. ESTA DAQUI EU JÁ NÃO VENDO, PORQUE ELA É DOENTE DAS PERNAS E O POVO VAI ACHAR QUE É ALEIJADA. MAS ELA É BOÊMIA, GOSTA DE UM ENFEITE, É VAIDOSA, TEM UMAS MAIS VAIDOSAS QUE OUTRAS.

**REJANIA,  
VANDINHO,  
CIRA,  
VIEIRA,  
TOINHO,  
BORÓ,  
CLEMILTON,  
CAMILLE...**

É uma tarefa quase impossível mapear todos os artistas populares em atividade na Ilha do Ferro. Todos os dias brotam novos talentos e outros tantos mantêm seus dons que fizeram a fama do lugar. Um deles é Vieira, que atualmente passa pouco tempo no povoado ribeirinho, mas mantém casa e ateliê de onde voaram seus pássaros e suas versões de barcos, principalmente a canoa de tolda.

Rejania Souza Rodrigues, além de bordar Boa Noite e guardar parte da memória do artesanato em tecido, é filha de Fernando Rodrigues dos Santos, de quem mantém um acervo de peças para um futuro museu.

Ela conta com detalhes a origem do bordado Boa Noite e como ele se tornou uma das marcas registradas do povoado, apesar de ter surgido em outro vilarejo ribeirinho. "É um bordado que imita uma flor muito comum por aqui. Quem ensinou foi a Dona Ernestina, lá na Mata da Onça, em 1946. As mais antigas eram quem contavam isso, Dona Nivalda, Dona Regina, Dona Rosa, mãe da Vana. Mas foi só em 1998, depois de umas amostras colhidas pelo meu pai, que a gente teve uma tentativa de organização. Eu era muito matuta, brocotó do mato, mas fui entregar uma colcha que a gente fez pra primeira-dama do país, Dona Ruth Cardoso. Um tempo depois, sem ninguém esperar, a gente ganhou um prêmio do Programa Comunidade Solidária, de R\$ 65 mil. Digo com orgulho e boca cheia que foi aí que tudo começou".

Camille é filha de Rejane e Valmir, portanto, neta de Seu Fernando. Única mulher artesã da madeira, trabalha no ateliê Boca do Vento com os primos Guilherme, Lucas e o filho dele, João Lucas, que só tem 3 anos e já brinca com a madeira. Rejania conta que o pai nasceu poeta. "Ele foi pescador, agricultor, caçador, divulgador da cultura daqui. Não lia e só escrevia o nome. Mas deitava no banco dele e ditava no caderno para que as pessoas escrevessem o que se passava no pensamento dele. Quem descobriu a riqueza da arte do meu pai, que começou trabalhando na madeira fazendo tamancos, foi o Celso Brandão. Meu pai não era nascido aqui. Era do povoado Japão, de onde saiu menino pequeno com a família, fugindo o bando de Lampião, que espalhava o terror pelo Sertão".

Com olhos que enxergam outros tempos, Rejania explica a origem do povoado. "Aqui, vivia a família Ferro, por isso o nome Ilha do Ferro. Era 'ilha' por conta do barranco de terra que tem aqui na frente, que agora o povo chama 'Ilha dos Anjos', porque o pessoal de Sergipe, do povoado em frente, chamado Bom Sucesso, enterrava seus bebês mortos, seus anjinhos. Essa região aqui foi ocupada por holandeses e quilombolas, de um lado e do outro do rio. Na Ilha do Ferro, quase todo mundo é família. Mãe Morena, Mãe Verana eram as parceiras de quase todo mundo. Por isso todos se ajudam, se apoiam. Todos têm uns aos outros.

Evandro Sandes Pontes, conhecido por todos como Vandinho, tem 55 anos, é atualmente um dos artistas mais ativos da Ilha do Ferro. Sempre aberto a colaborações com designers e marcas que valorizam a cultura popular, é especialista em miniaturas entalhadas na madeira. Ele também "brinca" com a madeira desde criança. "Desde sempre, só trabalhava com coisas pequenas e Seu Fernando queria que eu fizesse coisas grandes. Por trabalhar com miniatura, a Maria Amélia me deu a sugestão de trabalhar com móveis, foram eles que me fizeram conhecido. A minha arte nasceu da observação. Eu faço o meu e vejo o pessoal fazer suas peças. Eu acabo usando muita madeira descartada do entalhe de peças grandes. Muita gente boa chega por aqui e acaba apoiando nossa produção. Maria Amélia, Dalton, Celso, Jairo, Rodrigo Ambrosio. Existe espaço pra todo mundo".

Esposa de Vandinho, Cira Sandes é bordadeira, que respeita as tradições do Boa Noite. Sua influência foi a mãe e as outras mulheres mais velhas da Ilha. Tímida, explica com calma cada etapa da 'costura' e defende a memória das origens do típico bordado sertanejo. "Eu tinha sete anos de idade quando comecei a fazer Boa Noite. Aprendi com a minha mãe e a minha avó. Antes de usar o bastidor, a gente aprendeu a desfilar numa grade. É assim que se faz: desfila o tecido, geralmente de algodão, e depois borda. O branco é o mais tradicional. Dá pra fazer o que a pessoa quiser: lençol, fronha, toalha, caminho de mesa, jogo americano. Eu tenho peças feitas pela minha mãe que são lembranças dela, eu não vendo. Fazem parte da minha história.

As narrativas seguem enredos pessoais, mas a história que contam apontam para um interesse único: a arte. Como a fachada multicolorida pintada por Clemilton, no povoado vizinho, a Mata da Onça, onde esculpe e vende suas peças para o Brasil inteiro, ou o pátio do artista Boró, com suas esculturas e peças de mobiliário formando um verdadeiro jardim no chão de terra sertaneja onde não param de brotar novos talentos.





## TRANÇANDO A VIDA

"Essa fibra é uma benção pra quem mora aqui; onde tiver água nasce a taboa. A fibra já era usada aqui em Feliz Deserto pra fazer esteira, que é comum até hoje. Mas só depois de uma oficina que a gente teve com um pessoal de fora, aprendemos a fazer a trança e a costurar tudo isso que você tá vendo aqui, usando a taboa. Eu sou uma das mais antigas aqui, do primeiro grupo que fundou a associação. Aqui, a gente não tinha muita oportunidade de emprego e trabalhar com essa fibra mudou a vida de muita gente. Mas também têm aqueles que não gostam de esperar. Depois que se aprende a trançar e costurar, tem que esperar vender e aí, com o lucro, todo mundo recebe. Quem tem pressa não quer trabalho. Já chegamos a ter 37 associadas, hoje somos 17 e a sede própria já tem uns 15 anos. Pra quem chega, a gente explica logo como funciona a associação, cada etapa da cadeia produtiva que começa com a colheita do capim, a secagem da fibra, a ripagem, armazenagem e aí é que vem a preparação da trança, que vai depois pra montagem e costura da peça; por último é a impermeabilização, que faz a peça durar. Tudo isso é feito à mão, sem máquina nenhuma. Depois, vende e manda os produtos prontos pela transportadora. Dependendo da encomenda, a gente faz de tudo: cestos, bolsas, pufes, jogo americano, muitas coisas bonitas pra decoração. É só fazer a encomenda que a gente faz. Com a trança pronta, em um dia e meio de trabalho a gente termina uma peça menor. Já o pufe, só pra enrolar, demora um dia. Quem entra aqui tem que entender que, além de manual, nosso trabalho também respeita a natureza. A taboa é um capim, uma planta que cresce em todo o Litoral Sul, mas na hora de cortar tem que ter cuidado pra não atingir a raiz. A gente tira um palmo acima, é como se fosse uma poda. Ele cresce muitos metros, mas se a gente não cuidar pode acabar e lá se vai o sustento da gente".

Marinalva dos Santos, 55 anos, faz parte da **Associação dos Artesãos de Feliz Deserto** desde sua fundação, na década de 1990. Segundo Ana Cláudia da Silva Pinto, atual presidente da entidade, o associativismo promove uma organização institucional necessária ao trabalho manual, que, apesar de ter sido retomado nas últimas décadas, remonta a uma tradição secular, dos artefatos em palha produzidos pelos caetés, povos originários da região. Além de trançar e costurar a fibra seca da taboa, as integrantes entendem a importância da preservação da planta aquática, encontrada em várzeas, lagoas e brejos da região. Por respeitar o manejo sustentável, o Ibama concedeu o selo de produto com matéria-prima natural que respeita o meio ambiente. A associação também conquistou certificação do Unicef e, ao longo de sua existência, recebeu apoio do Governo do Estado, prefeitura municipal, Sebrae, Usina Coruripe e Banco do Brasil, que concedeu um prêmio em dinheiro o qual permitiu a construção da sede própria.





⋮

A TABOA É UM CAPIM,  
UMA PLANTA QUE CRESCE  
EM TODO O LITORAL SUL,  
MAS NA HORA DE CORTAR  
TEM QUE TER CUIDADO  
PRA NÃO ATINGIR A RAIZ.  
**QUEM ENTRA AQUI TEM  
QUE ENTENDER QUE,  
ALÉM DE MANUAL, NOSSO  
TRABALHO TAMBÉM  
RESPEITA A NATUREZA.**



## ARTE NATIVA

"Trabalhar a fibra do ouricuri é uma tradição muito antiga; já veio da minha bisavó e avó, que passaram para minha mãe e dela para mim. Eu também tenho o cuidado de ensinar para as minhas filhas e netas. Todo mundo aqui no Pontal sabe que é uma arte que já veio dos índios que viviam aqui na região. Além dos cestos e utilitários para casa, a gente faz bolsas, chapéus; tudo que encomendam e pode ser feitos com a fibra, a gente faz. Aqui na associação a gente tem agora 20 artesãs. O ouricuri é a palha de uma palmeira nativa que a gente encontra de Coruripe até a Marituba; essa que a gente trabalha vem do Povoado Pontes. A comunidade inteira do Pontal ou vive da pesca ou de trançar a palha. A gente recebe a palha verde, coloca para secar de oito a quinze dias, depois disso a fibra é extraída da palha seca. O refilamento é todo manual. Mas da planta a gente aproveita tudo. A palha, a fibra e o talo têm texturas diferentes que dão a cada peça um resultado único, até a urela, que é a sobra, se aproveita para fazer vassouras. Eu gosto muito desse trabalho em comunidade. Nunca gostei de trabalhar sozinha. Só conseguimos esta produção que temos por trabalhar em grupo. Eu mesma nunca tive carteira assinada; a principal fonte de renda é o ouricuri. Esta sempre foi a minha principal fonte de renda. O maior problema agora é que as novas gerações só querem saber de celular e internet. Por isso, dou aulas para as crianças; temos turmas mirins a partir dos 5 anos de idade. Só assim para manter a tradição, para não deixar esse saber cair no esquecimento".

Líder de um grupo produtivo formado por mulheres artesãs do Pontal de Coruripe, **Maria Leide Santana dos Santos** tem 55 anos e muita história para contar. Uma das pioneiras no aprimoramento do artesanato com a palha de ouricuri na comunidade, ela conta que o trabalho se baseia nas boas práticas de manejo para o chamado extrativismo sustentável, já que a matéria-prima depende da palmeira típica do Litoral Sul de Alagoas. Hoje, além de comercializar as peças em um ponto localizado na região central do Pontal, as artesãs mantêm uma série de trabalhos colaborativos com grandes marcas locais e nacionais.





⋮

**TRABALHAR A FIBRA DO OURICURI É UMA TRADIÇÃO MUITO ANTIGA, JÁ VEIO DA MINHA BISAVÓ E AVÓ, QUE PASSARAM PARA MINHA MÃE E DELA PARA MIM. EU TAMBÉM TENHO O CUIDADO DE ENSINAR PARA AS MINHAS FILHAS E NETAS. TODO MUNDO AQUI NO PONTAL SABE QUE É UMA ARTE QUE JÁ VEIO DOS ÍNDIOS QUE VIVIAM AQUI NA REGIÃO.**





## HERANÇA ANCESTRAL

"Eu me chamo Maria da Luz de Melo, tenho 77 anos e desde os 7 fazia chapéus e bolsas de palha com a minha mãe, que eram vendidas nas feiras de tudo quanto era cidade de Alagoas. Vendia muito na feira de Arapiraca. Mas de uns tempos pra cá, a gente aprendeu a fazer muitas outras coisas, a usar a cor, a fazer peças diferentes. A gente juntou todas as artesãs pela primeira vez para entregar uma encomenda de mil viseiras. A gente teve algumas oficinas e me lembro que uma das primeiras que chegaram por aqui, pelo Sebrae, foi a Mirna Porto. Antes dessa mudança, o produto era pouco valorizado. O Pontal era só colônia de pescadores e a nossa arte tornou o lugar mais conhecido. Isso veio pra ajudar a gente a ter uma melhor condição de vida, por isso digo que mudou para melhor. Hoje, nossa associação tem umas 30 artesãs e é, posso dizer, uma mão pro nosso povo, sustento de muitas famílias. Antigamente, a palmeira do ouricuri dava em todo canto. Hoje em dia, tá mais difícil, a palha vem da reserva florestal da Usina Coruripe e do povoado Pontes, em Feliz Deserto. A gente tem que preservar pra ter sempre. A natureza dá a palha e a gente usa pra fazer nossa cestaria, nossos utilitários, bolsas, chapéus, tudo que você tá vendo aqui. Isso não é de hoje não. É uma tradição antiga, veio dos índios. O mar tem avançado muito e isso acaba ameaçando o Pontal. Tudo isso precisa ser cuidado. Tudo isso faz parte da história da gente: o mar, o lugar, o artesanato.

**Maria da Luz** é uma das pioneiras da **Associação das Artesãs do Pontal de Coruripe**, hoje liderada pela jovem Erica Gomes dos Santos. O processo de produção manual garante a sustentabilidade da atividade, que gera renda para a comunidade. O manejo da matéria-prima obedece ao saber tradicional, garantindo todos os cuidados com o ecossistema local, já que a palmeira é um patrimônio natural da região que precisa ser preservado para as futuras gerações. A associação foi criada em 1999, mas o trançado da palha é uma herança ancestral e remonta à ocupação do território por tribos caetés, antes da chegada dos europeus na região. Hoje, a associação conta com sede própria, com oficina e loja localizadas estrategicamente no Pontal.



⋮

O MAR TEM AVANÇADO MUITO E ISSO ACABA AMEAÇANDO O PONTAL. TUDO ISSO PRECISA SER CUIDADO. **TUDO ISSO FAZ PARTE DA HISTÓRIA DA GENTE: O MAR, O LUGAR, O ARTESANATO.**





"Eu venho de uma linhagem tradicional da escola dos santeiros de Penedo. Aprendi cedo, ainda na infância, nas oficinas que existiam na cidade, a desenhar, pintar, restaurar e esculpir. Essa tradição aqui é antiga, desde os séculos XVII, XVIII e XIX. Com a construção do convento dos frades franciscanos, os penedenses tiveram a oportunidade de aprender latim, música, gramática e artes, já que, entre eles, havia quem dominasse o cinzel e o pincel. Por isso, digo que venho de uma linhagem que teve nomes importantes para a arte sacra alagoana. Os mestres Deoclécio Phidias e seus filhos Júlio, Aurélio e Marieta, que era professora de desenho; Cesário Procópio dos Mártires, que esculpiu a imagem do Bom Jesus dos Navegantes; José Vécio dos Mártires e Antônio Pedro dos Santos, com quem convivi por 11 anos, mantinham oficinas nas escolas, nas próprias casas ou no Círculo Operário de Penedo, sempre com essa formação conventual, onde se aprendia primeiro a desenhar e depois ia aperfeiçoando a arte, como o sombreamento dos desenhos, com luz e sombra. Eles também ensinavam o restauro, com a técnica do brunido, com ouro de 23 quilates, que vinha de navio e aqui se vendia em folhas. Hoje isso não acontece mais. A arte não é fácil, tem que ter o dom, mas acima de tudo é preciso perseverar. Muitos desanimam no meio do caminho, mas eu me sinto realizado. Sempre defendo que, na arte, é o aluno quem divulga o mestre, é o responsável por levar adiante o seu legado. Por isso, também, dou aulas, oficinas. Por muito tempo, fiz isso com o apoio da Funarte, do Ministério da Cultura. Comecei a entalhar madeira ainda na década de 70, sempre usando o cedro, a imburana, a cerejeira, laranjeira e com este trabalho passei a ser conhecido com outros estados: Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e até fora, tem peças minhas que foram parar em países: como Estados Unidos, França e Alemanha. São imagens de São Francisco, Nossa Senhora, Jesus Crucificado, sempre com traços e detalhes muito marcantes. Eu aproveito os santos para retratar o nordestino, o alagoano, o penedense. É assim que me expresso. Não preciso perder o sono, deixar de comer, me preocupar em excesso. Não sou um revoltado com a arte, nem acho que ela seja ingrata, mas gosto das homenagens em vida, do reconhecimento. Eu sou mestre do Patrimônio Vivo do nosso estado e isso pra mim é motivo de grande honra.



**Claudeonor Teixeira Higino** nasceu em 1961, em Neópolis (Sergipe), mas mudou com a família para Penedo antes de completar um ano de idade. Ele começou sua carreira como tipógrafo e hoje representa a quinta geração da Escola de Santeiros de Penedo, depois de 11 anos de aprendizado com o Mestre Antônio Pedro dos Santos, a partir de 1977. As imagens sacras esculpidas em madeira e os temas regionais fizeram sua fama. A riqueza de detalhes das peças leva o nome do artista para outros estados do Brasil e também para o exterior. Desde 2014, é mestre artesão do Patrimônio Vivo de Alagoas.

...

A ARTE NÃO É FÁCIL, TEM  
QUE TER O DOM, MAS  
ACIMA DE TUDO **É PRECISO**  
**PERSEVERAR.**



## O ÍNDIO "CIGANO"

"Eu comecei desde cedo, fazendo meus próprios brinquedos. Fazia miniaturas de barcos, das canoas que subiam e desciam esse Velho Chico. Eu sou penedense, nascido e criado no Barro Vermelho. Mas não divulgava meu trabalho pra ninguém. Já depois de maduro, com o incentivo das minhas filhas e de uma enteada, foi que comecei a desenvolver peças como arte mesmo. Porque uma coisa é certa, fiz meu próprio sapato, bicolor, aos 8 anos de idade. O meu pai era sapateiro. Mas sempre fui um espírito livre, era da paz. Fui bater no Rio de Janeiro como um passarinho, vivendo como *hippie*, durante os anos 60 e 70. Mas como eu tava dizendo, técnica para trabalhar a madeira só fui conhecer bem mais tarde. Mas tenho problemas em conseguir matéria-prima. É que não consigo ver alguém derrubando uma árvore. Por isso, só trabalho com madeira já arrancada, como a jaqueira. Também com cedro de demolição; aqui em Penedo costuma ter muito, das casas antigas. As canoas, de tolda, de carga, fizeram a minha fama. Mas também faço santos, animais e personagens regionais. Mas não gosto de vender, só faço isso porque tenho que ganhar a vida. Eu já fiz de tudo que se possa imaginar, até sócia do cantor Roberto Carlos eu já fui. A verdade é que gosto de ser visto. Eu até hoje não sei por que nasci, mas acho que é para dar algum resultado. Meu pai era caboclo, minha mãe era indígena. A mãe dela era kariri-xocó, de Porto Real do Colégio, morreu com 116 anos. E índio é que nem cigano, por isso acho que sou assim, vivendo de um lado para o outro, sempre viajando. Meio artista, curandeiro, pajé, xamã. Por isso, digo que sou exótico. Mas depois que tirei minha carteira de artesão, botei na cabeça que quero ensinar aos mais jovens; do mesmo jeito que fui incentivado por outros escultores, quero passar para quem quiser aprender. Mas hoje em dia isso é cada vez mais difícil. Poucos procuram a gente pra isso, poucos vêm até o ateliê em busca de alguma coisa. A verdade é que eu quero ir para o outro mundo em paz".

O penedense **José Carlos Vieira Silva**, mais conhecido como Vieira, é um artista popular alagoano que esculpe principalmente barcos de madeira, típicos do Baixo São Francisco. Com uma vida de aventuras entre as regiões Nordeste e Sudeste, define-se como uma alma cigana, mesmo sendo descendente direto de tribos originárias do interior de Alagoas. Atualmente, ele vive e trabalha em um ateliê improvisado, no centro histórico de Penedo, mas sempre recebe nativos e turistas com imensa simpatia e muitas histórias curiosas do passado nômade.



...

EU ATÉ HOJE NÃO SEI POR QUE NASCI, MAS ACHO QUE É PARA DAR ALGUM RESULTADO. MEU PAI ERA CABOCLO, MINHA MÃE ERA ÍNDIGENA. A MÃE DELA ERA KARIRI-XOCÓ, DE PORTO REAL DO COLÉGIO, MORREU COM 116 ANOS. E ÍNDIO É QUE NEM CIGANO, **POR ISSO ACHO QUE SOU ASSIM, VIVENDO DE UM LADO PARA O OUTRO, SEMPRE VIAJANDO. MEIO ARTISTA, CURANDEIRO, PAJÉ, XAMÃ.**

Engenheira e empreendedora social, **Francisca Lima Lessa Lobo**, nasceu no estado do Tocantins, mas mora há décadas em Penedo, interior de Alagoas. Filha e nora de exímias bordadeiras, ela enxergou no associativismo uma forma de incluir socialmente um grupo de mulheres da cidade ribeirinha. Elas acabaram criando, de forma colaborativa, a marca de bordados manuais Pontos e Contos, que produz peças e coleções, cujos temas recorrentes são a cultura penedense e a exuberante região do Baixo São Francisco.



## BORDANDO HISTÓRIAS

"Tudo começou com um projeto social, em 1997. Como meu marido era do Rotary, eu atuava na Casa da Amizade atendendo adolescentes em situação de vulnerabilidade. Um dia, uma moça me procurou pedindo apoio para montar uma associação de bairro. Foi quando eu e minha mãe, Rita, mais conhecida como Dona Ritinha, começamos a trabalhar com mulheres aqui de Penedo, que pudessem ter alternativas de sobrevivência. A jovem que buscou ajuda era do Camartelo, um bairro estigmatizado pela prostituição. Elas precisavam sair desse ciclo de dependência e a nossa intenção era ensinar o bordado, que sempre fez parte das nossas vidas. Minha mãe chegou a bordar para fora por um tempo, para ajudar na renda da família e eu mesma, quando universitária, fiz muito bordado para me manter. Por isso, resolvemos formar um grupo para ensinar as meninas a bordar. No início, não tínhamos lugar certo, era tudo muito difícil. Fazíamos panos de prato, bordados em ponto cruz, tudo muito simples. Mas, ao longo do processo, as coisas foram mudando e chegamos a ter 35 bordadeiras. Nem todas eram da comunidade em que iniciamos o trabalho, já que o projeto acabou atraindo muitas mulheres com necessidade de ter sua própria renda. Eu hoje sou aposentada, mas era engenheira agrônoma na Codevasf. Sou natural de Porto Nacional, no Tocantins, daí casei com um alagoano e vim morar aqui em Penedo há muitos anos. A minha sogra também bordava, chegou a ser professora. A Associação de Inclusão Social Bordadeiras de Penedo nasceu, portanto, antes da Pontos e Contos. No começo, fomos copiando os que faziam narrativas com bordados. Nessa primeira fase, houve influência de Sávia Dumont, uma das irmãs Dumont de Pirapora, que veio dar oficinas e apresentou seus trabalhos. Entramos em contato com Nina Sargaço, que trabalha com narrativas manuais também. Foi a partir da coleção Folclore, desenhada pelo artista plástico, daqui de Penedo, Juan Barros, que despertamos para os temas regionais. Comecei a entender que tínhamos que contar a história da cidade através do bordado, nossas referências culturais, paisagens características, o casario colonial e o próprio rio. Bordamos os Caminhos do São Francisco, com as cidades ribeirinhas; depois as lendas, como o Nego d'Água, as sereias, o Surubim Beijador, assim como os personagens do cangaço, as brincadeiras infantis e todo o universo nordestino em cores e linhas. Fazemos qualquer tipo de peça, para ser usada em casa, para ser vestida, coleções infantis, tudo com modelagem própria. Nossos contos bordados ganharam o Brasil e o mundo, em países como Inglaterra, França, Arábia Saudita. Hoje, essas mulheres que não tinham maiores sonhos aprenderam a sonhar, a viver e a transitar sem serem apontadas na rua. Todas elas têm a carteira do artesão, temos nosso ateliê e loja própria. Elas são mais importantes pra mim do que eu pra elas".



⋮

NOSSOS CONTOS  
BORDADOS GANHARAM  
O BRASIL E O MUNDO, EM  
PAÍSES COMO INGLATERRA,  
FRANÇA, ARÁBIA SAUDITA.  
**HOJE, ESSAS MULHERES  
QUE NÃO TINHAM  
MAIORES SONHOS  
APRENDERAM A SONHAR,  
A VIVER E A TRANSITAR  
SEM SEREM APONTADAS  
NA RUA**



## DESTINOS BORDADOS

"Eu aprendi na Associação das Bordadeiras de Penedo, com a Dona Ritinha, mas já tem alguns anos que trabalho com minha própria marca. A Fulô. A trabalha com inspiração e identidade muito próprias, que nascem da natureza ou da vivência na comunidade. Somos todas mulheres que nasceram e cresceram num dia a dia de dificuldades, mas que nunca desistiram de lutar. Eu sou viúva, formei minhas duas filhas com o bordado e sou exemplo para quem quer começar. Começamos com uma doação de sobras de tecidos. Uma coisa é ter dinheiro para dar início a uma jornada assim, outra coisa é não contar com nada. Hoje, nós somos cerca de 20 mulheres bordadeiras que ajudam nas despesas de casa com o que ganham aqui. As coleções seguem o ritmo das vendas e encomendas. Flores, pássaros, árvores, casas de taipa, o casario típico das cidades e bairros de Alagoas, o cotidiano das pessoas, sempre com o intuito de gerar renda e continuar acreditando. O que ganhamos é para comprar mais tecidos, linhas e ajudar na nossa sobrevivência".

Simpática e extrovertida, o sorriso de **Ana Cristina Ferreira Santos** esconde uma história de vida cheia de desafios. Ela ficou viúva muito jovem e encontrou no bordado o ofício para criar suas duas filhas, já formadas. Sua trajetória teve início na Associação das Bordadeiras de Penedo, base para o trabalho de empreendedorismo social que desenvolve hoje no povoado Murici, no entorno da Várzea da Marituba. Articulada, ela lidera um grupo de mulheres que desenvolvem peças e coleções vendidas em mostras de artesanato, lojas especializadas e também pela internet.

⋮

COMEÇAMOS COM UMA DOAÇÃO DE SOBRAS DE TECIDOS. UMA COISA É TER DINHEIRO PARA DAR INÍCIO A UMA JORNADA ASSIM, OUTRA COISA É NÃO CONTAR COM NADA. **HOJE, NÓS SOMOS CERCA DE 20 MULHERES BORDADEIRAS QUE AJUDAM NAS DESPESAS DE CASA COM O QUE GANHAM AQUI.**







## VOANDO, VOANDO LONGE

"Quando me perguntam o que sinto sobre a minha arte, eu acho que é palavra difícil de responder, mas ao mesmo tempo é fácil, porque a mesma cabeça que faz uma peça assim precisa ter ideia pra responder perguntas assim. Então eu me sinto satisfeito e com certo orgulho, felicidade, porque sei que tô sendo conhecido em muitos lugares que eu mesmo nem sei. Muita gente que vê minhas peças e fotografa, como aquela sereia lá na Pajuçara, acaba levando meu nome. Eu tô aqui no meu canto, mas tem gente de São Paulo vendo meu trabalho, gente nesse meio de mundo aí, pode ser de Brasília, de onde for... às vezes, eu não falo as coisas mas eu tô caladinho pensando, né? A verdade é que eu me sinto um artista, sendo reconhecido quase no Brasil inteiro. Me senti famoso quando aquela peça foi colocada em Maceió, que é uma capital, e por ela fiquei conhecido por todo mundo que passa lá e tira uma foto. Com o meu trabalho, eu tô aqui, mas ao mesmo tempo tô bem longe daqui, através das pessoas. Eu tô voando, voando longe. Eu me sinto um vitorioso. Não precisa ser rico pra se ter felicidade. É saber que tô fazendo uma coisa que agrada a muitas pessoas. Então eu tenho essa felicidade guardada comigo, sabe? Eu posso ir embora um dia, amanhã ou depois, seja lá quando for, mas tenho certeza que um dia, quando partir, vai ter alguém pra dizer: aquele cara fez assim e assim, trabalhava, vendia bastante coisa, era um cara inteligente. Então posso dizer que, graças a Deus, consegui o que queria. Eu tinha este sonho desde que eu era mais novo, mas tava difícil chegar lá. E quando descobri isso aí, aprofundei na minha mente e fui trabalhando com isso; disse pronto: é por aqui que eu vou. Porque já teve peça que o cara dizia: rapaz, você faz isso assim e assim. Eu nunca tinha feito, mas dizia: faço! É o que falo sempre: nunca diga não. Diga sim. Depois disso, vá correr atrás e arrume um jeito de fazer. Eu vou contar a história da sereia. Começou quando um camarada viu um boneco meu do pescador com cabeça de peixe e disse: não dá pra no lugar do peixe o pescador pegar uma sereia? Foi aí que nasceu aquela história diferente, começou daí. Fui fazer a sereiazinha pro pescador puxar pro barco, ela entrou no barco e foi se transformando. Era pequena, depois pediram pra fazer maior, foi assim que ela nasceu. Eu não fui olhar uma outra sereia pra fazer a minha. Eu fui imaginar como era a minha. Como gosto de falar a verdade, tenho que dizer que não conhecia a história das sereias, não sabia como era, nunca tinha pesquisado. É que meu estudo não foi muito. Eu só assino meu nome. Por isso, quando faço minhas peças, eu aprendo também. Mas cansa e, quando termino, preciso descansar. É a cabeça que fica pedindo pra parar um pouco".

Mais conhecido como **Mestre Zezinho**, **José Cícero da Silva** nasceu no Sítio Mocó, em Arapiraca, mas hoje mora em Campo Alegre, municípios vizinhos situados no Agreste alagoano. O artista dá vida à madeira através de imagens coloridas e criativas que retratam cenas do cotidiano nordestino mescladas com seres fantásticos nascidos de sua imaginação. Antes disso, ele foi servente de pedreiro e agricultor. Na infância costumava acompanhar o pai, que construía a armação de madeira das casas de taipa, tradicionais no interior do Nordeste. O menino aproveitava as sobras da carpintaria para construir carrinhos de brinquedo, o que ajuda a explicar a origem lúdica de suas criações. Mas foi na idade adulta que ele encontrou o Mestre Lampião, apelido de Aluízio Nogueira Motas, também escultor em Arapiraca. Observando o seu trabalho, Zezinho começou a esculpir e, como o artesão não demonstrava interesse em continuar no ofício, ele ofereceu seus trabalhos aos artistas plásticos Maria Amélia Vieira e Dalton Costa, galeristas em Maceió. Desde então, sua obra ganhou projeção nacional e internacional, sendo considerado hoje um dos nomes mais conhecidos da arte popular de Alagoas.

## FILHOS DE DEDÉ

"O meu pai teve dez filhos e nove seguem a arte do entalhe da madeira, cada um com seu estilo, com seu traço diferente. Claro que a fonte é uma só, o trabalho do meu pai, que foi quem nos ensinou. Ele foi um homem que batalhou muito duro até ser reconhecido e, mesmo depois disso, sempre enfrentou muitas dificuldades, lavrando a terra, plantando mandioca, feijão, fumo para sobreviver e criar os filhos. A gente ajudava como podia, na terra também e ajudando depois a dar acabamento nas obras, na pintura, na lixa. O meu pai se chamava Antônio de Dedé por conta do apelido do pai dele. Meu avô era José Lourenço, mas todo mundo conhecia ele como Dedé. E assim ficou, virou sobrenome e do meu pai passou para todos nós também. O meu avô também era artesão, a família dele já fazia panela, jarro, purrão, que o povo chama pote, tudo de barro. Eles eram louceiros, gente que trabalhava fazendo utensílio do barro. Mas também faziam balaio de cipó e com carpintaria, fazendo carroças, carros de boi. O meu pai aprendeu então com o pai dele, do mesmo jeito que a gente aprendeu com ele. É a nossa herança, a nossa benção. Mas infelizmente a arte ainda não é valorizada o suficiente e eu mesmo ainda tenho que trabalhar aqui e ali como pedreiro e também na lavoura. Nunca abandono a minha plantação. Igual ao que acontecia com o meu pai. Apesar disso tudo, a gente nasceu com o dom e aprendeu com ele a se concentrar. E isso veio também pra gente. O capricho com o detalhe, o talento de tirar da madeira uma fisionomia diferente. É isso que identifica a peça de cada um. Um São Jorge, um Santo Antônio ou outro personagem que a gente faça, cada um vai ter uma expressão diferente, um detalhe que as pessoas vão reconhecer. Mas o que acontecia com meu pai acontece com a gente também. Mesmo depois dele ter encontrado colecionadores e vendido suas peças, tinha tempo de ficar um intervalo grande sem ninguém procurar, muitas vezes mais de cinco anos. Uma vez meu irmão mais novo tava brincando em frente à escola, quando viu uma mulher na casa de um outro artista daqui de Lagoa da Canoa. Ele foi lá e disse a ela que o pai também trabalhava com arte em madeira. E foi assim que meu pai voltou a vender novamente. Foi a Maria Amélia, que tem uma galeria em Maceió. Quem também valorizava muito o trabalho do meu era o fotógrafo Celso Brandão, que comprou muitas peças dele. A gente continua fazendo do mesmo jeito que ele ensinou. Usando enxó, machado, facão, glosa, lixa, tudo manual, tudo a partir da jaqueira, do cedro e agora do eucalipto-vermelho, que passou a aparecer por aqui. Tudo com dificuldade, mas sempre alegre, que era uma marca dele. Sempre sorrindo, sempre trabalhando".





**Antônio José, Adailton, Ismael e Kleberson Rodrigues dos Santos** são irmãos e representam os dez filhos de Antonio Alves dos Santos, mais conhecido como Antonio de Dedé. Nascidos em Lagoa da Canoa, no Agreste alagoano, eles aprenderam com o pai a trabalhar na roça e a manejar as ferramentas da arte em madeira. Segundo eles, cada um desenvolveu caminhos próprios, mas sempre fiéis aos ensinamentos do mestre, que faleceu precocemente em 2017.



⋮

**O CAPRICHO COM O  
DETALHE, O TALENTO DE  
TIRAR DA MADEIRA UMA  
FISIONOMIA DIFERENTE.**

É ISSO QUE IDENTIFICA  
A PEÇA DE CADA UM. UM  
SÃO JORGE, UM SANTO  
ANTÔNIO OU OUTRO  
PERSONAGEM QUE A  
GENTE FAÇA, CADA UM  
VAI TER UMA EXPRESSÃO  
DIFERENTE, UM DETALHE  
QUE AS PESSOAS VÃO  
RECONHECER.



## HISTÓRIAS DE VIDA

"Eu sou nascido e criado aqui no município de Lagoa da Canoa, no povoado do Alto do Cruzeiro. Mas, com a morte do meu pai, quando eu tinha apenas 12 anos, minha mãe juntou os 16 filhos e mudou para Aracaju, onde morava uma irmã dela. É aí que começa minha história. Passamos por todo tipo de necessidade, uma fome desgraçada. Não era brincadeira, não. Mas tinha uma prainha em Aracaju onde a gente ia catar maçonim; lá também a gente procurava coco-verde que era descartado pra abrir no meio e comer a carne. Eu vou contar a história da minha vida inteira através de peças de arte, vou retratar tudo, inclusive o que estou dizendo aqui. Pra mim, vai ser uma libertação. Depois das dificuldades em Aracaju, minha mãe voltou para Alagoas. Agora a missão era conseguir passagem para a família toda ir pra São Paulo, onde ela iria tentar criar os filhos. A partida da rodoviária em Arapiraca também já está retratada numa peça, que fiz com todos os detalhes. Minha mãe começou a trabalhar numa fábrica de calçados e eu também. Com os restos de saltos de madeira, descartados na fabricação de uma sandália chamada anabela, eu fui iniciando no artesanato. Minha primeira peça, juntando as duas partes das sobras de sapato, foi a frente de um navio. Eu pegava tudo que o patrão jogava no lixo e transformava em arte. Triava, levava pra casa, moldava, dava acabamento. Foi daí que comecei a vender numa feira de artesanato que tinha na frente do Museu do Ipiranga. Depois de um tempo, nos mudamos para uma comunidade em Carapicuíba. Foi a minha primeira experiência vendo como era a dinâmica de uma favela. Mas minha mãe não queria ficar em São Paulo, seu desejo era voltar para Alagoas. Parte dos meus irmãos, já casados, mudou pra Itatiaia, no Rio de Janeiro. Eu ainda fiquei um tempo sozinho em São Paulo. Até que também resolvi voltar. Quando cheguei em Lagoa da Canoa, conheci uma moça que seria a minha esposa. Com filhas pra criar, resolvi arriscar numa coisa pra ver se dava certo. Tinha um lixão na entrada da cidade e, apesar de muito criticado por colegas que trabalhavam comigo na roça, comecei a catar garrafas plásticas de água sanitária. A ideia era fazer máscaras de Carnaval a partir de uma forma que eu moldava à mão. Depois que as peças ficavam prontas, saía vendendo nas barraquinhas de doces em Traipu, Girau, Arapiraca. Foi a primeira vez que ouvi a palavra consignação, que nada mais era do que deixar as máscaras nos carrinhos; se vendesse eu recebia o dinheiro, se não, eu voltava com elas pra casa. Minha mulher dizia: "não vai dar certo". Mas eu continuava. Foi quando conheci o professor Zezito Guedes, artista de Arapiraca. Foi ele que me descobriu e me incentivou, por isso sou muito grato a ele. Eu cresci numa família que não sabia o que era isso. Meu pai era bruto, batia muito no meu irmão mais velho, que era bruto também. Quando fazia traquinagem, meu pai pendurava ele pelo pé, no alpendre, e dava uma surra. Tudo isso eu retrato na minha obra, nas minhas esculturas. Tudo que eu vi nesta vida vira tema: as favelas, as casas em terrenos acidentados, em encostas, os prédios altos da Avenida Paulista, que pareciam cair na minha cabeça. Por isso, faço assim, os prédios meio envergados. É isso que faz a minha arte conhecida no Brasil e no mundo".

A história de vida do artista popular **Raimundo Batista de Oliveira** já inspirou documentário, programa de TV e muitas reportagens. Migrante, ficou conhecido pelas favelas que esculpe em madeira, mas sua arte vai além da representação das comunidades em que morou no Sudeste. Com uma linguagem criativa moldada no imaginário popular nordestino, ele conta histórias através de suas esculturas e pretende contar sua própria biografia em uma futura exposição individual. Presente em diversos catálogos de arte popular, Raimundo já expôs suas obras em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, fazendo sucesso entre galeristas e colecionadores de todo o país.



...

**TUDO QUE EU VI NESTA VIDA VIRA TEMA:** AS FAVELAS, AS CASAS EM TERRENOS ACIDENTADOS, EM ENCOSTAS, OS PRÉDIOS ALTOS DA AVENIDA PAULISTA, QUE PARECIAM CAIR NA MINHA CABEÇA. POR ISSO, FAÇO ASSIM, OS PRÉDIOS MEIO ENVERGADOS.



"Eu sou apaixonado pela madeira desde o tempo em que trabalhava na roça. Via um galho e já tirava um bicho com o facão, um animal que já tava desenhado na minha cabeça. Nesse tempo, eu tirava lenha, fazia cerca, me guiava pela lua, pra tirar a madeira que não ia rachar, que não ia dar bicho. Mas dos 20 aos 35 anos saí daqui do interior e passei um tempo fora. Em Salvador, aprendi a trabalhar de carpinteiro, cobria e madeirava casas. Foi assim que fui fazendo as primeiras peças, fazia um carro de boi com sua carga, aí dava de presente aos conhecidos. Mas não me via ainda como artesão. Quando voltei aqui pra Belo Monte, fazia umas coisas com barro, quando chegou a Maria Amélia e o Dalton. Ela chegou na cidade querendo saber quem trabalhava com artesanato e me achou. Fez uma encomenda com madeira e eu disse que não sabia trabalhar com isso. Ela disse: — Sabe, sim. Pegou um pedaço de imburana e mandou eu cortar em dois: — Faça aqui um casal de bonecos, com meio metro cada um. Eu mesmo me admirei com o resultado. Meu primo disse que parecia gente, mas achei melhor que fosse bicho. Os primeiros pedidos eram pra fazer santo, São Francisco, Nossa Senhora das Dores, São Sebastião. Até que fiz uma primeira cadeira. Eu tinha até medo de sentar, porque não tinha nenhum prego, só pino. Daí pra cá, não parei mais. Faço elas assim, depois pinto, coloco os adornos. Parece um trono. Na verdade, a madeira é viva. Ela mesma se explica como quer ficar.





E isso é uma coisa incrível, difícil de explicar. Parece uma força que pega na minha mão e faz. Muitas vezes de noite vem uma peça na cabeça, uma coisa que me mostra como deve ser feita, aí acordo e faço. Quando penso, eu já vejo o que vai ser. Eu enxergo na madeira e aí vou tirando até a feição aparecer. Antes de bulir, eu converso com a madeira e é como se ela fosse dizendo o que quer ser. Mas eu mesmo não tenho leitura, leio pouco e escrevo o nome a pulso. Não risco nada com o lápis, nem meço, não sei medida de nada das peças. É tudo de olho, na visão. Já as cores que uso vêm da natureza, de quem nasce e vive no Sertão. Aqui, a gente vê flor de todo jeito. Aqui mesmo, na Serra das Porteiras, a flor do pau-d'arco vai do amarelo ao roxo. A gitirana também, cada uma fulora de uma cor. Na Serra do Humaitá, tem flor que parece um desenho feito à mão. Eu comecei a enxergar a arte como uma coisa nova, que tá se criando pra mim. Não me acho o que as pessoas dizem que eu sou. Sei bem o que eu era e não sou de mudar. Quando alguém elogia, fico meio flutuando no ar. Caço a terra embaixo dos pés e não acho. Na verdade, acho que faço o que as pessoas gostam de ver. E eu aprendo com cada pessoa. Eu dou vida ao que já está dentro da madeira. Talvez seja esse o segredo. Parece uma coisa estranha e é. Porque eu mesmo não sei. Quando dou fé, tá feito. Hoje em dia, tá tudo muito diferente, difícil. Essa doença [Covid-19] veio pra mudar tudo de lugar. A roda grande tá passando dentro da pequena".

A arte de **Jasson Gonçalves da Silva**, nascido e criado na zona rural de Belo Monte, em 1954, não é fiel à realidade, ao contrário, encontra terreno fértil na fantasia para representar a exuberância do Sertão. Cadeiras que mais parecem tronos, carancas, animais, santos católicos, seres imaginários e tudo que a imaginação alcançar ganham vida a partir do entalhe da madeira e do uso das cores, vivas como a natureza que brota na Caatinga. Apesar de trabalhar há décadas com carpintaria, a arte de Jasson Gonçalves foi uma descoberta que veio com maturidade. Em 2016, depois de participar de uma imersão com artesãos da Ilha do Ferro, que reuniu designers e artistas plásticos no Projeto Afluentes, o universo fantástico criado pelo mestre ganhou os salões de exposições, os eventos do setor e o interesse cada vez maior de curadores, galeristas e lojistas, tornando Jasson um dos mais respeitados artistas populares de Alagoas.



## TRADUTOR DA NATUREZA

"O professor dos professores é Deus. É ele que nos dá o dom, a vocação. Eu trabalho com madeira desde sempre. Eu nasci em Paulo Jacinto e ainda criança, fazia meus próprios carrinhos de brinquedo, com madeira, lata, fazia bodoque. Quando fui crescendo, comecei a trabalhar fazendo casas de taipa, a armação, com carro de boi, e fazia móveis também. Foi isso que me levou a São Paulo, onde trabalhei como marceneiro. Sou cigano, já nasci sabendo disso, ninguém disse que eu era. Tem artista que é cantor, jogador de bola, mas igual a mim só tem eu. Vejo a madeira na natureza e já trabalho com a forma dela, é assim que é. É ela que diz o que vai ser, um pássaro, uma cadeira, um banco, uma chaleira. Mas só trabalho com madeira morta, não arranco pé de pau de jeito nenhum. Tem que respeitar a natureza. A árvore sofre sem falar, diferente da gente. Por isso, eu tenho respeito, trabalho a matéria-prima como deve ser e sou muito cuidadoso com o acabamento. Já ganhei duas vezes o primeiro lugar em acabamento em feiras que participei. A primeira pessoa que me disse isso foi a Maria Amélia, que comprou algumas das minhas primeiras peças. Também não me incomodo em ensinar, mas o interesse dos jovens hoje é pouco. Eu olhava pra natureza e já sabia o que queria. Uma vez, na margem do Ipanema, deitei embaixo de um pé de catingueiro e nasceu a ideia de fazer os cajados. Com a chaleira foi do mesmo jeito, olhei pro pau e sabia onde tinha que tirar pra formar o objeto. E assim é como explico os animais também. Uma vez fiz uma tartaruga de três pernas. Me perguntaram por que e expliquei: a outra perna ficou presa numa rede de pescador. Outro dia fiz um pássaro com uma falha no pescoço e digo logo: foi uma petecada que ele levou. Desde pequeno, tenho minhas ferramentas, que eu mesmo faço; desde quando vivia na roça. Cada uma tem sua serventia, tudo assim organizado. Eu hoje posso dizer, com 70 anos, que só vou parar de trabalhar quando morrer".

Nascido em Paulo Jacinto, mas reconhecido como patrimônio da arte popular de Batalha, **José Alves da Silva**, o mestre **Chico Cigano**, chega aos 70 anos entalhando a madeira, matéria-prima que marcou sua vida. Autodidata, ele começou na carpintaria, construindo casas de taipa, carros de bois e currais pelo interior do estado. Migrou para São Paulo, onde trabalhou como marceneiro, sentiu saudades de sua terra e resolveu voltar, fixando residência no Sertão alagoano. Exímio escultor de painéis, mobiliário, animais e figuras populares da região, Chico Cigano é dono de um "acabamento impecável", segundo especialistas, e sabe como poucos explorar as texturas naturais da madeira, além de ser excelente ferramenteiro. Com peças expostas no Brasil e no mundo, ele é um dos expoentes mais cultuados da arte popular de Alagoas.



⋮

SÓ TRABALHO COM  
MADEIRA MORTA, NÃO  
ARRANCO PÉ DE PAU DE  
JEITO NENHUM. TEM QUE  
RESPEITAR A NATUREZA.  
**A ÁRVORE SOFRE SEM  
FALAR, DIFERENTE  
DA GENTE. POR ISSO,  
EU TENHO RESPEITO,  
TRABALHO A MATÉRIA-  
PRIMA COMO DEVE SER.**





## ARTE DO COURO

"Fui seleiro a vida toda. Com 78 anos de vida, pelo menos 50 são dedicados ao couro. Sou artesão desde que passei a fazer bainhas pra facão. Aí veio os arreios todos, sela, bolsa, sandália, sapato, chapéu de couro, gibão, alforge de caçador, peças de mobília também, como cadeiras e bancos. O problema é que não somos valorizados. Hoje em dia, não valorizam mais. A gente que trabalha com essa matéria-prima precisa ser valorizado. Nesses anos todos, nunca tive o reconhecimento que merecia pelo tanto que já fiz. Também sou muito ligado ao folclore, liderando blocos carnavalescos em Meirús e o 'Jaraguá', um jumentinho que relincha. Tudo isso feito por amor, além dos muitos anos de trabalho aqui neste cantinho, com meus instrumentos e a minha arte".

**José Roberto Almeida da Silva, o Beto de Meirús,** é um importante personagem da cultura sertaneja alagoana. Nascido na zona rural de Pão de Açúcar, em 1943, mantém seu ateliê no centro da cidade ribeirinha, onde produz peças em couro comercializadas em todo o Nordeste. Multiartista, além de artesão, ele é poeta popular, repentista e figura importante do Carnaval no Sertão.



⋮

TAMBÉM SOU MUITO  
LIGADO AO FOLCLORE,  
LIDERANDO BLOCOS  
CARNAVALESICOS EM  
MEIRÚS E O 'JARAGUÁ',  
UM JUMENTINHO QUE  
RELINCHA. TUDO ISSO  
FEITO, **ALÉM DOS MUITOS  
ANOS DE TRABALHO AQUI  
NESTE CANTINHO, COM  
MEUS INSTRUMENTOS E A  
MINHA ARTE".**



## ANCESTRALIDADE QUILOMBOLA

"Era domingo, no inverno, um dia chuvoso. O pessoal chegou por aqui e foi logo perguntando quem trabalhava com artesanato. Naquele tempo, a gente fazia esteiras, vassouras, chapéus... Eles convidaram a gente pra ir numa feira em Maceió, a Artnor. Convidaram sete pessoas, todas daqui da comunidade. Foi bom demais, eu vi tudo e pensei: 'aqui tem muita coisa que posso fazer igualzinho e por um preço menor'. Depois disso, a gente começou a trabalhar de forma mais unida. Esse pessoal que levou a gente é de Tatajuba, outro povoado daqui de Água Branca. Eles foram explicando tudo pra gente, como trabalhar melhor com a matéria-prima. As mulheres daqui só trabalhavam com a palha seca do ouricuri, porque achava o cipó pesado, trabalho mais pra homem. Mas aprendemos a trançar o cipó ainda verde, mais fácil de moldar. O povo da comunidade já trabalhava com artesanato, panela de barro, sandália de couro, além da palha e do cipó. Tudo isso de geração em geração, como a minha avó que ensinou a minha mãe, que foi com quem aprendi e passei pra minha filha. Nossa cultura já era muito diferente do resto dos povoados. Avós e bisavós eram escravos ou descendentes diretos deles. Foi aí que o Seu Maurício (Brandão) pesquisou e resgatou a nossa raiz quilombola, o que dá muito orgulho, né? Depois disso, fomos construindo tudo que vocês podem ver aqui. Fundamos a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas e com a ajuda do governo conseguimos construir essa sede, que é um verdadeiro palácio. Hoje, as 40 associadas têm onde produzir, estocar matéria-prima e peças já prontas. Antes a gente fazia tudo na casa de farinha, que era espaço pra tudo. Hoje a gente usa a sede também para ensinar o artesanato, ensinando as crianças e jovens a importância de manter a tradição do cipó, da palha, do respeito à natureza. Os mais velhos também ensinam para que servem as ervas que usamos para curar, como preparar, é isso que importa, passar todos os nossos fazeres e saberes. Porque tudo isso é muito importante. Por exemplo, a palha todo mundo sabe que vem da palmeira ouricuri, mas o cipó, esse tem de tudo que é planta. É o cipó verdadeiro, o vaqueiro, o de leite, unha-de-gato, orelha-de-onça, cipó-peixe, cruz, teiú. Tem de tudo quanto é jeito e tudo aqui na região, por isso precisa aprender. Depois da valorização do nosso artesanato, a serra passou a ser visitada pelos turistas, principalmente quem vem para eventos ou para fazer turismo no Rio São Francisco. A gente não vive mais só da roça. Dependendo da demanda, tem trabalho de artesanato pra muitas famílias. Por isso digo que mudou muito ao longo dos anos, mudou para melhor".



A artesã **Marlene de Araújo** é filha de Vó Bela e mãe da Lia. Elas representam as três gerações presentes na **Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas da Serra das Viúvas**, uma comunidade ancestral situada em Água Branca, Alto Sertão de Alagoas. Donos de uma narrativa repleta de história e encantamento, seus habitantes tecem a palha de ouricuri e os cipós que cobrem a região. Vó Bela explica que o nome do lugar surgiu depois que o bando de Lampião matou três chefes de família do local. Ficaram as três viúvas tomando conta da serra. É assim, contando a vida e tecendo sua arte, que as mulheres de Água Branca transformam o cotidiano em poesia.

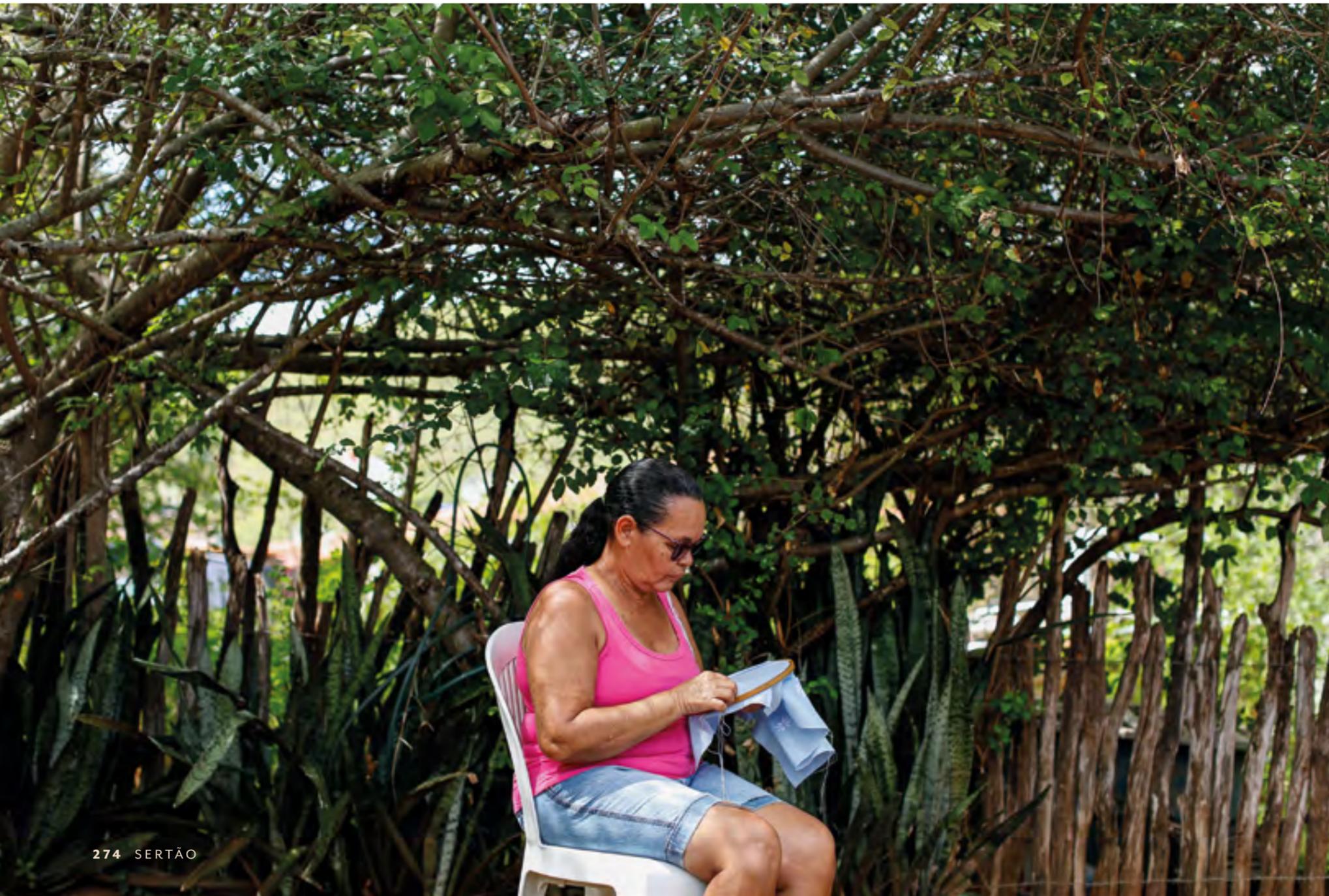


## CAPITAL SERTANEJA DO BORDADO

"Eu tive oito filhos, quatro homens e quatro mulheres, que eu criei quase só. Ter a minha arte foi o que me valeu, que me deu forças para tocar a minha vida e cuidar das minhas coisas. O bordado, na verdade, mudou muito a vida das mulheres daqui. Com a renda do que a gente vende, todas ficaram mais independentes. Hoje, a gente tem mais de 40 associadas, de 19 a 78 anos. Tem gente que vive só do que borda, como eu antes da aposentadoria. Aqui, quem borda mais ganha mais, é por produção, por isso todas se dedicam, contam com esse recurso que é certo. A gente pouco usa a máquina, para alguns acabamentos; mais de 95% do que a gente faz é manual, usando o ponto cruz ou o nosso carro-chefe, que é o rendedê, técnicas tradicionais daqui que as mulheres mais velhas foram passando para as mais novas. Entremontes já era conhecida como a Capital do Bordado, aqui no Sertão, mas em 1999, quando o pessoal do Comunidade Solidário visitou a gente, foi que surgiu a associação. Muitas mulheres gostaram da ideia, outras não acreditaram, disseram que não tinha muito futuro. Mas, deu certo. Antes, não vinha muito turista de Piranhas até aqui. A gente tinha que sair pra vender as peças. Agora, já existe um fluxo maior de turistas e a sede da associação acaba atraindo a atenção de quem chega. A gente antes bordava em um salão, na beira do rio, mas não tinha a estrutura que temos aqui. Eu aprendi menina, porque minha mãe já bordava. Mas a gente precisa incentivar as novas gerações, que hoje em dia só querem saber de telefone e internet, não é como no passado. Mas eu não acho ruim usar do jeito certo. A gente vende muito pelo celular, assim como faz as encomendas do tecido, o panamá, que a gente usa pra bordar. Quanto mais a gente mostra a arte, mais gente vem conhecer e trabalhar em conjunto. Foi assim que a gente conheceu os Irmãos Campana e a Martha Medeiros. A gente já trabalhou com ele e foi muito bom para trocar experiências. Os Campana nos incentivaram muito a ensinar. A gente já teve escolinha de bordado aqui com mais de 30 alunas. É uma arte muito antiga, que precisa ser preservada. É tudo feito à mão, com o pano, agulha e bastidor. Tem quem use dedal, mas eu mesma não gosto. O rendedê não é difícil. Depois que se domina pontos, como o caracol e a estrela, o trabalho vai ganhando rumo e cada uma deixa a sua assinatura de bordadeira. É uma arte que só ajuda a quem vive aqui, na beira do rio. Arte e sobrevivência".



As bordadeiras de Entremontes, povoado ribeirinho em Piranhas, são guardiãs de uma tradição que virou ofício, divulgando o pequeno lugarejo no Brasil e no mundo. O rendedê e o ponto cruz são as técnicas principais, repassadas de mãe para filha, como nos conta **Anália Oliveira Lisboa**. As tramas adornam as mais variadas peças, como toalhas, jogos americanos e guardanapos, feitas em tecido panamá. A **Casa do Bordado de Entremontes** ocupa uma casa colonial colorida, típica do vilarejo que, em 1859, recebeu D. Pedro II durante sua viagem pelo Rio São Francisco. O próprio imperador do Brasil teria batizado o lugar depois de avistar o casario "entre os montes". Repleto de histórias e lendas, dentre as quais a passagem do bando de Lampião, nos anos 1930, o povoado abriga agricultores e pescadores, mas são as mulheres e seus bordados que fazem a sua fama, transformando arte em preservação da memória.







**"E SE VERÁ QUE TEM JEITO  
E SE VERÁ QUE ESTÁ FEITO  
QUE PELO TORTO FIZ DIREITO  
QUE QUEM FAZ CESTO FAZ CENTO  
SE NÃO GUIO, NÃO LAMENTO  
POIS O MESTRE QUE ME ENSINOU  
JÁ NÃO DÁ ENSINAMENTO"**

O tema "arte popular" nunca foi tão debatido quanto nos dias de hoje. Pesquisadores, críticos e curadores, a cada nova publicação, divergem sobre conceitos, abordagens e tentativas de categorização das expressões artísticas que fogem da matriz canônica europeia. De 2018, o livro *Arte Popular Brasileira: olhares contemporâneos* expõe os muitos caminhos que perpassam a questão, deixando evidente que não existe consenso, sequer, sobre o significado de "popular".

O objetivo dessa reflexão não é defender teses ou apoiar esse ou aquele ponto de vista crítico sobre o assunto. O que se pretende é resgatar registros bibliográficos sobre o tema, assim como os diversos olhares em torno de artistas, cujas obras ganham cada vez mais os salões de exposição no Brasil e no mundo. Um acervo vasto e rico que está presente em diversas regiões do país, com grande relevância no Nordeste e, especialmente, em Alagoas, onde observa-se uma das vertentes mais reconhecidas pela crítica especializada e pelo público em geral.

Como dito, o termo arte popular tem sido usado de forma imprecisa, genérica e vaga, tentando dar conta da especificidade de "contextos produtivos, linguagens e técnicas desenvolvidos em paralelo" com os preceitos da tradição artística ocidental centrada na Europa. Para o crítico Tiago Mesquita, "ainda que seja útil, a categoria não é estilística nem histórica".



Segundo ele, não é uma definição nova, mas modifica-se ao longo do tempo, utilizada quase sempre para descrever o imaginário e a produção de inúmeros grupos que formam a complexa configuração do povo brasileiro, de origens ameríndias, africanas, mestiços e brancos colocados à margem, que corriam em paralelo às formas de representação visual da chamada "arte de matriz culta".

Uma das pioneiras nesse debate, a crítica de arte e escritora Lélia Coelho Frota defende o caráter tradicional das chamadas artes do povo, sem que essa tradição represente apenas um resíduo do passado. "Trata-se de um conjunto de práticas sociais, culturais materialmente presentes, que se reproduzem através da transmissão de um conhecimento sempre recriado pelos membros de uma comunidade, em suas trocas recíprocas de experiência".

O crítico e professor de História da Arte, Rodrigo Naves, no prefácio da obra *Teimosia da Imaginação - dez artistas brasileiros*, deixa claro que os artistas ditos "populares" apresentam uma produção bem menos homogênea e linear do que fizeram supor algumas teorias classificatórias. "A todo instante as coisas podem mudar de lugar, e mais uma vez teremos que nos adaptar à nova configuração. [...] As obras podem oferecer uma fruição mais complicada. Mas poucas coisas se assemelham tanto às novas realidades do país".

Como se pode observar, a arte do povo, feita à mão, está longe de ser explicada e ainda não foram aqui destacadas suas relações com o design ou com o 'artesanato'. Fato é que esse campo do conhecimento e da expressão artística desperta cada vez mais o interesse das pessoas, especialistas ou não no assunto.

O olhar "de fora", distante, estrangeiro vem sendo substituído pelo desejo genuíno de entender melhor as estreitas relações entre vida e criação que marcam o cotidiano das pessoas que habitam o interior, o profundo, o que está afastado dos grandes centros ou nas suas margens. Mais do que o olhar crítico ou a abordagem teórica, o interesse é pelas histórias, pelas narrativas pessoais que afastam os selos generalistas e buscam o que existe de singular e único em cada trabalho, em cada trajetória.

**" A TODO INSTANTE AS COISAS PODEM MUDAR DE LUGAR, E MAIS UMA VEZ TEREMOS QUE NOS ADAPTAR À NOVA CONFIGURAÇÃO. [...] AS OBRAS PODEM OFERECER UMA FRUIÇÃO MAIS COMPLICADA. MAS POUCAS COISAS SE ASSEMELHAM TANTO ÀS NOVAS REALIDADES DO PAÍS.**

RODRIGO NAVES

## ORIGENS

No clássico *Tristes Trópicos*, Claude Lévi-Strauss escreve que, "ao fabricar à mão suas próprias miçangas, os índios conferem-lhes um valor tanto maior quanto menores forem, ou seja, quanto mais trabalho e habilidade exigirem". Foi observando o valor de culto dessas experiências, que os pesquisadores passaram a apoiar seus estudos, tornando o debate e o interesse mais frequentes, seja no universo acadêmico, no âmbito das artes plásticas ou do mercado.

A pesquisadora Lélia Coelho Frota, autora do *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro*, traça uma breve indicação do percurso histórico da arte popular no país, embora lembre que o tema esteve envolto à atemporalidade e ao anonimato durante a Idade Moderna (1500-1800), numa espécie de "repressão da cultura popular", observada em nível global.

No Brasil dos séculos XVII e XVIII já se vislumbrava esse "trânsito" nas obras sacras do barroco e do rococó, a partir da reprodução de modelos europeus. "Aparecem aí as raras primeiras manifestações da mão indígena, da mão afro, da mão dos portugueses pertencentes a camadas populares". No século XIX, a autora destaca os primeiros registros do cotidiano no interior retratado em pinturas populares com cenas de trabalho e lazer.

Mas, só no século XX, os modernistas retomaram a tradição romântica de enaltecer as singularidades do Brasil, em suas expressões mais autênticas, propondo quase uma (re)descoberta do país, aparentemente sem distinções do que seria popular ou erudito, como relata a autora. Depois disso, alguns artistas do povo conseguiram vislumbrar espaços antes "proibidos". Isso se deu com o desenvolvimento das ciências sociais no país, que passaram a "refletir a preocupação social e a retratar a vida do povo".

Vale destacar a exposição das peças do Mestre Vitalino Pereira do Santos, antes vendidas nas feiras livres de Caruaru, no Rio de Janeiro, em 1947 e no Museu de Arte de São Paulo (Masp), em 1949. Lélia Coelho Frota lembra que isso motivou o mestre pernambucano a desenvolver um "estilo", que traduz um vocabulário formal próprio, no caso, as esculturas de pequenas dimensões.

Esses autores passaram a apresentar "uma representação simbólica cada vez mais individualizada", com linguagem própria, exprimindo sua experiência de vida com a mesma desenvoltura dos artistas de outras camadas da sociedade.

Em 1969, um projeto ousado do Masp levou ao museu cerca de mil peças da extensa cultura material do Brasil. Carrancas, ex-votos, tecidos e roupas, móveis, ferramentas, utensílios de uso doméstico, instrumentos musicais, adornos, brinquedos, objetos de cultos religiosos, além de pinturas e esculturas. A curadoria desse vasto panorama coube a Pietro Maria Bardi, Lina Bo Bardi, Glauber Rocha e Martim Gonçalves. Arte, arquitetura, cinema e teatro se uniram para reproduzir o imaginário popular de um país inteiro.

*A Mão do Povo Brasileiro* era um desdobramento de outras iniciativas lideradas por Lina Bo Bardi na abordagem do tema, como as mostras em São Paulo (1959), em Salvador (1963) e em Roma (1965). Não se tratava de expor um olhar exótico ou folclórico da manifestação artística, mas de valorizar uma produção até então pouco notada por museus e galerias.

Tratados como "primitivos" ou "ingênuos", os artistas do povo não se prendiam às terminologias ou denominações adotadas pelos cânones da história "formal" da arte. Segundo a concepção da exposição do Masp, remontada em 2016 com curadoria de Adriano Pedrosa, é fundamental apresentar a arte como trabalho. "Nesse sentido, tanto uma pintura de Candido Portinari quanto uma enxada são consideradas trabalho - uma noção que supera as distinções entre arte, artefato e artesanato".

Cumprindo um papel de resgate da memória de artistas do povo e suas obras, o livro *O Reinado da Lua*, lançado em 1980, é fruto de uma pesquisa iniciada em 1976 pelas autoras Silvia Rodrigues Coimbra, Flávia Martins e Maria Leticia Duarte. O trabalho tornou-se rapidamente uma referência, sendo citado em inúmeras publicações até hoje, o que levou a uma nova edição em 2010. Mais de cem escultores tiveram seus depoimentos e registros fotográficos reunidos no volume que, além de apresentar artistas e peças, relata suas condições de vida nos 32 municípios visitados pelas pesquisadoras.

O século XX, portanto, foi marcado pelo reconhecimento, ainda que tardio, dos artistas do povo e da sua importância para a arte nacional. Mas nem por isso os caminhos se tornaram mais fáceis. É preciso um olhar atento e constante para que a quebra de paradigmas aconteça junto com a valorização e o respeito a essas produções, que geralmente retratam histórias de exclusão e invisibilidade.

### SEM FRONTEIRAS

A jornalista e crítica Adélia Borges, responsável pela curadoria de inúmeras mostras e autora do livro *Artesanato + Design: O Caminho Brasileiro*, afirma que o mais importante é destacar aquilo que une a arte, seja erudita ou popular; o design e o artesanato, e não os fatores que tentam separá-los. "Na contemporaneidade, essas fronteiras estão sendo derrubadas [...]. Minhas exposições e livros são como manifestos para que possamos deixar os preconceitos de lado e avaliar a criação humana, sem definições prévias".

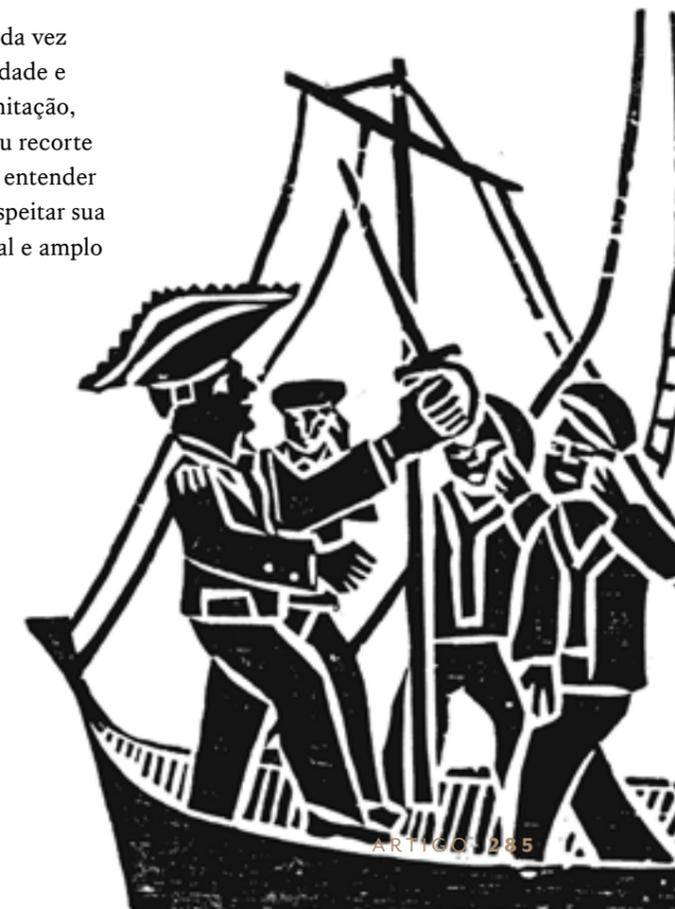
Em seu livro, Adélia Borges registra que, ainda nos anos 1980, teve início um movimento de aproximação entre designers, arquitetos, acadêmicos e os artistas populares. Essa incursão ao Brasil profundo (nos sentidos físico e filosófico) tinha como objetivo revitalizar o artesanato, conhecer as diversas tipologias e preservar processos produtivos passados ao longo das gerações, assim como observar a incorporação de novos elementos, sejam formais ou técnicos, aos trabalhos desenvolvidos.

A autora faz questão de nominar alguns desses profissionais e entidades, pioneiros nesse processo de troca entre os detentores de saberes tradicionais e os profissionais de áreas correlatas, além de nomes pioneiros nesse percurso, como Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães. "Os designers Renato Imbroisi e Heloísa Crocco; a arquiteta Janete Costa; os pesquisadores Lia Monica Rossi e José Marcone Bezerra de Souza, assim como ações coletivas que formataram a Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha (RJ) - Coopa-Roca, e agentes de fomento, treinamento e qualificação como Sebrae e ArteSol".

No século XXI, com o avanço da tecnologia, a arte popular não está apenas nos programas específicos de desenvolvimento local, ferramentas fundamentais para dar visibilidade e viabilidade aos artistas e suas obras. O mercado editorial, os pesquisadores, os críticos e os curadores também começam a dar voz aos criadores, que antes "existiam" através de outros agentes. O mais importante, no entanto, é que os autores estão reivindicando cada vez mais seu lugar de fala, revelando suas "individualidades em sua própria realidade".

Um recente artigo publicado pelo centro de pesquisas sobre Arte Contemporânea do Masp, os autores Pablo Quintero, Patrícia Figueira e Paz Concha Elizalde questionam as narrativas oficiais e a configuração eurocêntrica do mundo da arte. O estudo propõe novas formas de "leituras" sobre acervos e coleções, assim como atenta para o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais, "que questionam e criticam explicitamente os legados coloniais na arte, na curadoria e na produção de crítica de arte".

É chegada a hora de abrir os horizontes para um fazer artístico cada vez mais plural e debater questões, como descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais. A arte, sem qualquer classificação ou delimitação, registra o espírito do tempo (*zeitgeist*), reflete um ponto de vista ou recorte do mundo de quem está criando. Portanto, reconhecer o artista é entender seus processos, sem se prender a conceitos ou terminologias. É respeitar sua liberdade de expressão criativa, no sentido mais humano, universal e amplo do termo.



O que define culturalmente um povo vai além dos conceitos de fronteira geográfica, etnia e história. O tom peculiar de falar a língua dominante, o modo de fazer e servir a comida, os saberes ancestrais que permitem a transformação de um material em outro, além das manifestações artísticas e folclóricas são elementos essenciais na definição de um território. São peculiaridades narrativas que contam vivências e podem ser percebidas nas artes manuais que, em Alagoas, formam um patrimônio criativo único, que distingue a produção do estado de outras partes do Brasil.

O roteiro da arte popular em Alagoas surpreende pela diversidade de matérias-primas, técnicas e percursos históricos. Os artistas estão presentes em todas as regiões, de norte a sul, do Litoral ao Sertão, numa profusão de temas, tramas e personagens só encontrados aqui, referências evidentes dos encontros e desencontros entre as populações nativas tradicionais, os europeus e os africanos escravizados.

Foi para dar conta desse universo complexo e cheio de singularidades que o poder público estadual criou, em 2015, o Programa Alagoas Feita à Mão, idealizado por técnicos sob a liderança da gerente de Design e Artesanato da Sedetur, Daniela Vasconcelos, e coordenação direta da primeira-dama do Estado, Renata Calheiros. Com essa representatividade institucional, foram definidos como principais eixos: a promoção e a preservação da identidade e das técnicas artesanais; o fomento e a divulgação dos produtos e a realização de ações estruturantes, que incluem a melhoria das condições de trabalho e o apoio à comercialização de peças dentro e fora de Alagoas.

Os pressupostos que regem o programa baseiam-se na visão do artesanato alagoano como uma síntese expressiva, criativa e simbólica inserida nas tradições populares brasileiras, em consonância com o Plano Nacional de Cultura, de 2010; o Sistema Nacional de Cultura, de 2012; e o Plano Setorial do Artesanato Brasileiro, com vigência 2017/2025.

O marco conceitual e jurídico respeita a Convenção da Unesco sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assim como a convenção da entidade que estabelece a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, das quais o Brasil foi um dos primeiros signatários.

O programa também segue a base definida pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), que é representado em Alagoas pela Gerência de Design e Artesanato da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur). É a gerência que coordena e executa ações que visam valorizar a atividade artesanal em três dimensões: artístico-cultural; econômico-comercial e produtivo-laboral.



Desse modo, o Programa Alagoas Feita à Mão defende o artesanato local como patrimônio vivo e vibrante da cultura alagoana, resultante de um processo secular da transmissão das memórias étnico-culturais de seu povo, nas duas dimensões orais, lúdicas e laborais das comunidades rurais e urbanas. Baseado nesse percurso da formação social e territorial, foi possível determinar as características que singularizam o artesanato alagoano na vasta produção de arte popular brasileira.

São determinações históricas, culturais, simbólicas, organizacionais e institucionais distribuídas em seis aspectos distintos: os conhecimentos tradicionais, a identidade cultural, o patrimônio imaterial, a expressão artística, a consciência ambiental e a organização coletiva. Foi a partir do reconhecimento a tais pressupostos que o bordado Filé tornou-se Indicação Geográfica (IG), em 2016, obtida junto ao Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi).

### NOVOS CAMINHOS

Na opinião de especialistas em arte popular e design, como a pesquisadora Adélia Borges, criar programas desse tipo é um dos pressupostos que podem guiar a revitalização da atividade no Brasil, já que não existe uma fórmula pronta, um receituário, pois diferentes questões exigem diferentes respostas. "A constatação e a análise do que preexiste em determinado lugar são condições indispensáveis para traçar uma estratégia de trabalho, caso a caso".

Para melhor conhecer a realidade do artista, o programa alagoano caiu na estrada, visitando os 102 municípios para acompanhar os ciclos de produção e, dessa forma, realizar um mapeamento cuidadoso dos processos artesanais, tanto os que já se configuram como tradicional quanto ao que é descoberto. Identificar tais potencialidades é também zelar pela preservação cultural de Alagoas e, ao mesmo tempo, fomentar o empreendedorismo, a economia criativa e o desenvolvimento local, promovendo a melhoria da qualidade de vida dos artesãos e suas famílias.

O contato direto com o artista em suas oficinas e ateliês, a partir do seu entorno, permite identificar suas necessidades e demandas, fazendo do Programa Alagoas Feita à Mão um aliado das comunidades, que passaram a enxergar no poder público um parceiro próximo, com o qual pode contar.

Desde sua criação, já são mais de 15 mil artesãos cadastrados, de acordo com dados do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab), que formam uma grande rede de cooperação mútua para o incremento da produção e comercialização dos produtos. A identificação também se dá de forma prática, com a fixação, na frente de casas e ateliês, das placas "Aqui tem Alagoas Feita à Mão" em mais de 100 pontos mapeados em todas as regiões.





## GESTÃO DE RESULTADOS

Com foco na gestão para resultados, o programa instituiu uma metodologia de reconhecimento: o artesão recebe visitas de censo e curadoria, com isso ele se torna apto a participar de feiras e rodadas de negócios em todo o país. Também é incluído nas expedições de lojistas e podem participar, gratuitamente, da plataforma virtual Galeria Alagoas Feita à Mão, que conecta diretamente o artista e o seu cliente, criando, desse modo, uma possibilidade de divulgação em múltiplas plataformas.

Os espaços físicos de comercialização, que funcionam sazonalmente, permitem o encontro do artista com seu público. É o caso das lojas-conceito nas dependências de shopping centers e a loja-contêiner instalada na orla de Maceió, que atraem um grande número de alagoanos e visitantes durante as temporadas de maior fluxo turístico no estado.

Os artistas integram ainda uma publicação especializada, desde 2016, o Catálogo Alagoas Feita à Mão, um guia comercial do artesanato alagoano, fruto dessas expedições *in loco* e da troca de informações com a equipe técnica. Com uma atualização periódica, o conteúdo engloba os principais nomes e grupos representativos que atuam no estado a partir de uma seleção onde se leva em conta a tipologia, a região e a capacidade de comercialização.

São mestres artesãos, artistas populares, associações, cooperativas, grupos produtivos apresentados com imagens e textos a lojistas, galeristas e colecionadores de todo o Brasil, com mapa ilustrado da distribuição das matérias-primas e dados comerciais para o contato direto com quem produz.

As visitas permanentes aos locais de produção também levam os técnicos do programa a conhecer de perto a realidade socioeconômica dos artistas. Com isso, tornam-se possíveis projetos para construção e reforma de ateliês, além das doações de equipamentos para a melhoria das condições de trabalho dos grupos mais representativos em cada região.

A reforma e a ampliação do espaço liderado pelo Mestre João das Alagoas, em Capela, e a construção de um ateliê na Associação das Mulheres Quilombolas da Serra das Viúvas, em Água Branca, são exemplos desse tipo de ação.

O trabalho técnico do programa passa, essencialmente, pela humanização do relacionamento com as pessoas envolvidas com o processo produtivo da arte popular em Alagoas. As histórias de vida dos mestres artesãos, principais fontes criadoras, inspiram oficinas, workshops e aulas mais permanentes em ateliês ou espaços da própria comunidade. Como detentores de um legado que nasceu de forma autodidata, os mestres passam a cumprir um papel importante na formação das novas gerações, fazendo surgir novos artistas populares.



## PORTAS ABERTAS NO BRASIL E NO MUNDO

O Programa Alagoas Feita à Mão também tem como missão apresentar a arte alagoana ao Brasil e ao mundo. Para que isso ocorra, é preciso valorizar o trabalho de cada artista, promovendo eventos, participando de encontros e exposições. As comemorações do Dia do Artesão movimentam o cenário local, todos os anos, com mostras, palestras e oportunidades de comercialização de produtos, transformando a data no ponto alto do calendário alagoano.

O festival atrai, a cada ano, um número cada vez maior de visitantes e firma parcerias interessantes no âmbito estadual, que inspiram outros eventos locais, com apoio do Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, Maceió Convention & Visitors Bureau, prefeituras municipais, Sebrae e empresas privadas, a exemplo de shopping centers e rede hoteleira.

O programa também leva o nome do estado para encontros nacionais e internacionais, seguindo o calendário de feiras anuais organizadas pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Dentre as mais importantes, destacam-se o Salão do Artesanato, em Brasília, a Fenearte, em Recife, a Feira Nacional do Artesanato, em Belo Horizonte, e o Salão do Artesanato, de São Paulo.

Foi ainda com foco na divulgação da arte feita no estado que o programa criou o Circuito Alagoas Feita à Mão, intervenções urbanas por meio da instalação de quatro esculturas gigantes na orla de Maceió, destacando a importância da produção artesanal e sua inserção nos roteiros turísticos.

Quem desembarca na capital alagoana pode apreciar a Sereia do Mestre Zezinho, a primeira inaugurada, em 2017; o Beijo, de Dona Irinéia, na Jatiúca; o Boi, de João das Alagoas, no Jaraguá; e o Leão, de André da Marinheira, no Pontal da Barra, todas entregues à cidade em 2018.

Em 2019, foi a vez da produção artesanal de Alagoas protagonizar a Semana de Design de São Paulo, um dos eventos mais importantes do setor na América Latina. Uma exposição com o sugestivo título de *Amostrada* ficou mais de um mês em cartaz nas dependências do Shopping D & D, na capital paulista.

Tendo como mote a releitura de tronos, dignos de reis e rainhas da cultura popular, artesãos de todo o estado apresentaram suas peças em madeira, barro, ferro, numa homenagem ao mestre Fernando Rodrigues, famoso por suas cadeiras e bancos feitos a partir de raízes e galhos de árvores.

O encontro entre o design e o artesanato teve início em 2017, quando o programa lançou a Coleção Alagoas Feita à Mão, desenvolvida em parceria com o arquiteto e designer Rodrigo Ambrosio, um dos curadores da exposição *Amostrada*. A coleção resultou em seis peças exclusivas, cuja execução coube a artesãos de 12 municípios a partir de técnicas e matérias-primas locais.

As peças uniram, desse modo, a argila da Barra de Santo Antônio e o talo de coqueiro de São Miguel dos Milagres; a palha de ouricuri de Coruripe ao couro de tilápia de Piranhas; o ferro de Palmeira dos Índios à fibra de bananeira de Atalaia; e assim foi com o cipó de Água Branca e o bordado de Penedo; o coco de Maragogi com o filé de Marechal Deodoro; a madeira de Maceió com a fibra de taboa de Feliz Deserto.

Unindo norte e sul, leste e oeste, a coleção permitiu a mistura de saberes ancestrais e design de ponta, estabelecendo elos entre cultura popular e produção contemporânea. O caminho da cocriação e da colaboração foi aberto e desde então não parou de render frutos apontando, inclusive, uma rota para o futuro que reúne antigos e novos artistas.

Inspirar, estimular, apoiar projetos e iniciativas são essenciais ao Programa Alagoas Feita à Mão. Entre 2019 e 2020, essa missão foi além. Como ainda não havia um acervo próprio, o Governo do Estado resolveu encomendar 37 peças a 18 artistas populares de todas as regiões do estado. Nasceu assim a exposição *Preciosa*, que deu início ao conjunto de obras que pretende reunir o maior número possível de talentos alagoanos.

Para a idealizadora do projeto, a primeira-dama Renata Calheiros, não se trata apenas de disponibilizar as peças para apreciação dos alagoanos ou salvar o nosso patrimônio cultural e artístico. *A Preciosa* representa, antes de tudo, a valorização do trabalho de homens e mulheres que são as maiores expressões da arte popular de Alagoas, que se destaca em todo o país e no mundo. Segundo ela, é a possibilidade de ampliar essa representatividade, fazendo com que a população tenha orgulho da arte moldada pelas mãos do povo alagoano.

### CONEXÃO MIAMI

Em 2021, o Programa Alagoas Feita à Mão ampliou suas fronteiras, abrindo caminhos para a inserção dos artistas populares alagoanos em um dos mais importantes mercados de design e arte contemporânea do mundo, os Estados Unidos da América. Com a exposição *ALAGOAS - the brazilian artisanal soul'*, nossa arte chegou ao circuito oficial da Semana de Arte e Design de Miami, na Flórida.

O evento representou mais que uma oportunidade de divulgação. A participação alagoana deu visibilidade aos nossos artistas no encontro que reúne as principais galerias do mundo, expandindo e enriquecendo o Programa Alagoas Feita à Mão. Nossa representação contou com 23 peças criadas por 13 artesãos de todas as regiões do estado, ocupando um espaço de 18m<sup>2</sup>, concebido especialmente para abrigar as obras. O sucesso da exposição foi a prova, mais uma vez, que não existem limites, culturais ou geográficos, para a arte genuinamente alagoana.



A instalação VENTO NORDESTE / ALAGOAS é uma experiência sensorial que apresenta uma paisagem contemporânea e um espaço de diálogo, com elementos para as diversas tipologias de visitas: familiares, pedagógicas e corporativas.

Realizações: P&P, Negatives, Nova Escola, RedeMidi, Mito, Lufthansa, Sheraton, Hotel Capota, Telenor, Telenor de Comunicação, e Hotel Avenida e Hotel de Turismo. Mais à venda em Alagoas.

## VENTO NORDESTE / ALAGOAS

Design	Programa
RODRIGO AMBROSIO	FRANÇOIS PEREIRA & P&P
Comissão	Artista
MITO COLEÇÃO	RODRIGO AMBROSIO
Coordenação	Curador
ALAN HENRIQUE	ANTONIO PAULO AMARAL
EDUARDO LAMARCA	DANIELA F. FALCÃO LIMA
Instalação	Intervenções
ALAN HENRIQUE	ANTONIO PAULO AMARAL
	DANIELA F. FALCÃO LIMA

Realização: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas



Instalação Vento Nordeste na Fundação Bienal de São Paulo, 2019, por Rodrigo Ambrosio

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTAVILA, Jayme de. **História da Civilização das Alagoas**. Maceió: Edufal, 1980.

AMBROSIO, Rodrigo (Organizador). **Coleção Alagoas Feita à Mão**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

AVELAR, Romeu de. **Calabar**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2019 (1938).

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. **Solitários no Paraíso**: Produção Cultural e Expressões de Isolamento em Maceió. Maceió: Fapeal/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

BARROS, Rachel Rocha de Almeida; CAVALCANTI, Bruno César (Pesquisa e Textos); AMORIM, Vania Luíza Barreiros (Organizadora). **Iconografia Alagoana**. Maceió: SEDEC/SEBRAE, 2011

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: O Caminho Brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BRANDÃO, Celso. **Ilha do Ferro**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 1999 (1949).

COIMBRA, Sílvia Rodrigues; MARTINS, Flávia; DUARTE, Maria Letícia. **O Reinado da Lua**. São Paulo: Editora Salamandra, 1980.

COSTA, Craveiro. **História das Alagoas**: Resumo didático. Rio de Janeiro / Maceió: Melhoramentos / SERGASA, 1983 (1929).

DANTAS, Cármen Lúcia; BRADEL, Alex (Organizadores). **Alagoas de Pierre Fatumbi Verger**. Maceió: Caleidoscópio, 2010.

DANTAS, Cármen Lúcia (Pesquisa e Texto). **Mestres Artesãos de Alagoas**: fazer popular. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas**. Maceió: Edufal, 1980.

DUARTE, Abelardo. **Catálogo Ilustrado da Coleção Perseverança**. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1974.

EID, Vilma; MONTE-MÓR, Germana (Organizadoras). **Arte Popular Brasileira**: Olhares Contemporâneos. São Paulo: Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro/WMF Martins Fontes, 2018.

ESPÍNDOLA, Thomaz. **A Geografia Alagoana ou Descrição física, política e histórica da Província das Alagoas**. Maceió: Edições Catavento, 2001.

FELIPPI, Vera. **Decifrando Rendas**: Processos, Técnicas e História. Porto Alegre: Ed. da Autora, 2021.

FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro — Século XX**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Ivan Fernandes. **Ocupação Espacial do Estado de Alagoas**. Maceió: Sergasa, 1992.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. Cosac & Naify, 2014 (1935).

LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013 (1952).

LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província** — Estudo da Cultura Alagoana. Maceió: Edufal, 2005.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/EdUneal/Fapeal, 2019.

MENEZES, Catarina Agudo. **A Escrita no Chão**: a Formação do Território de Alagoas por Meio de Fontes Coloniais. Maceió: Repositório Institucional da UFAL, 2011.

MONTES, Maria Lucia; NAVES, Rodrigo. **Teimosia da Imaginação**: dez artistas brasileiros. São Paulo: Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro/WMF Martins Fontes, 2012.

MORAES, Dênis de. **O Velho Graça** — Uma Biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de. Mário, Jorge in **Teresa: Revista de Literatura Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2002.

PEDROSA, Adriano; TOLEDO, Tomás (Organizadores). **A Mão do Povo Brasileiro**, 1969/2016. São Paulo: MASP, 2016.

PEDROSA, Tânia de Maya (Organizadora). **Arte Popular de Alagoas**. Maceió: Grafitex, 2000.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos de-coloniais**. Arte e colonialidade: n.3. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado Baixo**: Religião e Política na Primeira República. Maceió: Edufal/Aracaju: Editora UFS, 2012.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Histórias do Atlântico Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**, 1500-1627. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Edusp, 1982.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos; COSTA, Jairo José Campos (Organizador). **Um jeito de olhar**. Arapiraca: EdUneal, 2017.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta, 2003.

### CITAÇÕES AO LONGO DO LIVRO

Caetano Veloso (Terra); Renato Russo (Índios); Ruy Guerra/Chico Buarque de Holanda (Fado Tropical); Leila Diniz/Milton Nascimento (Brigam Espanha e Holanda); Gilberto Gil (Zumbi); Jorge de Lima (Invenção de Orfeu; poema Xangô); Medeiros e Albuquerque (Hino da Proclamação da República); Wado (Alago(u)as); Caetano Veloso (Circuladô de Fulô).

**Governador de Alagoas**

José Renan Vasconcelos Calheiros Filho

**Primeira-dama de Alagoas**

Renata Calheiros

**Secretário de Comunicação**

Enio Lins

**Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo**

Marcus Beltrão Siqueira

**Gestora do Programa Alagoas Feita à Mão**

Daniela Vasconcelos

**ALAGOAS  
MEMÓRIA DAS MÃOS****Curadoria**

Daniela Vasconcelos

Guilherme Lamenha

**Direção Criativa**

*(doação)*

Rodrigo Ambrosio

**Projeto Gráfico e Edição**

*(doação)*

Rodrigo Ambrosio

Roger Ferraz

**Textos e Pesquisa**

*(doação)*

Guilherme Lamenha

**Fotografias**

Felipe Brasil

Jonathan Lins

Thiago Sampaio

**Fotografias em preto e branco da Ilha do Ferro**

*(doação)*

Celso Brandão

**Xilogravuras**

Mestre Enéias Tavares dos Santos

**Revisão**

Giuliano Porto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Alagoas, memória das mãos / curadoria Daniela Vasconcelos,  
Guilherme Lamenha. -- Maceió, AL : GrafMarques, 2022.

Bibliografia.  
ISBN 978-65-86318-06-7

1. Arte e cultura 2. Cultura popular - Alagoas (Estado) - História 3. Mestre Verdinho, 1945-2010 I. Vasconcelos, Daniela. II. Lamenha, Guilherme.

22-98613

CDD-745.098135

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cultura popular : Alagoas : Estado : Arte : História 745.098135

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Composição artística da capa: criação de **Rodrigo Ambrosio** e **Roger Ferraz** para o livro *Alagoas Memória das Mãos* (2022).

Detalhe da capa e guarda: reprodução da gravura *Alagoa ad Austrum* (1671), de **Frans Post**, in *Mapas: Imagens da Formação Territorial Brasileira* (1993).



